

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Andriele Franco Pereira

**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE PSICÓLOGAS(OS) E A RELAÇÃO COM SEUS
PROCESSOS FORMATIVOS**

Belo Horizonte
2022

Andriele Franco Pereira

**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE PSICÓLOGAS(OS) E A RELAÇÃO COM SEUS
PROCESSOS FORMATIVOS**

Dissertação de Mestrado apresentada para qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto

Área de concentração: Processos de subjetivação
Linha de pesquisa: Intervenções Clínicas e Sociais.

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436i Pereira, Andriele Franco
Inserção profissional de psicólogas(os) e a relação com seus processos formativos / Andriele Franco Pereira. Belo Horizonte, 2022.
121 f. : il.

Orientador: João Leite Ferreira Neto
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Psicólogos - Formação profissional - Poços de Caldas (MG). 2. Psicólogos - Prática profissional. 3. Psicologia - Estudo e ensino. 4. Currículos - Psicologia. 5. Mercado de trabalho. 6. Qualificação profissional. 7. Pesquisa qualitativa. I. Ferreira Neto, João Leite. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.9

Andriele Franco Pereira

**INSERÇÃO PROFISSIONAL DE PSICÓLOGAS(OS) E A RELAÇÃO COM SEUS
PROCESSOS FORMATIVOS**

Dissertação de Mestrado apresentada para qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto (Orientador)

Prof. Dr. Miguel Omar Gallegos de San Vicente– PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr.^a Fernanda Mendes Resende – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr.^a Érika Lourenço – UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 14 de março de 2022

DEDICATÓRIA

Dedico o encerramento deste ciclo às duas pessoas que efetivamente viveram a jornada em busca da realização de um sonho junto comigo.

Meu filho Davi, que, mesmo não compreendendo a razão, aceitava a ausência da mamãe, sem questionar; quantos passeios e brincadeiras tiveram que ficar para depois, porque os estudos consumiam boa parte dos meus dias.

Meu marido Marco Antônio, que abraçou o Meu sonho e não mediu esforços para que ele se tornasse realidade, e, não somente isso, segurou forte em minha mão, nos momentos em que pensei que não conseguiria. E sempre foi meu ombro e meus ouvidos amigos, me dando todo suporte físico e emocional necessário, ao longo dos dois anos de realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu amparo todos os dias, me fortalecendo e me fazendo seguir sempre em frente, mesmo diante de tantos desafios, me fazendo sempre lembrar que, a cada amanhecer, existiam inúmeras possibilidades, e que desistir nunca foi uma alternativa, me fortalecendo a cada dia, para enfrentar os incontáveis desafios que esta trajetória de estudos apresentou.

Agradeço a toda minha família, por compreender as minhas ausências e as renúncias necessárias, para a concretização deste sonho: sem vocês, jamais teria conseguido. Todo meu suporte e amor incondicional veio de vocês.

Ao meu esposo, companheiro de jornada e amigo inseparável, por todo apoio, na rotina diária e também suporte financeiro, pois não hesitou em abraçar o meu sonho e seguir comigo, segurando a minha mão: foram noites de insônia e preocupação, afinal, iniciar um mestrado exatamente junto com uma pandemia, que desorganizou toda nossa rotina, não foi nem um pouco fácil, mas juntos vencemos.

Em especial, ao meu filho Davi minha força e estímulo maior, para seguir sempre em frente: doeu muito deixar de estar com ele nos momentos de brincadeiras e do vasto universo do desenvolvimento infantil, mas sempre me nutria a certeza de que a maior felicidade de um filho é ver e sentir a mãe realizada.

À minha querida mãe dona Tereza, que nunca compreendeu muito por que preciso estudar tanto, mas, mesmo assim, sempre me apoiou, sendo nossa rede de sustentação e apoio na rotina familiar, ao longo destes anos de estudo.

Sem condições, no momento, de citar o nome de todas as amigas(os), que, também, conviveram durante dois anos com a minha ausência, mas sempre compreensivas e sabendo que tudo era em prol de um bem maior, então, para não me esquecer de citar todos os nomes, fica aqui a minha Gratidão, por tudo e por tanto, por serem e estarem comigo, em todas as circunstâncias.

Agradeço em especial ao meu orientador, professor João Leite, por ter acreditado no meu tema de pesquisa, me estendido a mão, para caminharmos juntos, e, acima de tudo, pela oportunidade de trabalhar nesta pesquisa, vários foram os ensinamentos, a disponibilidade e flexibilidade para os nossos encontros, e, acima de tudo, a paciência, muita paciência.

As professoras Fernanda Mendes Resende e Erika Lourenço, por aceitarem o convite, para participar da banca e pelas importantes contribuições, aprendi muito com vocês.

Agradeço a todos os professores e funcionários da Puc Minas, por tanto conhecimento compartilhado nas aulas, ministradas no curso: vocês foram e sempre serão fontes de inspiração.

Por fim, agradeço à Faculdade Pitágoras de Poços de Caldas, onde pude aprender, na prática, tudo o que estava desenvolvendo no curso de Mestrado, foi uma experiência e oportunidade rica de aprendizados, nas quais estou me construindo como docente universitária.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar como ocorre o processo de formação inicial das psicólogas, em Poços de Caldas-Mg e região, e os desdobramentos teóricos-metodológicos que perpassam a inserção e atuação desses profissionais, perpassando pela capacitação profissional das graduandas para uma preparação ao mundo do trabalho, e posteriormente compreender como ocorre a inserção, bem como a atuação desses profissionais. Para tanto, adotou-se como método a pesquisa qualitativa investigativa, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, quanto à forma de abordar e trabalhar os dados, por meio da revisão sistemática de literatura. E investigativa no que tange a pesquisa de campo para produção dos dados. Serão apresentados alguns dados quantitativos, trazendo os dados obtidos através da pesquisa de campo, e análise das respostas obtidas nos questionários online, visando uma melhor apreensão da realidade investigada. Participaram como respondentes do questionário 51 profissionais de Psicologia, atuantes em áreas diversas de atuação, buscando assim ampliar a compreensão acerca de diferentes realidades vivenciadas. Posteriormente foi realizada uma entrevista semiestruturada, que foi utilizada como instrumento de coleta, cujos conteúdos foram analisados à luz das premissas teóricas da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados demonstram que, para além da formação inicial em Psicologia, existe uma preocupação das profissionais atuantes, investir na formação continuada ou permanente, como um suporte para uma atuação profissional comprometida com as demandas contemporâneas. Bem como os resultados demonstram, uma ampla consciência das entrevistadas sobre o fazer profissional em Psicologia, os desdobramentos teórico metodológicos, para atuação onde as recém graduadas conseguem atrelar teoria e prática.

Palavras-chaves: Formação em Psicologia, inserção e atuação profissional.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the process of initial training of psychologists occurs in Poços de Caldas-Mg and region, and the theoretical-methodological developments that permeate the insertion and performance of these professionals, permeating the professional training of the undergraduates to prepare for the world of work, and later understand how the insertion occurs, as well as the performance of these professionals. Therefore, the qualitative investigative research method was adopted, in the case of a qualitative research, regarding the way to approach and work the data, through the systematic literature review. It is investigative in terms of field research to produce the data. Some quantitative data will be presented, bringing the data obtained through field research, and analysis of the answers obtained in the online questionnaires, aiming at a better understanding of the investigated reality. 51 Psychology professionals participated as respondents in the questionnaire, working in different areas of activity, thus seeking to broaden the understanding of different realities experienced. Subsequently, a semi-structured interview was carried out, which was used as a collection instrument, whose contents were analyzed in the light of the theoretical premises of Bardin's content analysis. The results show that, in addition to the initial training in Psychology, there is a concern of the working professionals, to invest in continuous or permanent training, as a support for a professional performance committed to contemporary demands. As well as the results demonstrate, a broad awareness of the interviewees about the professional practice in Psychology, the theoretical and methodological developments, for performance where the recent graduates are able to link theory and practice.

Keywords: Training in Psychology, insertion and professional performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Gênero	64
Gráfico 2 – Idade	66
Gráfico 3 – Escolaridade.....	67
Gráfico 4 – Formação inicial.....	68
Gráfico 5 - Experiência significativa	69
Gráfico 6 – Atuação profissional	70
Gráfico 7 - Possibilidades de atuação profissional em Psicologia	72
Gráfico 8 - Trabalho das(os) psicólogas(os).....	73
Gráfico 9 - Dificuldades de inserção.....	74
Gráfico 10 - Atendimentos online	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nível teórico x nível empírico.....	19
Quadro 2 – Questões norteadoras versus categorias de análise	20
Quadro 3 – Descrição da amostra entrevistada	61

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABEP – Associação Brasileira de Ensino em Psicologia
- CRP – Conselho Regional de Psicologia
- CFP – Conselho Federal de Psicologia
- CREPOP – Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas
- CRAS – Centros de Referências de Assistência Social
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais
- MEC – Ministério da Educação
- ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
- POT – Psicologia Organizacional e do Trabalho
- GT – Grupo de Trabalho
- PUC MINAS – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
- IES – Instituições de Ensino Superior
- LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases
- TICS – Tecnologias da Informação e Comunicação
- ONGS – Organizações não governamentais
- PPC – Projeto Político Pedagógico
- SBP – Sociedade Brasileira de Psicologia
- SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	13
2	INTRODUÇÃO	15
2.1	Revisão sistemática de literatura	17
3	BREVE HISTÓRICO DA ESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL	22
3.1	Características e especificidades dos processos formativos	31
3.2	Competências básicas esperadas de graduadas em Psicologia	33
3.3	As possibilidades e os desafios no processo de formação inicial das psicólogas	34
3.4	Como ocorre o processo de formação continuada das psicólogas	36
3.5	O papel da Psicologia na sociedade contemporânea	39
3.6	O trabalho das psicólogas desdobramentos teóricos e práticos	41
3.7	A inserção das psicólogas no mundo do trabalho	44
4	A PSICOLOGIA NO AQUI E AGORA: PROBLEMATIZANDO A ATUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID 19	48
4.1	A atuação das psicólogas e os desafios do contexto pandêmico	49
4.2	Algumas considerações à cerca da atuação das psicólogas na pandemia de Covid-19	52
5	METODOLOGIA	55
5.1	Produção de dados	55
5.2	Apresentações das participantes	58
5.2.1	<i>Participante 1: psicóloga clínica e preceptora de estágios</i>	58
5.2.2	<i>Participante 2: psicóloga clínica, supervisora de casos, ministrante de minicursos</i>	58
5.2.3	<i>Participante 3: psicólogo organizacional, psicólogo clínico, docente</i>	59
5.2.4	<i>Participante 4: psicólogo clínico</i>	59
5.2.5	<i>Participante 5: psicólogo clínico, preceptor de estágio</i>	59
5.2.6	<i>Participante 6: psicologia social, docência e pesquisas</i>	59
5.2.7	<i>Participante 7: psicologia organizacional</i>	60
5.2.8	<i>Participante 8: Psicologia clínica, Psicologia Social</i>	60
5.3	Análise dos questionários	62
5.4	Análise das entrevistas	76
6	ANÁLISE DAS CATEGORIAS	78
6.1	Categorias de análise das entrevistas	78
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO	79
7.1	O processo de formação inicial	79
7.2	Os impactos da formação inicial na atuação profissional	84
7.3	A atuação Inicial das Psicólogas	88
8	FORMAÇÃO CONTINUADA	95
8.1	Estratégias ou sugestões das entrevistadas sobre a formação e atuação das Psicólogas para o crescimento profissional	98
8.2	A atuação das psicólogas, frente a pandemia de Covid- 19	102
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	111

APÊNDICE A – TCLE	116
APÊNDICE B – Perguntas do questionário	117
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	121

1 APRESENTAÇÃO

A escolha da temática acerca da formação em Psicologia e os desdobramentos na prática teórica em, bem como os desdobramentos teórico-metodológicos, se deu a partir das vivências profissionais da pesquisadora, que teve formação inicial em Pedagogia, tendo sido professora atuante na Rede Estadual de Ensino por 12 anos, sendo 10 deles na Educação Especial, o que sempre levou a refletir sobre o processo de aprendizagem dos educandos.

Considerando a importância de uma aprendizagem significativa que faça sentido na vida dos aprendizes, surgiu uma inquietação pessoal e profissional, em compreender como a formação inicial das graduandas em Psicologia, repercute na inserção e atuação profissional em Poços de Caldas e Região.

Enquanto estudante de Psicologia que se preocupa com um ensino pautado na prática responsável da profissão, ainda na graduação surgiram várias indagações, que se intensificaram com a participação no seminário realizado pela PUC-Campinas, em 2016, “Psicologia Escolar, que fazer é esse? ”, onde através do contato com vários profissionais em atuação e estudantes, tornou-se possível perceber através dos relatos que existe uma formação acadêmica que não prepara efetivamente os estudantes para o mundo do trabalho, e quando os recém formados, iniciam sua trajetória profissional, as fragilidades e as potencialidades nos processos de formação inicial, revelam uma angústia frente a essa construção da carreira das profissionais na área da Psicologia.

Ao concluir a graduação em Psicologia, tinha em mente continuar os estudos e nesse sentido, os desdobramentos foram voltados para a pesquisa e compreensão sobre a trajetória profissional e sua relação com o processo de formação inicial ofertado pelas faculdades do Município e da Região, bem como ampliação dessa compreensão sobre a formação continuada das profissionais em atuação.

No percurso acadêmico, percebi que vivenciei algumas dificuldades na graduação no que tange a entender realmente o papel da Psicologia como ciência e profissão, contudo esse ambiente acadêmico sempre me estimulou, pois me permitia construir um percurso de formação que me instigava a ir além e buscar as respostas para as minhas indagações.

Encontrei então nesta pesquisa a possibilidade de trazer debates e reflexões, que pudessem culminar em dados para a melhoria da Psicologia. Bem como me fazer analisar e repensar as minhas inquietações com o tema, e buscando compreender as implicações na vida pessoal e profissional dos recém graduados em Psicologia.

Ao concluir a graduação minha angústia e inquietação foram aumentando. Recém-formada iniciei minha trajetória clínica, montei meu consultório e iniciei os primeiros passos na área da Psicologia, sentia insegurança na atuação e tentava o tempo todo compreender

as interfaces entre a teoria aprendida e a prática profissional, e os desafios teóricos metodológicos que eu estava vivenciando.

Nesse sentido fui buscar respostas para tantas indagações, iniciei o mestrado para através da pesquisa me situar enquanto psicóloga em atuação, e nessa trajetória tudo começou a fazer sentido, fui compreendendo então que todo curso de formação nos fornece bases teóricas, mais que não existe um manual de instrução para atuação profissional, esse movimento deve ser uma construção contínua.

Concomitantemente com o desenvolvimento da pesquisa fui convidada para dar aula em uma faculdade da cidade, como meu objetivo sempre foi o ensino , inicia minha trajetória de docência no ensino superior, e dessa maneira consegui acompanhar de perto o processo de formação, e o currículo conforme está organizado, logo em seguida veio o convite para coordenar o curso de Psicologia então com o cargo administrativo, estou conseguindo através no meu fazer profissional compreender os desdobramentos da formação profissional em Psicologia.

2 INTRODUÇÃO

Compreendendo a importância de se analisar, bem como estudar como ocorre o processo de formação inicial das psicólogas e a capacitação profissional das graduandas para o mundo do trabalho, a presente pesquisa traz um estudo utilizando o termo “inserção profissional” enquanto uma ponte entre a atuação e a formação inicial em Psicologia.

Dessa maneira, reconhecendo a existência de estudos acerca da temática, mas entendo que o cenário atual de formação e atuação dos profissionais em Psicologia nos leva à necessidade de um novo estudo, para se aprimorar sempre os atendimentos oferecidos na área da Psicologia, sem, contudo, esquecer do compromisso social da Psicologia: como ciência e profissão¹.

Inicialmente, é preciso trazer reflexões acerca do fazer profissional da psicóloga, por meio de uma breve retomada histórica do percurso de formação em Psicologia, perpassando pela inserção e atuação profissional, na sociedade contemporânea, ressaltando e problematizando a formação técnica oferecida, e ampliando a associação entre teoria e prática. Em tal associação, teoria e prática precisam se complementar, pois, somente assim, os graduandos, por meio de uma aprendizagem significativa, tornam-se capazes de refletir e ampliar a forma de atuação, visando a atender às demandas, no âmbito da saúde mental.

Conforme apontado por Souza, Bastos e Barbosa (2011), ressalta-se a necessidade de se construírem novas formas de ensinar e aprender, face às mudanças contemporâneas, que ocorrem devido ao aumento da produção de conhecimento, em uma perspectiva que coloca em xeque as ideias vigentes, devido à influência dos meios de comunicação, em uma nova forma de se estar no mundo.

Busca-se uma ampla compreensão sobre como ocorre a atuação profissional das psicólogas, faz-se necessário aprofundar nos estudos nas áreas de atuação: clínica, social, escolar e organizacional. Uma vez que, na contemporaneidade, temos uma crescente demanda da Psicologia, em diversos segmentos, desde políticas públicas e outros contextos coletivos.

Compreendendo que as mudanças sociais e as demandas contemporâneas nos levam a pesquisar e a buscar caminhos de aprimoramento do fazer profissional, na área da saúde, tendo em vista que cuidar da saúde mental tornou-se reconhecidamente essencial, dessa maneira, por meio das pesquisas, e ressaltando a importância da Psicologia como ciência e profissão, propicia-se, aqui, um espaço de possíveis discussões e reflexões.

¹ Será utilizado o termo no feminino, devido à predominância de atuação na profissão ser feminina conforme os dados do CFP 2022, sendo 39.193 profissionais do gênero feminino, e 6.970 do gênero masculino no Estado de Minas Gerais.

Comprovando esses dados acerca dos cuidados essenciais com a saúde mental, temos os dados de pesquisas realizadas que demonstram um crescente número de pessoas acometidas com transtornos psicossomáticos em período pandêmico. Figueiredo et al., (2020), trazem que uma pesquisa realizada com 45.161 brasileiros por meio de um formulário, identificaram que quase metade da população sentia-se triste ou com sinais de depressão e metade afirmou ter sintomas de ansiedade.

Assim, acreditando-se na importância de se construírem novas maneiras de ensinar e aprender, faz-se necessário que os cursos de formação promovam aprendizagens significativas, para um exercício profissional que consiga fazer a inter-relação entre teoria e prática, compreendendo e superando os desafios teórico-metodológicos.

Em tal sentido, na busca pela compreensão da realidade acerca da atuação profissional das psicólogas, e recorrendo a estudos existentes pertinentes à temática, foram encontrados dados pesquisados por Bastos, Gondim e Peixoto (2010). Eles apontam para a realidade que se reflete na atuação da psicóloga brasileiro, que necessita atualizar-se constantemente, aprendendo novas tecnologias de trabalho, criando novos recursos e conhecimentos psicológicos, para, por meio de estratégias variadas, atuar sob as demandas existentes.

Quando se trata do trabalho realizado em Psicologia, faz-se necessário compreender o papel social da psicóloga, mas, sem antes, se esquecer que ele desenvolve, ali, na prática cotidiana, um fazer que é profissional, pautado em teorias, técnicas e instrumentos específicos e inerentes à sua formação profissional.

Considerando a importância da ciência e das pesquisas, na contribuição do campo do conhecimento específico, por isso, viabiliza-se a ampliação de debates e reflexões sobre a atuação em Psicologia, buscando repensar inclusive as possibilidades de mecanismos efetivos de uma formação permanente para os psicólogos em atuação.

Para fins de aprofundamento e melhor compreensão da temática proposta, a pesquisa desenvolveu uma fundamentação teórica organizada a partir de diferentes tópicos. Sendo abordado no primeiro capítulo um breve histórico da estruturação dos cursos de formação em Psicologia no Brasil, trazendo um resgate da trajetória inicial sobre a formação inicial, para melhor compreensão de como tudo começou. Dentro do capítulo teremos vários tópicos abordando aspectos específicos inerente a formação tais como: as características e especificidades dos processos formativos; bem como as competências básicas esperadas de graduadas em Psicologia; abordando também as possibilidades e os desafios no processo de formação inicial das psicólogas; para encerrar o capítulo sobre a formação de profissionais em Psicologia, buscou-se compreender como ocorre o processo de formação continuada das psicólogas.

Em seguida trazendo um panorama sobre a inserção e a atuação das psicólogas o papel da Psicologia na sociedade contemporânea, bem como trazendo reflexões sobre o trabalho das psicólogas e os desdobramentos teóricos e práticos; faz-se necessário também entender como ocorre a inserção das psicólogas no mundo do trabalho.

É sabido que a atuação em Psicologia passou por mudanças e adaptações devido a pandemia de Covid 19- e nesse sentido, temos um capítulo que irá trazer, a Psicologia no Aqui e Agora: Problematizando a atuação em tempos de Pandemia da Covid 19, ressaltando então como tem ocorrido essa atuação das psicólogas e os desafios do contexto pandêmico e trazendo algumas considerações.

2.1 Revisão sistemática de literatura

As revisões sistemáticas permitem: avaliar conceitos provenientes da literatura e os resumem de forma crítica; elucidam os resultados que poderiam ser opostos, quando analisados, isoladamente, em cada artigo original. O trabalho com revisão sistemática, segundo Botelho et al. (2011), nos possibilita uma aplicação dos resultados encontrados, no contexto do qual originou-se a questão. Para Galvão e Marinho-Araújo (2017), o processo busca evitar e superar possíveis vieses que o pesquisador possa ter, no momento da análise da literatura sobre um tema.

Nesta pesquisa, a revisão sistemática de literatura se iniciou por meio da busca por artigos na base de dados do Scielo Brasil e da Pepsic, nas quais foram encontrados artigos científicos publicados e obtidos por meios eletrônicos. Adicionalmente, foram examinadas as listas de referências dos estudos relevantes, a fim de se identificar aqueles que, então, comporão a pesquisa.

Dessa maneira, por meio de pesquisas nas bases de dados foram construídas estratégias de busca, por meio de um conjunto de palavras ou termos. Tais palavras e termos, buscaram identificar títulos e resumos de artigos, considerando, aqueles com potencial para responder à pergunta que motivou a revisão sistemática de literatura.

Trabalhou-se com os seguintes descritores: atuação profissional da psicóloga; trabalho da psicóloga; formação da psicóloga; profissão da psicóloga. Assim, por meio da busca com o descritor “formação da psicóloga”, foram encontrados, no Scielo Brasil, 207 artigos específicos em língua portuguesa. Enquanto que, com o descritor “trabalho da psicóloga”, foram encontrados 219 artigos, que, de maneira geral, compreendiam as quatro grandes áreas de atuação da Psicologia: social, trabalho, clínica e educacional. Por sua vez, com o descritor “profissão da psicóloga”, foram selecionados o total de 166 artigos, e em pesquisa avançada e específica do termo “atuação profissional da psicóloga”, foram encontrados 622 artigos, porém, de maneira muito abrangente, os resultados traziam diversas

áreas de atuação. Foi, então, realizado um trabalho de filtragem, que abrangesse a temática pesquisada, como será descrito a seguir.

De acordo com o cenário atual de atuação profissional das psicólogas, decorrente da situação da pandemia de Covid-19, foi pesquisado também um referencial teórico recente que trouxesse estudos acerca das adaptações e do reinventar da atuação para os atendimentos online, e dessa maneira foram encontrados através dos descritores: atuação das psicólogas na pandemia, foram selecionados 12 artigos.

Priorizou-se artigos que abordavam em seu título o tema da atuação profissional, sem direcionar qual a área de atuação, clínico, escolar, hospitalar, serviços públicos de maneira geral. Buscou-se entender efetivamente como foi a questão da busca pelos cuidados com a saúde mental através do trabalho das psicólogas, e dessa maneira foram escolhidos 9 artigos para leitura na íntegra.

Em seguida à realização do levantamento utilizando as palavras-chaves, adotou-se os critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão dos artigos então analisados procuraram respeitar a características específicas, sendo as seguintes: tema; título; resumo; palavras-chave; pesquisa de metodologia qualitativa; recorte do estudo de formação acadêmica; delimitação de período histórico entre os anos 2009 e 2021 (buscando-se conteúdos contemporâneos); textos referentes à experiência brasileira.

Apesar disso, considerou-se um artigo com data anterior ao critério de exclusão por delimitação de tempo, por ser um material de relevância ao desenvolvimento da pesquisa, uma vez que é uma importante referência sobre atuação e formação profissional da psicóloga brasileiro, o material de Bastos e Gomide (1989), importante marco teórico na revisão sistemática de literatura. Na mesma condição, foi utilizado o livro de Ferreira Neto (2004), sendo considerada a importância da utilização para o enriquecimento da pesquisa, de acordo com a temática abordada.

Outra importante referência, não localizada nas bases de dados, é o livro organizado por Bastos, Gondim e Peixoto (2010): "O trabalho do psicólogo no Brasil". Ele foi um material teórico que ajudou a delinear todo o trajeto da pesquisa realizada, pois a obra deu-se como fruto de um projeto de investigação desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). O material completo se constitui por 20 capítulos, cujos autores têm diferentes inserções institucionais: UFBA, UnB, Universidade Católica de Pelotas, UFSC, UCG, UFMG, UNIVERSO, UFU, UFRGS, ULBRA, UMESP, UFRN, FGV-SP, USP, Universidade Salvador.

No desenvolvimento da pesquisa com a revisão sistemática de literatura, optou-se por categorias de análise que melhor filtrassem os artigos encontrados, como: termos específicos

que favoreceram a especificidade de busca. São eles: ano de publicação, o referencial teórico utilizado, título, o resumo e as palavras-chave.

A partir da revisão sistemática de literatura, foi possível delinear a pesquisa de campo, para conhecer e compreender aspectos relevantes da formação e da atuação profissional dos psicólogos.

Conforme exemplificado nos quadros a seguir, a presente pesquisa buscou associar o nível teórico ao nível empírico, trazendo as questões norteadoras e associando a elas as categorias de análise. O objetivo de tal delineamento é, a partir daí, se organizar e se estruturar a análise de dados, ancorada nas teorias estudadas, foram trabalhados 28 artigos, conforme explicitado no Quadro 1.

Quadro 1 – Nível teórico x nível empírico

Nível Teórico		Nível Empírico	
Principais Teorias Associadas	Conceito/ Unidade de análise	Categoria de análise	Perspectivas e instrumentos metodológicos
YAMAMOTO (2012)	Psicologia: Ciência e Profissão	A inserção profissional da psicóloga. Como a psicóloga em atuação vive efetivamente o compromisso social da Psicologia?	Entrevistas; Questionários
CRUZ (2016);	Processo de formação baseado em competências para atuação	Integração entre conhecimento científico e atuação profissional.	Entrevistas; Questionários
FERREIRA, NETO (2004); Amendola (2014); Felipe (2009); Portugal; Souza (2018); Seixas; Coelho-Lima; et.al. (2013) Rudá; Coutinho; Almeida Filho 2019); Betooi; Simão (2002); Turci; Lourenço; Cirino (2020); Lisboa; Barbosa (2009); Matos; Rossato (2020); Rechtman; Bock (2001); Pereira; Neto (2003); Prates; Feitosa ; <i>et al.</i> (2019); Amendola (2014); Felipe (2009); Portugal; Souza (2018)	Formação para o mundo do trabalho	A formação em Psicologia, e as experiências no mundo do trabalho. O saber acadêmico e o fazer profissional.	Entrevistas; Questionários
BASTOS; GONDIN (2010); Galvão; Marinho-Araújo (2017); Muniz; Amorim(2020); Guareschi; Galeano (2020); Cruz (2016); Holanda (2018); Gradvohl; Souza; Oliveira (2018); Pires; Braga (2009); Cury; Barbosa e al. (2018); Yamamoto (2012).	Atuação profissional dos psicólogos	O trabalho do Psicólogo, desdobramentos entre teoria e prática	Entrevistas; Questionários

Fonte: dados da pesquisa.

Além disso, cada objetivo específico da pesquisa foi convertido em uma questão norteadora, para a qual será buscada a resposta, durante a análise dos dados. Para facilitar o alcance das respostas, foram criadas as categorias de análise, aspectos centrais da teoria a serem investigados na empiria, como descrito no Quadro 2.

Quadro 2 – Questões norteadoras versus categorias de análise

Questão Norteadora	Categorias de análise
Investigar a inserção dos psicólogos e a relação com os seus processos formativos	Formação Inicial e atuação profissional
Identificar os aspectos relevantes do processo de formação, Fragilidades e Potencialidades	Processo de formação baseado em competências para atuação
Compreendendo os desafios teóricos-metodológicos	Atuação profissional, processo de formação baseado em competências para atuação
Formação continuada dos psicólogos em atuação, no enfrentamento aos desafios da profissão	Atuação profissional dos psicólogos, formação permanente
Reconhecer as estratégias para busca de inserção e crescimento profissional dos psicólogos.	Atuação profissional dos psicólogos

Fonte: dados da pesquisa.

Por meio da estruturação anteriormente explicitada, tornou-se possível consolidar e delinear os caminhos e materiais de leituras que seriam utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, ficando-se, então, com um conjunto, retirado das bases de dados supracitadas, formado por 21 artigos científicos, bem como por cinco dissertações pertinentes ao tema e cinco livros. Associados nos capítulos teóricos da pesquisa, eles subsidiarão a análise qualitativa a ser realizada.

A partir dos objetivos de pesquisa, foram definidos dois eixos temáticos: formação da psicóloga e atuação da psicóloga. O eixo formação da psicóloga selecionou artigos que

contemplassem, de maneira ampla, a trajetória de formação acadêmica nos cursos de Psicologia. Enquanto isso, o eixo atuação da psicóloga busca compreender a inserção e a atuação dos bacharéis em Psicologia.

Percebeu-se, durante a busca, que ao se usar os descritores diferentes, formação da psicóloga, e formação em Psicologia, tornar-se-ia possível atingir a um número maior de publicações, e, conseqüentemente, conseguir-se-ia uma revisão sistemática de literatura mais robusta para a temática pesquisada.

Situação similar ocorreu com os descritores: atuação da psicóloga trabalho da psicóloga, profissão da psicóloga. Por meio da pesquisa por eles, nas bases de dados, observou-se que a mudança de termos amplia o repertório de busca e diversidade de materiais, proporcionando, assim, um retorno maior de materiais, que, posteriormente, foram selecionados pela pesquisadora, para, então, seguir com alguns em leitura aprofundada.

Para cada um dos eixos, usou-se descritores, que estavam descritos de formas diferentes, mas que traziam trabalhos pertinentes ao tema. Buscou-se, sempre, o uso de poucas palavras-chaves, para captar as questões centrais e as temáticas dos artigos.

2.2 Aspectos constitucionais da formação em Psicologia: um olhar sobre a trajetória Brasileira

Para fins didáticos, antes de se adentrar na temática proposta, torna-se interessante salientar que tais achados serão organizados da seguinte maneira:

Primeiramente será desenvolvida uma narrativa que abarca o histórico da estruturação da formação em psicologia, onde se propõe apontar as características específicas da formação em Psicologia. A posteriori serão (re)pensadas as competências esperadas por parte das (graduadas em psicologia). Por fim serão discutidas as possibilidades e os desafios experimentados por psicólogas, em sua formação inicial bem como na formação continuada.

3 BREVE HISTÓRICO DA ESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL

Introduzindo a temática, inicialmente serão discutidas questões que abarcam informações sobre o processo de construção do conhecimento, por meio da implantação dos cursos de Psicologia, bem como sobre a história da prática da Psicologia brasileira, para, então, por meio desses contextos, compreender o processo de organização da Psicologia como profissão. Sob tal prisma, faz-se resgatar o processo de formação dos psicólogos no Brasil – para então refletir sobre todos os aspectos da profissão.

A Psicologia não era uma prática definida ou regulamentada, não havia, portanto, a profissão de psicólogo, no Brasil, durante o século XIX. Por tais razões, o referido período foi denominado pré-profissional à regulamentação da profissão e à criação dos dispositivos formais. Serão considerados como marcos do período: a Reforma Benjamim Constant (1890), e a inauguração dos laboratórios de Psicologia experimental na educação (1906) bem como a criação do código de ética (1967).

Dentro desse contexto, trazem suas contribuições Portugal e Sousa (2018) reportando que os cursos universitários regulares de Psicologia foram iniciados no Brasil na década de 1950 e a profissão foi regulamentada nos anos 1960. Desde então, o crescimento de cursos e de profissionais atingiu o significativo número de 415.747 psicólogas(os) cadastradas(os) no Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2022), sendo 46.224 especificamente em Minas Gerais.

Abordando a história da ideologia da profissão na sociedade, Pereira e Neto (2003), observa que a história da Psicologia no Brasil possui o conceito de profissionalização com base em três principais momentos. Sendo que o primeiro momento diz respeito à criação das faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, no período de 1833 a 1890 no século XIX, quando não havia sistematização do conhecimento psicológico: a Psicologia não era uma prática definida ou regulamentada.

Trazendo um panorama sobre o início da Psicologia no Brasil, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontam que em meio as movimentações no percurso político, cultural e industrial do país, por volta de 1920 a 1945, foram construídas as primeiras Universidades e, por consequência, a Psicologia começou a ter seu espaço não mais para um viés educativo, mas também uma preocupação voltada à saúde. Nesse contexto somente em 1953 na PUC-Rio, foi fundado o primeiro curso de Graduação em Psicologia e em 27 de agosto de 1962 ocorreu a sua regulamentação como profissão.

Nesse aspecto, conforme citado por Lisboa e Barbosa (2009), apesar de a falta de regulamentação do ensino e da prática, ainda em 1953, inicia-se o primeiro curso superior autônomo de Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Bock, 2001;

Yamamoto, 2006). Por sua vez, em São Paulo, o curso de Psicologia foi criado- pela lei estadual nº 3.862, começando a funcionar na USP em 1958.

No dia 27 de agosto de 1962, foi promulgada a Lei 4119, a qual regulamentou a profissão de psicólogo e definiu o currículo mínimo dos cursos de graduação em Psicologia: tem-se aí o início da expansão, do reconhecimento e da regulamentação da Psicologia como ciência e profissão.

A partir da regulamentação da profissão como ciência autônoma no Brasil, em 1962, foram despertadas mudanças na formação acadêmica e na atuação da psicóloga brasileira (Lisboa & Barbosa, 2009). Seguindo o movimento de início dos cursos de formação, o parecer nº403/62 foi emitido pelo Conselho Federal de Educação, com o objetivo de firmar o currículo mínimo e a duração dos cursos de Psicologia (Brasil, 1962; Mancebo,1997; Rezende, 2014).

Conforme apontado por Felipe (2009), nos anos 1960 e 1970, era quase ausente do cenário da Psicologia, como ciência e profissão, o olhar para as questões sociais, pois o Brasil atravessava os chamados anos de chumbo, com uma ditadura militar, culminante em uma perseguição implacável às vozes discordantes, o que intimidava toda a sociedade e, também, os psicólogos.

Dentro desse movimento de expansão da Psicologia como ciência e profissão, -em - 1959, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais criou o Instituto de Psicologia, antecipando-se à regulamentação da profissão, que aconteceu em 27 de agosto de 1962, e implantando o primeiro curso de Psicologia de Minas Gerais e o terceiro do Brasil, na cidade de Belo Horizonte. Por meio da publicação especial da Psicologia em Revista Edição Ouro, publicada em 2009, foi possível se aprofundar na compreensão acerca da instalação e da história do curso de Psicologia, na PUC Minas Coração Eucarístico.

Daí em diante, os cursos de Psicologia continuaram em expansão pelo país, chegando à cidade de Poços de Caldas no ano de 2003, e se tornando referência na formação de psicólogos não apenas no município, mas, também, na região.

Dessa maneira, conforme apontado por Felipe (2009), nos primeiros 20 anos de existência, o curso de Psicologia da PUC Minas retratou, de certa forma, a trajetória da Psicologia no Brasil. A variedade de objetos e de concepções teóricas, presentes no curso, mostrava que a Psicologia não é una, mas se divide em diversos campos de atividades e coexiste com uma pluralidade, que é, ao mesmo tempo, a fragilidade e a riqueza da Psicologia.

Buscando ampliar os estudos e reflexões sobre a Psicologia como ciência e profissão, Lisboa e Barbosa (2009), apontam a necessidade de se retomar o passado do ensino de Psicologia no país e se estabelecer um panorama da formação inicial ofertada aos psicólogos brasileiros, na contemporaneidade, a fim de se formular alguns apontamentos para o futuro dos cursos de graduação na área.

Desde a década de 1970, o tema da formação em Psicologia foi objeto de inúmeros estudos e debates. Ainda em tal contexto, Lisboa e Barbosa (2009) afirmam que os currículos de Psicologia foram elaborados com o objetivo de formar indivíduos com: um certo nível de conhecimento genérico em temas psicológicos, uma razoável formação metodológica, e alguma habilidade técnica para auxiliar na intervenção.

A partir das colocações dos autores citados até aqui, percebe-se que a preocupação com a atuação profissional e a formação ofertada pelas universidades sempre existiu, não é algo novo, porém, nota-se que, na contemporaneidade, continua sendo uma temática que levanta questionamentos e reflexões, levando-nos sempre a buscar compreender a realidade vivenciada nos espaços de atuação profissional.

Segundo as normativas do Ministério da Educação (2001) - sobre as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Psicologia, inicialmente - elas foram organizadas em uma estrutura cuja sequência e conteúdo foram articulados, baseados em princípios e fundamentos, que orientavam o planejamento, a implementação e a avaliação do curso de Psicologia. A estrutura organizacional inicial previa a divisão em três perfis de formação, que contemplavam as seguintes áreas: o bacharel em Psicologia, o professor de Psicologia e a psicóloga.

De acordo com os princípios gerais das Diretrizes Curriculares, o curso de Psicologia “tem como meta central a formação do Psicólogo, voltado para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia” (Art. 3º). Ainda no Art. 3º, o ensino em Psicologia deve assegurar uma formação pautada nos princípios e compromissos de:

- [...] b) Compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais.
- c) Reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico.
- d) Compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão.

Já na resolução Nº 8, de 7 de maio de 2004, Art. 6º, a identidade do curso de Psicologia no País é conferida por meio de um núcleo comum de formação, definido por um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos. A atualização das diretrizes curriculares, em 2011, também inclui uma formação em paralelo para a licenciatura e que contemple a formação de professores de Psicologia.

Por sua vez, no Art. 7º, o núcleo comum da formação em Psicologia estabelece uma base homogênea para a formação no País e uma capacitação básica para lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação.

Dito isso, destaca-se que todo curso de formação superior deve seguir as diretrizes curriculares nacionais, direcionadas por meio do MEC e CNE (2001). Tais entidades preconizam que a formação em Psicologia deve ser estruturada, tendo como meta principal a formação para a pesquisa em Psicologia, para o ensino de Psicologia, e para a atuação da psicóloga.

Após a definição das áreas de formação e do projeto dos cursos de Psicologia no país, foi possível trabalhar com um direcionamento de perfil, uma vez que, ao ofertar algumas possibilidades de formação e atuação, no que tange às escolhas, ênfases, competências e habilidades específicas. Assim, Ferreira Neto (2004) diz que se abandonou uma compreensão da formação disciplinar, entendida como assimilação de conteúdo, a favor de uma perspectiva da formação centrada no desenvolvimento de competências e habilidades.

Para abordar os aspectos da formação profissional, Mitre et al. (2008) recuperam o ideal grego de *Paidéia*, a formação do cidadão para a vida na pólis, cidadãos capazes de viver adequadamente em sociedade, o que pressupõe a execução de determinados papéis, com destaque para a atuação profissional: os aspectos relacionados ao trabalho. Esses autores apontam ainda, que a formação inicial deveria ser sustentada pela ideia de uma formação profissional, cuja centralidade do processo cognitivo está no domínio de habilidade e de competência, e não apenas na transmissão de conteúdo.

Os autores indagam: por que tem se tornado imperioso rediscutir os processos de ensino-aprendizagem necessários à formação para o trabalho em saúde? A resposta a tal indagação passa pelo reconhecimento das profundas modificações que transparecem no mundo contemporâneo.

Na mesma linha, os autores refletem que pensar a formação a partir de competências e habilidades exige que nos perguntemos: “Que profissional desejamos formar? E para qual sociedade?”, sendo que tais questões podem se contrapor à pergunta neoliberal clássica: “Qual o profissional que a nossa sociedade necessita?”. Questão que pressupõe a presente ordem da sociedade, com as desigualdades presentes como algo que está estabelecido de modo inevitável.

Conforme ressalta Ferreira Neto (2004), podemos tomar como marco de consolidação da tendência de mudança na formação na área a elaboração de Diretrizes Curriculares para os Cursos de graduação, em uma nova concepção curricular para os cursos superiores, tendo por base a Lei de Diretrizes e Bases de Educação. LDB – Lei nº 9.394/96 (Brasil, 2010) – sancionada pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 1996.

Sobre a preocupação com a formação das(os) psicólogas(os), Pires e Braga (2009), abordam que existe uma preocupação por parte dos Conselhos: Regionais e Federais de Psicologia, em cujos arquivos constam artigos sobre a formação desses profissionais, que estabelecem padrões dedicados a enfatizar a formação para a área da saúde. E dessa

maneira as Diretrizes Curriculares Nacionais, definindo a identidade e garantindo a homogeneidade do curso, contemplando uma formação ampla, respeitando a multiplicidade das concepções teóricas e metodológicas, assim como a diversidade de suas práticas e os vários contextos de atuação (Brasil, 2001).

Seixas et al. (2013), afirmam que como previsto pela Resolução 005/11 do Conselho Nacional de Educação, que legisla sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Psicologia – em substituição à Resolução CNE/CFE nº08 de 2004, a primeira a instituir a formatação dos cursos – é necessária a divisão do curso em dois momentos: núcleo comum e ênfases curriculares. O primeiro refere-se a “uma base homogênea para a formação no País (*sic*) e uma capacitação básica para lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e atuação” (Resolução 0005/11,2011, p. 3) Por sua vez, as ênfases curriculares constituem-se no momento do curso em que o discente tem a oportunidade de aprofundar o conhecimento em alguns domínios da Psicologia, mas sem se constituir enquanto especialização. A escolha dos cursos pelas ênfases respeita as demandas da localidade na qual ele está inserido, a conformação do corpo docente, as vocações institucionais e as competências básicas pensadas para a psicóloga. Assim, a definição das ênfases curriculares constitui-se um dos caminhos pelo qual o curso operacionaliza os pressupostos.

Na referida diretriz, no art. 10, destaca-se a diversidade de orientações teórico-metodológicas, práticas e contextos de inserção profissional, por meio da qual a formação em Psicologia diferencia-se em ênfases curriculares, entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios, em algum domínio da Psicologia.

E, em tal ótica, o Art. 11, versa sobre a organização do curso de Psicologia, que deve explicitar e detalhar as ênfases curriculares que adotará, descrevendo-as detalhadamente em concepção e estrutura. É ressaltado, no parágrafo 1º, que a definição das ênfases curriculares, no projeto do curso, envolverá um subconjunto de competências e habilidades, dentre aquelas que integram o domínio das competências gerais da psicóloga, compatível com demandas sociais atuais e/ou potenciais, e com a vocação e as condições da instituição.

Já no ano 2000, os Conselhos de Psicologia realizaram a I Mostra de Práticas em Psicologia: Psicologia e Compromisso Social, reunindo muitas das novas práticas que os psicólogos vinham, ao longo dos anos, inaugurando em lugares de atuação. O evento permitiu que o novo projeto para a profissão se tornasse reconhecido como tal e recebesse o título informal de projeto do compromisso social da Psicologia (Antunes, 2012; Bock, 2001).

Em 04 de dezembro de 2019, foi aprovado o parecer CNE/CES 1071/2019, que inclui o Projeto de Resolução de nossas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais), para os Cursos de Graduação em Psicologia no âmbito do Conselho Nacional de Educação. O texto aprovado

respeita e preserva alguns princípios orientadores tais como: direitos humanos, inclusão, diversidade do nosso povo e pluralidade teórico-metodológica; formação presencial generalista, organizada a partir de competências, processos de trabalho, núcleo comum e ênfases; pesquisa e TCC; organização do estágio, supervisão e serviço-escola, entre outros elementos.

A referida resolução surgiu com o objetivo de revisar a redação da Resolução CNE/CES nº5, de 15 de março de 2011, que instituiu as DCNs, dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabeleceu normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC), para a formação de professores em Psicologia. Tal documento vem oferecer à sociedade um documento que tenha caráter referencial e não coercitivo.

De acordo com Amendola (2014), vigora no Brasil a Resolução nº 005/11, emitida pelo Conselho Federal de Educação/Câmara de Educação Superior, cujo propósito é orientar a formação e a atuação profissional da psicóloga, e ainda a licenciatura em Psicologia.

Outro marco na história da Psicologia é a criação do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), uma iniciativa do Sistema Conselhos de Psicologia (CFP e CRPs), criado em 2006, para promover a qualificação da atuação profissional de psicólogos/os que atuam em diversas políticas públicas.

Para Santos et al. (2014), a criação do CREPOP demonstrou uma preocupação com a formação profissional e com a organização e a disponibilização de materiais, para auxiliar a aquisição de habilidades e competências necessárias para a atuação dos psicólogos. Delineou, ainda, a necessidade de se pesquisar sobre os campos de atuação e respectivas carências.

De tal maneira, entende-se que criação do CREPOP foi um desdobramento de reflexões sobre a prática profissional das/os psicólogas/os no Brasil, iniciadas ainda nos anos de 1970. Tais reflexões se ampliaram em paralelo com a progressiva inserção dos psicólogos, no campo social, durante as décadas de 1980 e 1990, o que tornou urgente a necessidade de aprofundar e embasar melhor os conhecimentos sobre a relação entre Psicologia e Políticas Públicas.

O CREPOP, assim, representa a concretização do compromisso com um eixo político central no trabalho dos Conselhos – a defesa da garantia dos Direitos Sociais, por meio da implementação de políticas públicas, sob responsabilidade do Estado, bem como a defesa da presença da Psicologia em tais políticas.

Com a atuação do CREPOP, conforme citado por Silva e Corgozinho (2011), em 2008 ocorre a criação das Referências técnicas para atuação da(o), psicóloga(o), no CRAS/SUAS no qual afirma que o CRAS é responsável pela oferta de ações contínuas de proteção social básica e de assistência social às famílias, grupos e indivíduos em vulnerabilidade social.

Segundo Machado (2011), a formação em Psicologia passa a ser entendida como momento crucial de construção de um novo perfil de psicólogo, sendo que a importância se justifica pela possibilidade de preparação do futura psicóloga para realizar uma análise da sociedade, análise que permita a compreensão das demandas sociais e o uso de recursos teóricos e técnicos adequados para a nova e desconhecida realidade. Uma realidade que precisa ser compreendida pelo graduado, para ter sustentação teórica e prática, tanto para a inserção quanto para a atuação profissional.

Conforme destacam Bastos e Gomide (1989), os currículos de Psicologia foram elaborados com o objetivo de formar indivíduos com um certo nível de conhecimentos genéricos em temas psicológicos, com uma razoável formação metodológica e com alguma habilidade técnica para auxiliar na intervenção.

De acordo com os apontamentos de Guareschi, Galeano e Bicalho (2020), entre as modificações, em termos históricos, políticos e econômicos, pode-se situar o crescimento significativo de cursos de pós-graduação em Psicologia, chegando a aproximadamente 100 programas, no ano de 2020.

Realizando apontamentos sobre a formação em Psicologia, Amendola (2014), as IES foram orientadas a visar a uma formação básica, ampla e generalista, que pudesse preparar o aluno para atuar em diversas áreas, mas que pudesse, ao considerar as especificidades de cada região do país, atender às demandas da sociedade, às características do mercado de trabalho, devendo, para isso, oferecer disciplinas que capacitassem o futuro profissional para analisar e atender às mais variadas demandas, respeitando os critérios teóricos, técnicos, mas, principalmente, éticos.

Ainda ressaltando a formação e as instituições de ensino superior, Amendola (2014), o viés mercadológico das instituições formadoras trouxe algumas repercussões: transformada em mercadoria, a formação profissional se converteu em uma espécie de adestramento em técnicas e em práticas padronizadas a fornecer interpretações e descrições dos fenômenos humanos, desimplicadas com os interesses da população, bem como com a compreensão do mundo social e histórico.

As mudanças foram desde a implantação de uma nova proposta curricular até a ampliação da duração do curso, passando por mudanças de carga-horária e de semestre em que a disciplina foi oferecida. [...] Sempre fica patente que a reformulação consistiu em um esforço para busca de melhoria na formação oferecida e de adequação à realidade em que a escola se insere, ou seja, à demanda da sociedade (Witter, Bastos, Bomfim & Guedes, 1992, p. 185-187).

Corroborando com tal entendimento, temos a análise de Cruz (2016), apontando que o processo de institucionalização instalou desafios à formação e ao exercício profissional dos psicólogos brasileiros. Assim, é possível destacar, sinteticamente, segundo o autor, duas

questões centrais à análise dos desafios a serem enfrentados pelos psicólogos no âmbito do exercício profissional, tendo em vista a qualidade da formação em Psicologia: quais são as competências científicas e profissionais relevantes e necessárias ao processo de formação da psicóloga? quais são as características do exercício profissional da psicóloga? (Cruz, 2016).

Sob tal prisma, de acordo com Cruz (2016), a Psicologia, organizada em torno de um corpus científico – um conjunto de evidências e análises teóricas acerca de fatos e fenômenos humanos –, produziu, ao longo da segunda metade do século XX, as condições necessárias ao processo de institucionalização da profissão de psicólogo no Brasil. Assim, adjetivar a Psicologia como ciência e profissão, portanto, resulta da compreensão histórica da necessidade de associar um *corpus* científico a um projeto de intervenção profissional em diferentes contextos sociais.

Por meio das pesquisas e do trabalho de Bastos, Gondim e Peixoto (2010), foi possível pensar e repensar a formação em Psicologia, compreendendo que as mudanças nos currículos dos cursos de graduação têm ocorrido de formas lentas e superficiais. Assim, compreende-se a necessidade de nos aprofundarmos sobre a formação em Psicologia no Brasil. Para isso, faz-se necessário um breve resgate histórico, para, então, contextualizar, os marcos da trajetória educacional e geracional do curso de Psicologia.

Abordando os problemas relativos à formação em Psicologia, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) listam alguns problemas, dentre eles: poucos professores qualificados para conduzir o ensino e a pesquisa; currículos desatualizados; poucas oportunidades de estágio; estágio em áreas que exigem práticas tradicionais; poucas oportunidades de práticas de intervenção psicológica durante o curso; dificuldade de articular diversas áreas da Psicologia entre si e estabelecer interfaces com outras disciplinas de campos afins; pouca atividade de pesquisa; a produção de conhecimentos pouco vinculada ao cotidiano e à realidade dos clientes; dentre outros.

Em 2018, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) realizou o processo de revisão das DCNs, para a área, contando com a coordenação da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (Abep), do CFP e da Federação Nacional de Psicólogos (Fenapsi).

Conforme por Muniz, Amorim e Alves (2020), o surgimento da Psicologia no Brasil está diretamente associado aos acontecimentos históricos do país. Ideias vinculadas à Psicologia datam desde a época colonial, quando a área estava em estado embrionário na nação. No período, a Psicologia se alastrava nos textos que abordavam assuntos relacionados a medicina, educação, política e teologia. Foi só depois da criação de instituições de ensino superior que se iniciou a produção propriamente dita de um saber psicológico no Brasil (Pessotti, 1988; Rezende, 2014).

Décadas depois, o Conselho Nacional de Educação (CNE) encaminhou ao MEC o parecer 1071/2019, que aprova a Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia. O texto contém avanços e é resultado de muita luta das entidades da Psicologia, do CFP e dos CRPs, e de toda categoria, que conseguiu incluir as principais defesas: princípios, formação presencial, carga horária, tempo de integralização, estágios, competências e outros itens, mas, o parecer aprovado ainda aguarda homologação do MEC.

Toda regulamentação de curso acadêmico, precisa estar amparada legalmente. Portanto, as DCNs têm uma importante função de promover processos educativos de qualidade, que garantam a formação de profissionais com competência, ética e compromisso social.

Segundo Seixas et al. (2013), o perfil do egresso refere-se ao profissional em Psicologia que se pretende formar, que características ele deve conjugar e quais as competências e habilidades são esperadas da psicóloga, ao término dos anos do curso. O processo formativo, por sua vez, trata das estratégias de ensino previstas para que o perfil do egresso seja alcançado, como contato com profissionais formados, experiências de extensão e pesquisa, participação direta na comunidade, entre outras.

Para Cruz (2016), a formação profissional em Psicologia exige o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de competências científico-profissionais, para se atuar em sociedade, no sentido da mobilização de conhecimentos, habilidades e recursos para responder às necessidades científicas e sociais, tendo em vista o grau de conhecimento sobre os fenômenos estudados e as possibilidades de intervenção nos diferentes contextos de atuação dos psicólogos.

Na mesma direção, o autor ainda aponta que o processo educativo construído ao longo da formação profissional da psicóloga, em relação com o mundo do trabalho (vivenciado ou perspectivado), deve promover a manifestação de competências científico-profissionais da psicóloga, no sentido de: a) identificar necessidades para compreendê-las, por meio de processos de investigação e/ou avaliação; b) intervir, considerando algum grau de conhecimento das necessidades e dos resultados dos processos de investigação e/ou avaliação; c) avaliar o que é necessário e suficiente, para o atendimento das necessidades do usuário, tendo em vista o conhecimento produzido pelos processos de investigação/avaliação; d) comunicar o trabalho realizado, com base no conhecimento obtido, visando promover mudanças ou melhorias naquilo que foi demandado, em relação às competências científico-profissionais do processo de formação da psicóloga.

Conforme abordado por Ferreira Neto (2010), existe uma tradição da formação das (os) psicólogas(os), absoluta até meados da década de 90, produzindo efeitos que até hoje

se fazem sentir. Um deles é o da identificação do perfil da(o) psicóloga(o) com o de um profissional que atua na clínica.

Abordando a questão da formação inicial das(os) psicólogas(os), Flor e Goto (2015) afirmam que as questões com a formação acadêmica de a psicóloga brasileiro, a construção de novas práticas profissionais, a inserção da Psicologia no campo das políticas públicas e a elaboração de teorias e conceitos permeados por um novo entendimento de subjetivação são imprescindíveis para a discussão e reflexão.

Então faz-se necessário compreender que toda formação perpassa por proporcionar aos alunos formação teórica e prática, porém não pode-se afirmar que essa formação garanta um estudo aprofundado em todos os conteúdos, uma vez que conforme, Holanda (2019), não se deve supor que durante um semestre letivo, seja possível apresentar, minimamente, um cenário coerente e suficientemente aprofundado da construção histórica, conceitual e dos fundamentos filosóficos da Psicologia, bem como seus desafios e conflitos, parece demasiado.

Frente ao exposto, identifica-se como fundamental que se traga para a discussão elementos tangíveis as especificidades encontradas nos processos de formação em das Psicologia.

3.1 Características e especificidades dos processos formativos

Com base na perspectiva de Cruz (2016), ao refletir sobre o exercício profissional em Psicologia, é de fundamental relevância considerar a qualidade da formação recebida por psicólogas(os), em seu processo formativo inicial, levantando a reflexão de quais são as competências científicas e profissionais relevantes e necessárias ao processo de formação da psicóloga, e atrelando tais competências à prática do exercício profissional.

Assim, corroboram com a reflexão Silva e Corgozinho (2011), defendendo a ideia de que os processos formativos precisam desempenhar o papel de norteadores para a atuação profissional, considerando as exigências para uma formação mais crítica e comprometida com as necessidades sociais brasileiras, não esquecendo jamais do papel social da Psicologia, e o compromisso ético com a realização do fazer profissional.

De acordo com Malvezzi (2010), o aumento dos cursos de graduação e de profissionais possibilita maior acessibilidade da população aos serviços psicológicos. Assim, a Psicologia torna-se um campo necessário e indispensável à sociedade, embora em constante construção e reconstrução.

Conforme Amendola (2014), a instrumentalização do profissional é o que (supostamente) o tornaria competente tecnicamente para atender às demandas do mercado, mas todo o processo formativo, convertido em adestramento, parece torná-lo, por sua vez,

incompetente para fazer análise da própria prática e dos efeitos decorrentes dela, bem como a análise das demandas ao profissional endereçadas.

Na mesma direção, a autora ainda aponta que: enquanto tal, a formação acadêmica em Psicologia deve ser analisada em relações de poder, escapando à perspectiva utilitarista focada no exercício técnico-instrumental. Para tanto, deve contemplar o desenvolvimento intelectual dos alunos, preparando-os para atuar frente aos desafios e dilemas com os quais vão se deparar no cotidiano de práticas.

A partir da divisão das ênfases a serem dadas na formação dos profissionais, definiu-se uma capacitação básica para lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação (Resolução 005/11, 2011, p. 3). Por meio das ênfases possibilitou-se aos discentes a oportunidade de se aprofundarem em conhecimentos específicos.

Também por meio da Resolução 005/11, entende-se que os discentes poderão compreender os fundamentos epistemológicos, históricos, teórico-metodológicos presentes na construção do saber psicológico, desenvolvendo, assim, nos futuros profissionais, a capacidade para avaliar criticamente as linhas de pensamento em Psicologia.

Segundo Cruz (2016), a formação profissional em Psicologia exige o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de competências científico-profissionais para atuar em sociedade, no sentido da mobilização de conhecimentos, habilidades e recursos, para responder às necessidades científicas e sociais, tendo em vista o grau de conhecimento sobre os fenômenos estudados e as possibilidades de intervenção nos diferentes contextos de atuação dos psicólogos.

Nos levando a refletir, Holanda (2019), levanta a indagação acerca, de não se questionar os currículos, as formações e até mesmo a profissão em si, alienando tal tema ou discussão aprofundada, sendo que tais discussões e reflexões levariam exatamente a pensar sobre seu lugar e seu fazer.

Até mesmo em prol de outras que reifiquem a posição de uma disciplina isolada, supostamente autônoma, autorreferente (embora o discurso caminhe na direção da interlocução e do entrelaçamento), acrítica (sem se ater as suas dificuldades e limitações) e, surpreendentemente, determinista, por vias discursivas subjetivadas e na contramão da própria crítica aos demais contextos científicos.

Por fim, é mister destacar a importância da pesquisa no contexto da a formação profissional em Psicologia. Conforme ressaltado por Portugal e Souza (2018), a relevância da pesquisa para é evidente para todos os que se preocupam, de fato, com os processos educacionais. Tendo em vista que a aplicação dos saberes só se faz possível devido aos achados em estudos, que efetivam a aplicabilidade do compromisso científico e social.

3.2 Competências básicas esperadas de graduadas em Psicologia

Para ampliar a discussão, serão analisadas de modo crítico as principais habilidades desejáveis na atuação de psicólogas(os), em suas diferentes práticas. Inicialmente, buscando elucidar profissionais de Psicologia quanto a sua conduta técnica, no processo de escuta do outro que a ele se chega.

A priori torna-se importante lembrar, ou até mesmo adotar como uma premissa básica, compreender, conforme abordado por Cruz (2016), que o exercício de uma profissão institucionalizada social e cientificamente, requer atividade intelectual e condutas especializadas no domínio em que a profissão se estabeleceu e, de forma derivada, exige responsabilização pelos atos de quem exerce.

Pensando nas competências e habilidades esperadas na graduação em Psicologia, percebe-se a existência de uma grande insatisfação quanto à formação da psicóloga brasileiro, pois ela é vista com muitas deficiências ao que se refere tanto à formação técnica quanto à formação epistemológica-científica (Lisboa & Barbosa, 2009).

Compreendendo a importância de uma formação, reflexiva, crítica e emancipadora, onde os profissionais tenham condição de compreender o seu papel como profissional que promove saúde, e ressaltando a importância de um aprendizado através de competências e habilidades: Holanda (2019), aponta que não tem sido muito comum ou presente este tipo de reflexão- seja na literatura, seja nos ambientes acadêmicos, havendo mesmo certa confusão em sua consideração, como pretendemos demonstrar, entre uma epistemologia como reflexão sobre a construção de saberes, e sua identificação com uma história dos sistemas psicológicos.

Através de análise e compreensão do projeto pedagógico do curso de Psicologia, Seixas et al., (2013), ressaltam que as graduandas(os), precisam adquirir o conhecimento das bases epistemológicas presentes na construção do saber psicológico, desenvolvendo a capacidade para avaliar criticamente as linhas de pensamento em Psicologia.

No contexto de atuação profissional, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) consideram ainda que quando a psicóloga se vê diante de situações novas de trabalho para as quais não se sente preparado, ele recorre ao modelo predominante, que oferece saídas e serve de referência, sem avaliar criticamente a adequação do predominante à nova situação.

O CFP tem buscado orientar os profissionais prevenindo deslizes éticos. Assim, para Bastos e Gomide (2012), existe por parte do aluno ou recém-formado, a expectativa de um espaço protetor, pelo pertencimento a um grupo que legitime o exercício profissional.

Segundo Cruz (2016), práticas profissionais são construídas e aperfeiçoadas ao longo do processo de formação da psicóloga, organizado em torno de demandas curriculares, práticas supervisionadas, disseminação de conhecimentos técnico-científicos,

desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem, confronto de interesses de grupos específicos e de diferenças culturais, assim como em torno de processos de cooperação e colaboração entre pares.

O autor ainda ressalta que o exercício profissional dos psicólogos compreende processos educativos regulares e continuados, lastreados por dimensões orientadoras: a) científica, porque o exercício profissional deve ser instruído intelectualmente, tendo em vista o lastro oferecido pelas evidências científicas materialmente consolidadas no domínio da Psicologia; b) ética, porque reside no exercício profissional da psicóloga o acesso e a interpretação de informações geradas por processos diretos e indiretos de interação com os demandantes dos serviços psicológicos. Tal ética deve ser orientada pelo cuidado às pessoas e proteção às condições de sigilo e confidencialidade; c) legal, porque o exercício profissional é regulado por dispositivos legais, normativos, de diferentes âmbitos e finalidades. Não se ater a tais dimensões pode comprometer decisões profissionais, conforme (Cruz, 2016).

O fazer profissional ocorre como uma construção diária, e para tanto ao atuar psicólogas(os), precisam ter uma prática que produza sentido, mais que acima de tudo que consiga fazer a relação entre teoria aprendida e prática vivenciada. Dessa maneira Holanda (2019), aponta a necessidade de reflexão na direção da construção e fundamentação dos saberes que se dá pela necessidade – no caso das disciplinas que compartilham tanto de uma perspectiva teórica quanto pragmática- de se fazer uma transição coerente desta teoria para sua prática, de um modo dinâmico, sem cisões ou rupturas determinadas.

3.3 As possibilidades e os desafios no processo de formação inicial das psicólogas

Pensando no cenário da atuação profissional da(os) psicóloga(os) e na ampliação crescente dos serviços prestados em Psicologia, encontram-se subsídios para compreender a atuação profissional, em Ferreira Neto (2004), quando o autor nos traz as pesquisas realizadas pelo CFP em 1994. Nelas, verificou-se que a clínica apreendida no contexto universitário, nos estágios, em certa medida, se distancia-se da prática profissional, quando (as)os profissionais vão a campo, o que torna possível dizer que o processo de formação e a atuação precisam caminhar juntos.

Não se pode ensinar clínica encastelada, somente nos prédios das universidades [...] às vezes nossos alunos saem da universidade sem contatos com a realidade da população e das instituições onde vão começar a trabalhar [...] tem que ensinar a clínica não só aquela particularizada no indivíduo, mas a que envolve as questões do grupo e instituições (Lo Bianco, 1994, p. 63).

Conforme apontado por Lisboa e Barbosa (2009), existe um ponto em comum em alguns estudos, que parecem nortear toda a discussão sobre a formação em Psicologia no Brasil, uma vez que se evidencia grande insatisfação no que tange à formação da psicóloga brasileiro.

Segundo Cruz (2016), uma pretensa formação generalista fortalece no profissional a crença de que ele pode inserir-se em qualquer contexto e transitar com facilidade entre áreas e abordagens teóricas distintas, com relativa competência.

Cabe destacar que, conforme apontado por Silva e Corgozinho (2011), existem referências que respaldem a atuação das (os) psicólogas(os), dentro do SUAS/CRAS, e elas vem sendo produzidas há décadas, apenas não são específicas, o que provavelmente está faltando para esta apropriação do conhecimento pela(o) psicóloga(o) é uma melhor preparação dentro da academia, maior exploração das discussões das políticas públicas no/do Brasil e abordagem de textos críticos, além dos clássicos, sobre a formação da(o) psicóloga(o).

Assim, como abordado por Ferreira Neto (2004), dá-se o panorama da indissociabilidade entre formação e prática, que reivindica mudanças nos dois eixos. Torna-se explícito que os temas formação e atuação profissional são demandas constantes, pois todos os anos instituições espalhadas pelo país formam milhares de profissionais na área da Psicologia. Em tal cenário, faz-se necessário se debater e se proporcionar reflexões críticas sobre a consistência da formação, pensando que se forma para a atuação, que precisa dar um suporte ao graduando que sai do contexto acadêmico e insere-se no mundo do trabalho.

Sobre o processo de formação profissional em Psicologia, Bock (2001), em estudos sobre a formação da psicóloga para a realidade brasileira, levantaram questionamentos acerca da profissionalização dos estudantes, e ressaltam o tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Conforme a posição do CFP (2013), em relação à formação em Psicologia, não se pode tomar decisões profissionais sem bases científicas, éticas e políticas sólidas. É preciso muita leitura, estudos e pesquisas nos cursos de formação básica e buscar esclarecer as dúvidas e os questionamentos suscitados no envolvimento direto com o conhecimento psicológico e as diferentes práticas.

Por isso, é preciso rever a relação da graduação com a pós-graduação, reduzindo o abismo que existe entre a pesquisa, a formação e a prática profissional.

Faz-se necessário levar em conta o modelo que temos que formação que prepara as graduandas(os), para uma atuação clínica, cabe então ressaltar que através das políticas públicas houve conquistas nos espaços institucionais para a atuação dos profissionais da Psicologia no SUAS/CRAS. Nesse contexto, Silva e Corgozinho (2011), apontam que, apesar dessa abertura, os processos formativos desses profissionais não os preparam de modo

irrestrito para esse trabalho, pois não há referências teórico-metodológicos específicos capazes de suprir os afazeres do profissional nesse campo, devido a implantação do SUAS ser muito recente.

Reflexão importante nos traz Holanda (2019), sob um viés epistemológico, nos apontando que no cenário da formação em Psicologia é comum observarmos a alienação- ou até mesmo o esquecimento da discussão com respeito a epistemologia da Psicologia, com sérias repercussões para sua representação no imaginário da sociedade, para sua colocação enquanto disciplina polivalente- representativa de áreas tão diversas quanto singulares, como saúde, educação trabalho ou humanidades- e para sua consolidação como saber independente.

Desta maneira torna-se necessário refletirmos e problematizarmos as maneiras adotadas por psicólogas, no exercício de suas práticas formativas continuadas. Uma vez que esse aprendizado se realiza em um fluxo contínuo.

3.4 Como ocorre o processo de formação continuada das psicólogas

Buscando atender a indagação realizada no tópico anterior, inicialmente faz-se necessário refletir sobre a afirmativa de Bastos, Gondim e Peixoto (2010), que apontam em suas reflexões, a necessidade no processo de formação da(os) psicólogas(os), deve-se ser relacionado, diversidade, atualização permanente e necessidades que nem sempre se traduzem em demandas sociais, o que configura o maior desafio para as entidades que são responsáveis por zelar pela profissão.

Dentro desse contexto da formação continuada, Bastos e Gomide (1989) ressaltam a necessidade de formações complementares, para o exercício profissional. Em tal perspectiva, então, torna-se importante salientar que pensar a formação complementar deve abranger a formação profissional e pessoal dos psicólogos, pois a atuação exige constante formação e aprendizado, sendo que a busca deve ser contínua, investindo sempre em atividades que possam dar suporte à atuação profissional, dentre elas: cursos de curta duração, extensão, supervisão de casos, bem como grupos de estudos, bem como realização de psicoterapia, para melhor suporte pessoal, pois ela é vista como processo de desenvolvimento pessoal importante para o exercício profissional da Psicologia.

Sabendo que o nosso processo de aprendizagem é contínuo, nunca se esgota, e que é preciso estar sempre amparada teoricamente na busca de uma prática profissional comprometida, Pires e Braga (2009), ressaltam que a educação permanente em saúde tem sido proposta do Ministério da Saúde, para a consolidação da reforma sanitária. E nesse sentido a educação permanente em serviço é indicada como uma possibilidade, para suprir a defasagem da atuação, por tratar-se de alternativa prevista nas Diretrizes.

Assim, Ferreira Neto (2004) diz que, além dos estudos teóricos e do treinamento no exercício profissional prático, mediante supervisões, exige-se do profissional um trabalho sobre a própria subjetividade, por meio de terapia ou análise pessoal. Percebe-se, portanto, que a formação complementar da psicóloga implica um amplo investimento temporal, financeiro e pessoal.

Falar em atuação profissional, nos leva a debater sobre a qualificação, que acontece por meio da formação continuada, extremamente necessária ao profissional. Em tal prisma, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) diz que os psicólogos buscam, preferencialmente, a especialização, dentre as opções de pós-graduação, principalmente, os recém-formados e os que estão distantes da carreira acadêmica.

Sendo assim, o fazer profissional comprometido e responsável deve ser pautado em atualização constante, compreendendo que o ser humano não é estático, o movimento e desenvolvimento são constantes e, para tanto, precisamos estar capacitados para atender às demandas que forem surgindo, lembrando sempre que vamos lidar com as transformações contemporâneas no âmbito social e profissional. Contudo, é fato que a clínica continua exercendo fascínio entre psicólogos.

Assim, a formação continuada é o que dá suporte e subsídio para uma atuação profissional capacitada e responsável, sendo que, dentro desse contexto, Bastos *et al.* (2010) nos trazem que a ausência de formação é compensada pelo uso de um modelo teórico-metodológico de atuação, que, embora seja reconhecido socialmente, não contribui de modo efetivo para o contexto em que se pretende usar.

Conforme apontado nos estudos de Cury (2012), existe muito o que se repensar sobre a formação, uma vez que os estudos mostraram deficiência no que se refere à capacitação profissional. Portanto, a psicóloga deve se atualizar constantemente tornando-se um agente transformador e crítico, em relação ao caráter histórico e social da profissão, sendo, assim, capaz de representar satisfatoriamente os profissionais da Psicologia e a sociedade como um todo.

Cabe destacar que as demandas da sociedade contemporânea, no âmbito da saúde mental, são crescentes, exigindo a capacitação do profissional em Psicologia, nesse sentido, Bardagi *et al.* (2008), Mancebo, (1997) e Rezende (2014) afirmam que os profissionais devem se adaptar às transformações e buscar uma formação que lhes permita atender às áreas emergentes da Psicologia e estar mais próximos das pessoas.

Em tal ótica, Amendola (2014) diz que, em relação ao fazer profissional dos psicólogos, como a responsabilidade pelas práticas psicológicas não recai sobre as instituições formadoras, mas sobre os próprios psicólogos individualmente, muitos têm investido em formação continuada, para atender às demandas do mercado, seduzidos pelas vantagens, promessas, interesse ou esperança por qualificarem a prática.

Ainda de acordo com a autora, existe uma insuficiente qualificação para atuar em diversos segmentos de trabalho que demandam a elaboração de documentos psicológicos, tais como o campo jurídico, seleção de emprego, concurso público, porte de arma e procedimentos cirúrgicos, como a cirurgia bariátrica. Deixando clara, então, a importância da formação continuada dos profissionais em atuação.

Assim, Flor e Goto (2015) ressaltam que um número crescente de psicólogos assalariados em órgãos públicos, diante de uma população que até o momento nunca havia recebido assistência, percebem-se defasados na formação.

Para Ferreira Neto (2004), de qualquer maneira, é importante salientar que a formação em Psicologia sempre possuiu um caráter híbrido, ao mesmo tempo universitário e extrauniversitário. Mesmo que atualmente as universidades tenham ampliado a atividade de formação via pós-graduação e extensão, a formação extrauniversitária, mantém a relevância e vigor.

Ainda acerca de desafios da prática que tornam necessária a formação permanente, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) afirmam ser necessário relacionar diversidade, processo de formação, atualização permanente e necessidades que nem sempre se traduzem em demandas sociais. Para os autores, estabelecer tais relações entre os aspectos citados é o maior desafio para as entidades responsáveis por zelar a profissão.

Sobre a formação voltada para uma atuação profissional consistente, Ferreira Neto (2004) diz que, perante o choque de serem confrontados com uma realidade de trabalho para a qual não foram formados, os psicólogos podem ser conduzidos não à reformulação do fazer, mas a um exercício de pensamento mais complexo.

Segundo Bastos, Gondim e Peixoto (2010), o tema da formação complementar dos psicólogos é carente de mais estudos, porém, os estudos existentes indicam fortemente a realidade de um profissional em busca contínua por complementação da formação, investindo, principalmente, em atividades que possam dar suporte à atuação profissional, tais como cursos de curta duração, supervisão e grupos de estudos.

Pensando em uma atuação profissional que abarque a capacitação continuada das psicólogas em atuação, Cruz (2016) ressalta que as profissionais atuam, de acordo com o título e a especialidade, e que esse fato é resultado do processo de formação profissional básica e continuada.

Desse modo, no decorrer desta narrativa pode-se evidenciar a necessidade de formação continuada, entendendo o caráter híbrido da Psicologia como campo de atuação que exige dos profissionais formação extrauniversitária, razão pela qual a capacitação pessoal e profissional precisa ser contínua.

Tal formação deverá compreender investimentos em aspectos pessoais (psicoterapia) e profissionais (formação continuada). Compreendendo que estes se configuram como cuidados essenciais para subsidiar uma efetiva prática profissional.

3.5 O papel da Psicologia na sociedade contemporânea

Para Araújo, Monteiro, Fonseca, Vieira e Costa (2020), a Psicologia, desde a fundação como campo científico, no fim do século XIX, herda o drama de todas as áreas do conhecimento que têm uma interface profissionalizante: o secular conflito entre ciência e profissão, teoria e prática, pensar e fazer.

Pensando no trabalho da psicóloga e nos desdobramentos dele, assim como analisando aspectos da atuação, compreendendo a prática profissional, primeiramente, esbarra na inserção profissional.

Em tal sentido, Amendola (2014) afirma: redirigindo a atenção para os setores, a psicóloga precisou reconstruir a prática profissional. Teve a oportunidade de diversificar e ampliar os modos de intervenção, privilegiando atividades de cunho mais preventivo, educacional e social.

Conforme apontado por Cury (2012), atualmente é possível observar uma tendência dos profissionais ao modelo hegemônico de atuação profissional, que é o modelo clínico liberal privado, da psicoterapia individual, principalmente, com inspiração psicanalítica.

Para Araújo, Monteiro, Fonseca, Vieira e Costa (2020), o atendimento clínico psicológico, que privilegia a abordagem individual, constituiu-se, historicamente, como um modelo hegemônico na profissão e, assim, permaneceu durante décadas. Tal hegemonia foi, no entanto, amplamente questionada, e a Psicologia diversificou-se, abrindo-se a uma atuação socialmente engajada, considerando fatores políticos, socioculturais, organizacionais, geracionais, de gênero, de raça *etc.*, em concepção dos fenômenos psicológicos e em intervenções.

Trazendo apontamentos e reflexões, articulando e discutindo sobre a formação e as práticas profissionais, Guareschi, Galeano e Bicalho (2020) ressaltam que as questões pertinentes à Psicologia, não são um campo imutável, fato de suma importância, visto que o processo de avaliação das políticas e a prática dos profissionais, que atuam em tal âmbito, possibilitarão que as ações sejam aperfeiçoadas, modificadas, de acordo com as demandas locais, alteradas, repensadas, e não apenas seguidas como se houvesse um manual tecnicista.

Segundo Felipe (2009), entender a Psicologia como um campo de conhecimento que lida com a subjetividade, pensando-se sempre o sujeito enquanto inserido em um contexto sócio-histórico, econômico e cultural, adotando-se, portanto, uma perspectiva psicossocial de

análise e de intervenção, foi uma conquista que resultou dos embates, conflitos teóricos e práticos, dentro e fora da academia.

Se analisarmos sob o enfoque da construção de um campo específico do conhecimento e partindo do pressuposto, da Psicologia como ciência e profissão, segundo os apontamentos de Holanda (2019), ao se pensar sobre os fundamentos históricos e epistemológicos de determinada ciência, é preciso reconhecer o estatuto do que se compreende por Ciência e, portanto, se reconhecer que há um macrocampo sobre o qual se alicerça um conjunto de ideias definidoras e qualificadoras do que se compreende por “conhecimento”, e seus corolários, como validade, objetividade e significação.

Pensar em atuação profissional nos leva sempre a buscar compreender o contexto no qual essa atuação irá acontecer, cada segmento de trabalho nos exige um olhar e uma prática diferenciada, no sentido que o conhecimento teórico aprendido nos norteia o caminho a seguir, porém é necessário observar o contexto sociopolítico-geográfico, bem como o tempo histórico.

Compreendendo os diversos contextos de atuação da Psicologia, nessa direção apontam, Galvão e Marinho-Araújo (2017), ressaltam que o percurso histórico da Psicologia Escolar no Brasil vem sofrendo transformações que confirmam uma mudança de paradigma sobre o seu saber e sua prática na contemporaneidade.

Trazendo a reflexão sobre a atuação das psicólogas no contexto escolar e nas ONGs, Galvão e Marinho-Araújo (2017), destacam que, o desafio que se coloca há tempos à psicóloga escolar brasileira, e que se renova na contemporaneidade, é o seu compromisso com a transformação social nos diferentes espaços educacionais e frente às novas demandas sociopolíticas.

Compreendendo a importância de se refletir sobre o fazer profissional em Psicologia, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), destacam que socialmente torna-se importante investigarmos o papel que a Psicologia representa para a população em geral. Buscando entender tal representação, estudos identificaram que é atribuído à Psicologia, bem como aos profissionais desta área, a prática clínica desta profissão, isto é, o trabalho de compreender e orientar as pessoas frente às angústias, bem como na resolução de conflitos, que ocorrem em diversas camadas da vida do ser humano: escolar, familiar, social.

As diversas transformações, mudaram o cenário da compreensão dos cuidados com a saúde, e dessa maneira, segundo Pires e Braga (2009), observando as mudanças no jeito de vida da população, em nível mundial, juntamente com as várias inovações e descobertas na área da saúde, as quais não mais se limitam à recuperação, mas também se entendem às ações de prevenção e promoção, valorizando o enfoque coletivo, entendemos que essas mudanças refletem nas atuações de todos os profissionais envolvidos, sendo a psicóloga um deles.

E dentro desse contexto de atuação, Silva e Corgozinho (2011), observam que a práxis da(o) psicóloga(o), deve partir da demanda da comunidade, com projetos viáveis de realização, visando uma posterior autonomia dos sujeitos comunitários.

Cabe ressaltar que vivemos atualmente um cenário de atuação que não é apenas individual, como também coletivo, uma vez que as(os) profissionais estão cada dia mais inseridos nas equipes multidisciplinares, e nesse sentido, Silva e Corgozinho (2011), trazem também que é importante enfatizar que as responsabilidades e ações deverão ser compartilhadas entre o profissional e o grupo, pois se espera proporcionar uma atividade humana de respeito ao outro, no qual as pessoas possam criar vínculos saudáveis, reconhecendo suas potencialidades de atuação.

Compreendendo a sociedade em constante evolução, e entendendo o papel da Psicologia como ciência e profissão, conforme apontado por Pires e Braga (2009) baseado no novo cenário, são requeridas alterações de foco na cura de doenças para a prevenção e promoção e promoção à saúde, e nesse sentido, faz-se necessário compreender como se dá a formação da psicóloga, nesse atual processo de mudanças.

3.6 O trabalho das psicólogas desdobramentos teóricos e práticos

Conforme tem sido abordado no decorrer deste trabalho, e buscando uma maior ampliação acerca dos desdobramentos teóricos-metodológicos, da atuação em Psicologia, e ressaltando a grande expansão da Psicologia como profissão, e a ampliação das áreas de atuação.

Todo esse contexto, nos faz tentar compreender sobre os desdobramentos da prática profissional, no que tange à profissão Yamamoto (2012), fala dos desafios para a formação são imensos durante o processo de expansão, na construção de um projeto ético-político para a profissão, que se articule com projetos societários mais amplos. Nos levando sempre a lembrar e refletir sobre o compromisso social da Psicologia como ciência e profissão.

Dessa maneira, se considerarmos que a Psicologia tem sido convocada para essa atuação no âmbito escolar, e diante do contexto exposto, Dias et al. (2014) ressaltam a importância do trabalho interdisciplinar, ao abordarem a atuação da psicóloga inserido na escola. Tal profissional deve buscar o aperfeiçoamento das práticas mediante intervenções que considerem fatores históricos, sociais, políticos e econômicos, realizando uma intervenção ampla e contextualizada.

Cabe destacar também que ainda há muito a se discutir sobre a atuação das psicólogas nas escolas, uma vez que é uma área pouco conhecida, se comparada às áreas de clínica e organizacional, e políticas públicas.

Analisar a forma de atuação profissional, nos leva a pensar na identidade dos profissionais em Psicologia, uma vez que através dessa compreensão é que poderemos explicitar a singularidade da Psicologia, e levantar algumas indagações. Conforme foram apontadas por Holanda (2019): qual o “lugar” da psicóloga: o de um técnico (de um prático), o de um cientista ou de um hermenêuta? Qual a especificidade do seu fazer (aquilo que determina a constituição da singularidade da sua prática e o discrimina dos demais profissionais? Essas indagações nos provocam a refletir e avaliar nossa atuação profissional.

De uma outra perspectiva, sob o enfoque do serviço oferecido, abordando a atuação profissional em Psicologia, Cruz (2016) ressalta que a prestação de serviços psicológicos na sociedade exige, por parte dos psicólogos, agir com atenção, diligência e cuidado na relação com os usuários, sendo necessário prestar serviços legítimos e relevantes, tendo em vista as circunstâncias e os limites ético-profissionais.

Ressaltando a possibilidade de atuação plural das psicólogas, Malvezzi et al. (2010) apontam que: pode-se atuar em diferentes instituições e distintas opções de vínculo, bem como em várias especialidades, mas cabe ressaltar e compreender as áreas de atuação, uma vez que a Psicologia, como uma profissão em expansão, possibilita ao profissional assumir novos paradigmas sociais e estar presente nos setores da saúde e do trabalho, bem como nas áreas esportivas, jurídica etc.

Ao avaliar a prática, profissional das psicólogas, o CFP (2013) afirma que se torna imprescindível que a estudante/profissional de Psicologia dialogue consigo próprio para analisar no que interferiu na vida do outro, o caminho que no psiquismo do outro pode ter tomado a sua intervenção.

Em análise similar sobre o processo educativo construído ao longo da formação profissional da psicóloga, e a relação da formação com o mundo do trabalho, seja ele vivenciado ou perspectivado, Cruz (2016), ressalta que deve-se promover a manifestação de competências científico-profissionais da psicóloga, no sentido de: a) identificar necessidades para compreendê-las, por meio de processos de investigação e/ou avaliação; b) intervir, considerando algum grau de conhecimento das necessidades e dos resultados dos processos de investigação e/ou avaliação; c) avaliar o que é necessário e o que é suficiente para o atendimento das necessidades do usuário, tendo em vista o conhecimento produzido pelos processos de investigação; d) comunicar o trabalho realizado, com base no conhecimento obtido, visando a promover mudanças ou melhorias naquilo que foi demandado.

Fazendo seus apontamentos no que tange à formação da psicóloga brasileiro, Cury (2012), aponta que existe uma insatisfação relativa à formação profissional, uma vez que os futuros psicólogos não estão preparados para o exercício das atividades em novas áreas e nem preparados para a produção de conhecimentos vinculados ao cotidiano e à realidade do

cliente. Sob tal prisma, para Amendola (2014), se o lugar da psicóloga é fundamentalmente ético, ele deve se posicionar frente às demandas, questionando as ações, para que não transforme o exercício da profissão uma prática opressiva, adestradora ou de normalização.

E dentro desse contexto sobre as esferas de atuação da Psicologia, Ferreira Neto (2011) ao analisar a Psicologia no Brasil, nos traz que, desde 1962, a própria legislação regulamentou o ensino e a prática em Psicologia, foram demarcadas três grandes áreas de atuação: a clínica, a escolar e a industrial.

Trazendo um outro panorama acerca da prática das(os) psicólogas(os), Malvezzi (2010) diz que esses profissionais trabalham em prol de ações afirmativas, denunciam injustiças e lutam pela qualidade de vida e bem-estar da população. Além disso, buscam conscientizar a população quanto ao papel deles na construção de um futuro melhor.

Por sua vez, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) trazem reflexões sobre o fazer profissional da(o) psicóloga(o), bem como trazem apontamentos sobre os desafios que se apresentam para a profissão, considerando as mudanças contemporâneas. Dentre os estudos realizados e aprofundados, percebe-se que fornecem insumos fundamentais para repensar os processos de formação inicial e para definir novas políticas, por parte das entidades científicas e representativas da profissão.

Dentro desse contexto da atuação profissional em Psicologia, também nos trazem suas contribuições, Flor e Goto (2015), ao ressaltar que para o maior entendimento a respeito das práticas psicológicas no contexto brasileiro, é significativo resgatar a concepção de clínica psicológica, em especial a psicoterapêutica. A prática psicológica sempre foi calcada na psicoterapia e no psicodiagnóstico tradicional, no qual a psicóloga se constitui como um profissional liberal, que utiliza técnicas e teorias para um indivíduo abstrato, universal e não histórico.

Sobre essa temática, Silva e Corgozinho (2011), ressaltam que quando o profissional possui segurança teórica de sua atuação, tende a delimitar melhor o seu trabalho, dando respaldo para que se consiga distinguir seus afazeres dos outros profissionais em uma equipe trans, multi ou interprofissional.

Segundo Bock (2001), sobre a formação e profissionalização dos estudantes de Psicologia, uma vez que tal formação crítica deve aliar conhecimentos, atrelando sempre teoria e prática, o projeto da profissão comprometida com a realidade e os problemas da maioria da população poderiam ser traduzidos em uma formação crítica.

Pensar em uma formação profissionalizante, nos leva a um outro caminho de uma Psicologia plural onde se perpassa por todos os segmentos de atuação profissional, e dessa maneira Silva e Corgozinho (2011), abordam que praticamente toda produção teórica-metodológica, desenvolvida na área da ciência psicológica, principalmente a Social-

Comunitária, que parece vir ao encontro com os princípios e políticas desenvolvidas no e para o SUAS/CRAS.

Faz-se então necessário que a formação inicial em Psicologia, aconteça atrelando-se teoria e prática, de modo a amenizar os desafios teóricos-metodológicos, uma vez que conforme destacado por Holanda (2019), qualquer que seja a reificação e a reiteração de uma dicotomia (mesmo que não exclusiva), que se observa no campo do saber em geral, e que subdivide as ações em contextos supostamente separados: o do “saber” e o do “fazer”, o da pesquisa e o da prática, o do pensar e do agir etc.

De certa maneira compreende-se então a importância e a necessidade de um aprendizado consistente na formação inicial, para a preparação das graduandas para a inserção e atuação no mundo do trabalho.

Corroboram com a mesma opinião acerca da preparação advinda da formação acadêmica para uma atuação profissional consistente, Silva e Corgozinho (2011), onde afirmam que é preciso uma ênfase na prática da atuação das(os) psicólogas(os), há então a necessidade de se imbricar, na academia a relação entre a teoria estudada e o exercício de suas funções.

Ainda sobre a atuação profissional da Psicologia em diferentes segmentos, Ferreira Neto (2010), traz que é interessante apontar algumas das diferenças entre as práticas desenvolvidas em consultórios particulares e as desenvolvidas na saúde pública, a partir da análise de um conjunto de novos encontros promovidos pela entrada das psicólogas, no SUS.

Contudo vale lembrar também que como a profissão encontrasse- em expansão, hoje temos fortemente crescente a atuação das psicólogas, nas políticas públicas, e com atuações em destaques nos serviços do terceiro setor.

3.7 A inserção das psicólogas no mundo do trabalho

Para compreender a inserção das psicólogas no mundo do trabalho, observa-se que, ao completar a graduação e conferir o diploma, as psicólogas, voltam-se à inserção no mercado de trabalho, assim sendo, esse momento entre a conclusão do curso e a atuação profissional é vivenciado por cada pessoa, a sua maneira de acordo com fatores variáveis, atrelados a ela própria ou ao contexto.

Dessa maneira, Amorim e Muniz (2020), trazem que a ocupação profissional representa um aspecto importante para a construção da identidade do indivíduo, dentro e fora do local de trabalho, como uma ponte que o insere profissionalmente na sociedade

É sabido que existem algumas possibilidades de atuação profissional das psicólogas, mas, como atividade inicial, os recém-formados, acabam buscando a psicologia clínica como fonte de atuação por meio dos consultórios e do trabalho autônomo. E nesse contexto temos

a contribuição Soares (2010), sobre o exposto, onde aponta que a Psicologia clínica, praticada em consultórios particulares, torna-se o sonho de muitos profissionais, embora reforce a elitização da profissão e seja restrita como campo de trabalho.

Mesmo com a profissão em plena expansão, nota-se que ainda esbarra na questão empregabilidade, quando se trata do fazer profissional em Psicologia, traz uma atuação pluralista. Segundo Heloani, Macêdo e Cassiolato (2010). Malvezzi et al. (2010) e Pacheco (2013), a maioria dos psicólogos apresenta jornada de trabalho dupla ou tripla, desempenhando atividades profissionais em mais de uma área de atuação.

Sobre o contexto de inserção das(os) psicólogas(os), no mundo do trabalho, Ferreira Neto (2004) aponta que os desenhos do papel da psicóloga sofrem modificações, sendo que outras possibilidades de atuação em Psicologia são retratadas, como, por exemplo, o trabalho em hospitais, escolas, creches, políticas públicas *etc.* e a atuação com equipes multiprofissionais.

Retornando os estudos da trajetória da Psicologia, Bastos e Gomide (1989), em seus estudos apontam que mesmo com a ampliação dos campos de trabalho da Psicologia, possivelmente, existe uma dificuldade de inserção e atuação profissional. Contudo, os profissionais conseguem se inserir no mercado de múltiplas formas, por meio da realização de pesquisas, sendo que se nota, que poucos obtêm rendimentos mais elevados, realidade vivenciada pela categoria.

Sabe-se que vários são os segmentos de atuação dos psicólogos, e, mediante o citado contexto, Muniz e Amorim (2020), ao analisarem aspectos do primeiro emprego, a atuação em clínica e saúde aparece como predominante, seguida da organizacional e do trabalho. Entre as atividades realizadas pelos profissionais, a aplicação de testes é a principal, em todos os contextos, exceto nas ONGs.

Considerando a importância de estudos e reflexões acerca da atuação profissional das(os) psicólogas(os), e compreendendo que ainda existe uma baixa inserção da Psicologia no contexto escolar e nas ONGs, Galvão e Marinho-Araújo (2017), destacam que em 1980 ocorreram transformações políticas na democracia e ampliação dos movimentos sociais, a Psicologia Escolar passou então a realizar uma crítica interna quanto a suas filiações epistemológicas e às suas formas tradicionais de atuação. A partir dessas transformações iniciou-se um forte movimento de crítica em busca de alternativas de atuação mais eficazes e coerentes à realidade escolar, caminhando ao encontro dos processos sociopolíticos vinculados a democratização do Estado e à luta pelo enfrentamento e denúncia das injustiças sociais.

Conforme apontado pelos autores, atualmente, a atuação das ONGs nas áreas sociais deve ser concebida com bastante crítica no que se refere à sua relação com o Estado na prática política da atual democracia. Por sua vez, as instituições não governamentais de

natureza assistencialista, com pretensões de supressão das falhas do sistema público, devem ser sensibilizadas para uma atuação crítica e verdadeiramente emancipadora.

Sobre o trabalho realizado nas ONGs, Galvão e Marinho-Araújo (2017), esclarecem que essas organizações surgem para oferecer serviços educacionais as classes populares, e nesse contexto de atuação profissional da Psicologia é necessária a criação de estratégias de intervenção psicológica capazes de contribuir com a educação social que se materializam nos espaços alternativos de formação humana.

Conforme apontado por Flor e Goto (2015), a reprodução do modelo privado de atendimento, até então prática frequente na área da saúde, começou a se tornar insustentável, demandando o desenvolvimento de uma articulação necessária entre a prática clínica e o contexto mais ampliado da saúde coletiva.

Pensando na atuação profissional em Psicologia, Ferreira Neto (2010) aponta que a progressiva e permanente transformação do SUS e a prática requerida aos psicólogos nesse setor permitiram significativos avanços no desenvolvimento de uma atuação mais pertinente e resolutiva por parte dos psicólogos. Entretanto, como mostra parte da literatura recente, ainda há muito a ser revisto.

Dentro do contexto de atuação no SUS, temos também as contribuições de Silva e Corgozinho (2011), sobre o modo de trabalhar, ao entrar na comunidade, as psicólogas devem estar cientes que lidará com sujeito concreto, inserido numa realidade sócio-histórico-cultural, tendo no cotidiano seu espaço vital, portanto opta-se por se pensar em uma metodologia cujos objetivos são definidos a posteriori e o trabalho pensado e formulado juntamente com as demandas apresentadas pela população.

Ainda sobre a atuação da Psicologia no SUS, Pires e Braga (2009), apontam que uma das preocupações dos psicólogos que atuam na saúde é compreender a relação entre comportamento e a saúde e como intervir na interface indivíduo, sistema de saúde e sociedade.

É mister ressaltar que existem segmentos de atuação profissional em Psicologia, contudo ainda têm-se poucos profissionais inseridos em campos de atuação de extrema relevância social, e considerando a afirmação de Portugal e Souza (2018), ressaltando que ficam patentes as contribuições do conhecimento da Psicologia com políticas públicas, instituições de saúde, educação, assistência, garantia de direitos e com justiça social que demandam não apenas novos referenciais teóricos, mas também criatividade metodológica e encontro com novos campos de trabalho.

A Psicologia como profissão oferece subsídios para alguns campos de atuação, e Silva e Corgozinho (2011) ressaltam de maneira positiva a inserção da psicóloga no CRAS. Consideram se tratar de uma evolução transformadora na forma de atuação desde a

regulamentação da profissão no ano de 1962. Isso permite afastar-se de um trabalho meramente clínico e elitizado, para um trabalho que visa o social e o comunitário.

Pensando na atuação das psicólogas na saúde pública, fazendo parte importante do quadro de profissionais da área da saúde, com um forte vínculo ao modelo médico e a saúde mental. Pires e Braga (2009) ressaltam que a introdução da psicóloga, foi baseada na demanda de origem psiquiátrica, com a proposta de mudança da cultura de hospitalização do doente psiquiátrico.

Torna-se então necessário rever os modelos de atuação já existentes na Psicologia, bem como romper com o modelo clássico de atuação clínica, uma vez que já existe um movimento de expansão dos campos de atuação, que amplia dessa maneira a ação de psicólogas, nas equipes de saúde mental para além da clínica. e nessa direção Ferreira Neto (2010) salienta que essa porta de entrada na saúde pública, associada ao modelo prevalente de formação nos cursos de graduação, acarretou, como veremos adiante, alguns impasses na atuação da psicóloga na saúde.

Diante do exposto acima , e de acordo com as transformações ocorridas na atuação das(os) psicólogas nos últimos anos, importa destacar toda a reformulação ocorrida nos modos de se fazer e praticar essa atuação perante a situação da pandemia de Covid-19, e acreditando na importância de trazer informações sobre esse contexto, visto que ainda é um fenômeno vivenciado, veremos no capítulo a seguir, informações pertinentes sobre a atuação da psicologia frente as adaptações e inovações em seu fazer profissional.

4 A PSICOLOGIA NO AQUI E AGORA: PROBLEMATIZANDO A ATUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID 19

Ao abordar a temática da atuação profissional de psicólogas, devido ao contexto vivenciado nos últimos anos no âmbito da saúde mental, faz-se necessário discutir a relação entre o trabalho e a saúde das psicólogas em tempos de pandemia.

Destacando que as profissionais em Psicologia têm sido convocadas ainda mais a exercer o cuidado com a saúde mental da sociedade de maneira geral, sob esta perspectiva, dessa maneira cabe ressaltar o modo como o trabalho foi afetado e modificado pela pandemia de COVID-19 e, particularmente, os impactos sofridos pelas psicólogas, que ocupam o lugar de cuidadores no atual cenário.

Visto que temos aí novas configurações do trabalho no período de pandemia, e de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2020), a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um alerta na data do dia 31 de dezembro de 2019 acerca de uma pneumonia de origem desconhecida no município de Wuhan/China. Após uma semana foi confirmado a nova variante do coronavírus (COVID-19). Um mês depois, no dia 30 de janeiro de 2020, o surto da COVID-19 foi assumido como uma questão de saúde pública global.

A partir desse momento o mundo todo inicia um processo de mudança que veio a afetar todos de uma maneira geral, a partir do momento da descoberta da proliferação do vírus de maneira rápida e mortal, tendo ciência que a infecção por este vírus pode ocorrer mediante exposição por intermédio “do toque das mãos, gotículas de saliva, espirros, tosse, catarro e objetos ou superfícies contaminadas, como os celulares, mesas e maçanetas [...]”, dentre outras situações (Oliveira, 2020, p. 10). Como estratégia para evitar a proliferação do vírus as autoridades da nação valeram-se do isolamento social, determinaram “o fechamento do comércio, escolas e áreas de lazer para evitar aglomerações, como a mais influente na rotina das pessoas” (Oliveira, 2020, p. 10).

Diante dessas adequações, a população viu-se obrigada a modificar sua realidade cotidiana de outrora, tendo sido rompida a percepção que se tinha de “normalidade” em relação às atividades do dia a dia, o que suscitou sentimentos diversos com os quais os indivíduos têm tido que lidar e se adaptar, o que de certa maneira tem causado danos psíquicos.

Em virtude do isolamento, a liberdade de ir e vir dos sujeitos foi comprometida, o que trouxe impactos na vida dos brasileiros, principalmente na forma como são exercidas as atividades laborais, o que tem causado danos à saúde mental. Dentro desse contexto, ressalta-se que o trabalho tem relação direta com a sustentação dos processos psíquicos, tais como: a identidade; a saúde mental; e a ação do indivíduo (Bendassolli, 2011).

Considerando as diversas mudanças acarretadas pela pandemia nos aspectos laborais, os impactos na saúde mental dos trabalhadores são iminentes, devido às suas repercussões nos processos psíquicos, na identidade relacionada ao trabalho que se vê ameaçada, e inclusive, por meio da exposição à possibilidade de morte que fica ainda mais próxima do trabalhador.

Nesse sentido, destaca-se que tais desafios também têm sido impostos aos psicólogos durante o exercício do cuidado com o outro. Nessa direção Zilli e Mingrone (2020), apontam as mudanças engendradas pelas condições da pandemia que trouxeram repercussões, tais como: os desafios do trabalho em regime remoto, envolvendo a qualidade do ambiente e dos recursos necessários para o trabalho de qualidade; a insegurança dos ambientes externos de trabalhos, como no caso dos hospitais, em que faltava até mesmo equipamentos de segurança para garantir a proteção dos trabalhadores, a precarização desses ambientes; a desigualdade social acentuada pela pandemia, que impede a adesão de milhares de trabalhadores ao trabalho remoto, deixando essas pessoas sem fontes de subsistências; e por último, o corte de milhares de empregos considerados como atividades necessárias.

Mesmo diante de condições adversas devido à conjuntura atual de reorganização de práticas e cenários de trabalho, que tem colocado os profissionais da Psicologia em situações de adaptações em seu fazer profissional, fez com que as psicólogas, repensassem seu modo de trabalhar.

E nesse contexto do reinventar e ressignificar o modo de trabalho, nos remetemos a ideia de Bendassolli (2011), apontando que o trabalho tem em si condições de ser uma fonte de prazer na medida em que permite ao indivíduo atualizar sua capacidade criativa e sublimatória. Nesse sentido, a pandemia pôde oferecer solo propício à ampliação de algumas áreas da psicologia, como o atendimento online, que vai ao encontro do contingente demandado, assim como da oferta de trabalho por parte das psicólogas que buscam se inserir no mercado de trabalho (Viana, 2020).

4.1 A atuação das psicólogas e os desafios do contexto pandêmico

O período pandêmico intensificou o momento de expansão das fronteiras entre o eu e o outro, entre a prática profissional e as diversas localidades globais em prol da atenção psicológica. Diante disso, é de suma importância a realização dos seguintes questionamentos: Como a psicólogas tem encarado essas repercussões da pandemia? Como essa conexão tem sido realizada? Como o trabalhador é visto em relação a pandemia?

Nessa conjuntura, a Psicologia apresenta-se deficitária no que concerne às condições de trabalho e da organização de trabalho, visto que não encara a pandemia como um fenômeno coletivo a partir do qual os trabalhadores sejam tomados como um conjunto, mas

trata-os de uma forma individualizante (Pulido-Martínez & Burbano-Valente, 2020). Diante de uma situação nova e desafiadora, a sociedade, bem como a mídia, e a Medicina, de maneira geral, sustentam o discurso no qual o trabalhador deve enfrentar a situação da melhor forma que puder com os seus recursos internos. Tal argumento deixa de lado outros aspectos ligados ao cuidado do indivíduo, responsabilizando-o unicamente pelos seus processos de saúde e doença. Da mesma maneira, essa premissa pode ser tomada pela própria psicóloga enquanto trabalhadora, também susceptível ao adoecimento.

O ato de tornar pessoal um problema coletivo afeta o modo como se percebe o bem-estar, o qual deixa de ser visto em sua complexidade, sendo desconsiderados fatores como as condições laborais regulamentadas, o acesso à saúde e os demais direitos trabalhistas. Como apontam Pulido-Martínez e Burbano-Valente (2020), a condição atual é encarada como uma guerra, mas contra um inimigo invisível e, portanto, surgiu uma estratégia de militarização simbólica, na qual têm sido chamados de fracos aqueles que não se disponibilizam a lidar com o perigo da infecção e/ou da morte. Tal realidade tem sido vivenciada de modos distintos, em que determinadas classes socioeconômicas se mantêm em casa evitando contaminação, enquanto outras têm que se expor para não correrem o risco da perda do trabalho.

Diante desta realidade, algumas atividades tidas como emergenciais tiveram que se adequar e se manter, sem pausa, como as demais, como, por exemplo, os supermercados, farmácias, e outros serviços básicos de saúde. Nesses serviços de saúde, contempla-se a atuação da psicóloga, que teve que se fazer presente durante todo este período, sujeito a todos riscos do exercício do trabalho, como os demais.

Em relação a necessidade de se manterem ativos esses serviços, a World Health Organization (2020) dispôs algumas medidas de autocuidado, como a higienização regular das mãos, o distanciamento de pelo menos dois metros das demais pessoas e a utilização de máscaras. Assim, tais cuidados foram tomados imediatamente para a realização de serviços básicos.

No entanto, alguns passaram a serem mais fortemente mediados pelas tecnologias de informação e comunicação, como a atuação da psicóloga, e nesse sentido pôs-se um grande desafio a essa categoria profissional, uma vez que mesmo regulamentado desde 2012, ainda não era amplamente praticada pela categoria profissional.

A partir de então, surgiu o Projeto TelePSI promovido pelo Ministério da Saúde, com o apoio do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (Oliveira, 2020). Tal projeto oferta atendimento psicológico e psiquiátrico destinado aos profissionais da área da saúde que atuam na linha de frente na atenção aos pacientes diagnosticados com COVID-19. Alternativas de atendimentos foram sendo propostas pelos órgãos responsáveis, outro projeto de atendimento online foi o Projeto Psicologia Solidária de Minas Gerais, que ofereceu atendimento psicológico a mais de 3 mil pessoas durante a pandemia.

Vale ressaltar que as influências das condições que a pandemia proporcionou podem perdurar mais que a própria pandemia e trazer repercussões afetivas e comportamentais a longo prazo. Podendo acarretar reações diversas como a ansiedade, o medo de ser infectado ou da transmissão aos familiares, a solidão e a raiva (Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020).

Para Oliveira (2020) o isolamento pode produzir conflitos psíquicos, como desesperança, desejo de estar próximo ao outro, saudade e destituição de sentido da existência. Tais conflitos também podem ser vivenciados pelas psicólogas, embora estes possam não se enxergar como sujeitos que carecem de cuidado, não tomando atitudes assertivas para si mesmo.

Sob esta perspectiva, Bezerra, Silva, Soares & Silva (2020) apontam uma alteração na qualidade de sono com o isolamento advindo da pandemia, assim como o aumento do estresse no âmbito familiar. Diante desse cenário, houve um aumento de 800% na busca por atendimento psicológico online pela plataforma E-Psi, o que não necessariamente representa a procura também da(os) psicólogas(os) pela atenção em saúde para si (Viana, 2020).

Confirma-se então, que o cenário trazido pela pandemia tem desafiado e reconfigurado o trabalho das psicólogas. Possivelmente, a constante busca da qualidade na prestação dos seus serviços, a dedicação e esforço para a promoção do bem-estar das pessoas que os procuram, assim como o exercício constante de cuidado com relação ao outro, podem converter-se em altas exigências para esses profissionais.

Cabe ressaltar o atual do contexto de atuação em Psicologia, uma vez que os profissionais tiveram que reinventar o modo de atuação, devido ao contexto da Pandemia de Covid-19. Entretanto segundo Siegmund e Lisboa (2015), não se tem tanta clareza sobre os serviços que a Psicologia tem a oferecer através da internet e que papel a relação entre cliente e profissional ocupa nessa modalidade de atendimento psicológico. Mesmo sendo uma prática autorizada há algum tempo atrás, com a resolução 012/2005 do Conselho Federal de Psicologia, os atendimentos psicológicos de maneira online se apresentaram como um grande desafio aos profissionais.

O atendimento psicológico online já era uma prática regulamentada, e foi ampliada pela Resolução CFP nº 4/2020 (Conselho Federal de Psicologia, 2012; Conselho Federal de Psicologia, 2020). Assim, o atendimento na modalidade online passou a ser um meio importante de acesso e cuidado com o sofrimento do outro (Conselho Federal de Psicologia, 2020). Em consequente, pela Resolução CFP nº 4/2020 o Conselho Federal de Psicologia tornou mais flexível a realização de atendimentos psicológicos mediados pelas tecnologias, com base no Código de Ética Profissional, sob a exigência de um cadastro na plataforma e-Psi.

Trazendo a reflexão sobre a relação terapêutica e os atendimentos on-line, Siegmund e Lisboa (2015), ressaltam que uma das formas de inserção ou integração da Psicologia no

contexto tecnológico da informática são os atendimentos psicológicos on-line, ou serviços mediados pelo computador, como também são conhecidos. As possibilidades dessa modalidade de atendimento são quase tão diversas quanto os atendimentos psicológicos presenciais.

E nesse sentido percebe-se que houve alterações significativas e novas formas de relacionamentos entre as pessoas surgiram, mediadas pelas tecnologias, visto que a maneira possível de se comunicar perante a situação da pandemia de Covid-19 era através do campo virtual.

4.2 Algumas considerações à cerca da atuação das psicólogas na pandemia de Covid-19

A atuação da psicóloga sempre esteve em transformação e a pandemia trouxe outros desafios e possibilidades para a sua prática. Conforme abordado no decorrer do capítulo, houve uma expansão da prática de atendimento online, facilitando ainda mais o seu desenvolvimento e acesso pelos indivíduos, e dessa maneira o trabalho da Psicologia deixou de ser regional e ampliou assim a capacidade de atuação.

Cabe ressaltar que, as psicólogas, ao terem o seu trabalho modificado, tiveram a relação com o trabalho em si alterada, ainda nessa direção vale lembrar que os estudos sobre implicações na saúde mental em decorrência da pandemia de Covid-19, como apontado por Schmidt, Crepaldi, Bolze e Neiva-Silva (2020), ainda são escassos, por se tratar de fenômeno recente, mas apontam para repercussões negativas importantes.

Nota-se então, que o cenário da pandemia trouxe grandes implicações para a saúde mental da sociedade de maneira geral, como ansiedade, medo, e demais conflitos que colocam as concepções identitárias do sujeito em relação ao trabalho em questão, o que também pode ser questionado sobre o fazer e o ser das psicólogas, que tiveram que se reinventar perante toda essa situação vivenciada.

Bastos e Gondim (2010), já ressaltavam que um dos grandes desafios na atuação do profissional psicólogo brasileiro é o crescente desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. E nesse contexto deve-se compreender que ainda existe uma certa resistência tanto por parte do profissional, quanto do paciente em relação ao funcionamento e estabelecimento de vínculo, através do atendimento online.

Pensando na relação terapêutica e no estabelecimento do vínculo, através dos atendimentos psicológicos online, segundo Siegmund e Lisboa (2015), verificou-se que a formação e mantimento da relação terapêutica de forma semelhantes às psicoterapias presenciais e mostrou-se que foi possível estabelecer pela internet, um clima agradável e produtivo entre pacientes e terapeutas.

Conforme apontado em pesquisa de Araújo et al. (2020) entendemos, assim, que uma das formas essenciais para se analisarem os impactos da intensificação do uso das TIC, com a chegada da pandemia da Covid-19, é conceber as práticas psicológicas, no campo da clínica, como atividade de trabalho, situada em um contexto sócio-histórico, político e econômico.

Os autores trazem que no campo de atuação da Psicologia, sabidamente diverso e plural, relatamos um aumento expressivo das atividades realizadas por profissionais da Psicologia, voltadas para as práticas clínicas tradicionais. Diante das evidentes dificuldades e dos constrangimentos para se efetivar o atendimento presencial, majoritariamente em clínicas e consultórios particulares, passou-se às plataformas virtuais e aplicativos, o que exigiu uma adaptação e transformação da própria atividade.

Araújo et al. (2020), ressaltam, não haver dúvida de que o atendimento clínico realizado por profissionais da saúde mental, em particular da Psicologia, por meio de plataformas virtuais, é importante, sobretudo em um cenário de isolamento social. Ainda segundo os autores, apesar de não podermos prever os rumos da Psicologia como profissão, temos de nos interrogar sobre o seu futuro, caso se retraiam essas práticas sociais. A análise crítica desse momento que atravessamos nos parece necessária, ainda que sujeita aos desafios e desacertos de uma reflexão contingente e relativamente precoce.

Nesse cenário, a Psicologia em sua diversidade, pluralidade e nos compromissos democráticos que ela assume, também se encontra, a nosso ver, sob ameaça, diante de uma possível ausência de regulamentação, ligada a interesses de grupos empresariais, encabeçados ou não por profissionais da área. Após a emergência da Covid-19, surgiram vários *sítes* na internet oferecendo, sem respaldo do Conselho Federal de Psicologia, cursos para treinamento de terapeutas, em diversas modalidades de “telepsicoterapias”.

Dentre do contexto da atuação das(os) psicólogas(os), mediante os atendimentos online, que obtiveram um aumento exponencial devido a pandemia, cabe ressaltar que como todo fenômeno social, não existe ainda um distanciamento social dos fatos, que permita uma outra avaliação ou interpretação do cenário vivenciado. Dessa maneira, há indícios de que o atendimento online vai se estabelecer, uma vez que profissionais da Psicologia entenderam e se adaptaram em atender através das TICs, e dessa maneira deixaram de ser profissionais regionais, e assim abrangendo suas possibilidades de atuação.

Em síntese as respostas obtidas conseguiram clarificar os objetivos propostos pela pesquisa, correlacionar duas técnicas de pesquisa investigativa, possibilitou assim uma análise cautelosa, comprometida com a fidedignidade dos dados obtidos, onde o questionário oportunizou uma visão ampla e abrangente da atuação das psicólogas em Poços de Caldas, e através das entrevistas foi possível evidenciar as experiências individuais de inserção e

atuação, mas contudo trazendo contribuições para o coletivo e fortalecimento da prática da Psicologia como profissão.

5 METODOLOGIA

Para o alcance do referido objetivo central, a pesquisa, então, se estruturou por meio das seguintes etapas: a) revisão sistemática de literatura; b) construção dos instrumentos metodológicos de coleta de dados (questionário e entrevista); c) seleção dos profissionais de Psicologia a serem estudados; d) coleta de dados; e) análise e interpretação do material coletado.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, quanto à forma de abordar e trabalhar os dados, por meio da revisão sistemática de literatura. Ressaltando que a finalidade real da pesquisa qualitativa, “sobre contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2008, p. 67-68). No entanto, quando necessário, serão apresentadas algumas porcentagens, para quantificar as respostas obtidas nos questionários, visando à uma melhor apreensão da realidade investigada.

Como norte referencial da metodologia, utilizou-se referências como Minayo (2001), que nos traz o conceito de metodologia de pesquisa, fornecendo caminhos à pesquisadora, para o bom desenvolvimento da estruturação metodológica do projeto a ser realizado. Assim, a autora afirma que a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, sendo necessário entender a metodologia como uma articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. Para isso, importa organizar um conjunto de técnicas, contendo um instrumental claro, coerente, bem elaborado, e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática pesquisada.

Na mesma direção, seguindo as etapas propostas por Minayo (2009, p. 26-27), a pesquisa qualitativa possui um ciclo que pode ser dividido em três etapas, que organizam e estruturam a pesquisa, sendo elas: a) fase exploratória, produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a coleta e a análise dos dados qualitativos; b) trabalho de campo, fase em que a construção teórica elaborada na fase exploratória é levada à prática empírica, por meio de observações, entrevistas e outras modalidades de levantamento dos dados; c) análise e tratamento do material empírico e documental, conjunto de procedimentos para valorização, compreensão e interpretação dos dados empíricos, ao articulá-los com a teoria, que fundamentou o projeto ou com novas leituras necessárias.

5.1 Produção de dados

Concomitantemente com a revisão sistemática de literatura, foi iniciada a pesquisa de campo, em que os sujeitos pesquisados foram: 51 profissionais psicólogas atuantes na cidade

de Poços de Caldas, devido à inserção da pesquisadora na referida cidade, o que facilita o estudo. Foi utilizada a amostragem não probabilística por julgamento (Gil, 2008), na qual a pesquisadora buscou as informações de contato, por meio de grupos de psicólogos do município em questão.

Assim, participaram como sujeitos da pesquisa, os psicólogos atuantes no Município de Poços de Caldas, integrantes da RedePsi – rede de apoio dos profissionais de Psicologia da cidade, que contém atualmente 213 membros, com os quais foi realizado o contato, para contribuição para a pesquisa, mas não foi atingida uma quantidade expressiva de participantes, conforme esperado, a amostragem alcançada foi de 51 respondentes ao questionário *online*.

Para o desenvolvimento da pesquisa conta-se como campo de estudos a RedePsi, que é um movimento, criado, organizado e movimentado pelos profissionais de Psicologia de Poços de Caldas e região, incluindo o interior de São Paulo, que tem como principal objetivo uma rede de apoio profissional, que atua por meio de trocas, seja de informação, conhecimento, encaminhamentos, ações, conseguindo abrangência e efetividade em suas ações.

Contando atualmente com 175 membros, a RedePsi é baseada na solidariedade entre os profissionais atuantes na Psicologia em segmentos diferenciados, foi idealizada e organizada em 2017 pelo psicólogo Luiz Guilherme Sant'Angelo, com início das atividades em 2018. Desde então a pesquisadora faz parte dessa rede.

Porém, mesmo com uma amostra menor do que a esperada, foi possível extrair dados pertinentes sobre a atuação e a formação dos psicólogos da região, uma vez que o questionário *online* direcionou aqueles profissionais que, ao final do questionário, prontificaram-se a ser entrevistados e a contribuir com a pesquisa, em profundidade, participando da etapa de entrevista. Um total de sete entre as 51 psicólogas, que responderam ao questionário, voluntariou-se para participar da entrevista.

Utilizou-se, portanto, como instrumentos de coleta de dados, nesta pesquisa: questionário *online* e entrevista. De acordo com Bauer et al. (2008), “uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica” (p.18). Assim, os autores dizem que, para se realizar a pesquisa qualitativa, é preciso coletar dados, por meio de observações, técnicas de entrevista e interpretações de vestígios materiais deixados pelos sujeitos pesquisados, tudo aliado a uma análise sistemática.

Assim, nesta pesquisa, como ferramenta para coletar os dados, foi aplicado um questionário eletrônico, baseado nas propostas de Gunther (2003), não para avaliar as habilidades dos pesquisados, e, sim, opiniões, a respeito do tema que está em análise. Dito isso, ressalta-se que o instrumento de coletas de dados do questionário por meio eletrônico

foi elaborado no aplicativo de questionários e pesquisas Google Forms e foi composto por 14 questões: 13 questões de múltipla escolha e uma questão descritiva. Para caracterizar a amostra, foram investigadas questões sobre faixa etária dos profissionais, gênero e grau de escolaridade.

A primeira etapa da pesquisa de campo se deu por meio de questionário eletrônico autopreenchido, criado por meio da plataforma eletrônica Google Forms. O questionário continha questões pertinentes à temática pesquisada, o que possibilitou uma maior abrangência sobre os sujeitos de pesquisa. O supracitado questionário ficou disponível para preenchimento por 45 dias, no período de 05/02/2021 a 21/03/2021. Após o encerramento da aplicação dos questionários *online*, os dados foram extraídos do Google Forms e inicialmente tratados no Microsoft Excel, versão do pacote Office Professional Plus 2013, *software* por meio do qual também foram apurados os percentuais que descrevem a amostra de maneira fidedigna.

Buscando encontrar dados específicos sobre como ocorre o processo de formação continuada, bem como aspectos referentes ao ano de conclusão do curso de graduação, e a instituição de ensino, foram realizadas perguntas que buscam entender um pouco mais sobre a formação acadêmica dos participantes.

Após se encerrar a aplicação do questionário a 51 psicólogas, foram selecionados os sete participantes que se voluntariaram a participar da entrevista, e, então, foram realizadas entrevistas narrativas, com sete psicólogos atuantes, inscritos no Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais e residentes em Poços de Caldas. Optou-se por realizar as entrevistas de maneira *online*, devido à pandemia de covid-19: as entrevistas foram realizadas via Teams, gravadas e transcritas, para tratamento dos dados.

As entrevistas gravadas foram transcritas e foi realizada uma segunda escuta para conferir a fidedignidade dos dados da transcrição. Assim, foram descritos comportamentos verbais de uma maneira fidedigna, para melhor apuração dos dados, bem como os não-verbais observados em cada entrevista (interpretações de silêncios e ruídos percebidos, risos, balbucios, pausas, titubear).

Vale ressaltar a importância da entrevista para esta pesquisa, uma vez que, conforme Rosa e Arnoldi (2008), a entrevista na pesquisa qualitativa é uma “técnica de coleta de dados, responsável por resultados” e que ajuda, por meio da coleta e da interpretação das informações por ela geradas, a responder ao problema de pesquisa (p. 7-8). Neste estudo, optou-se então pela realização de uma entrevista semiestruturada: “exige-se que componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente” (Rosa & Arnoldi, 2008, p. 31).

Para analisar as entrevistas, Gaskell (2008, p. 84-88) diz que a pesquisadora deve considerar que o objetivo amplo da análise é a busca de sentidos e compreensão, por meio da procura de temas com conteúdo comum e pelas funções de tais temas. Com isso, o autor reforça ser fundamental “garantir que toda interpretação, esteja enraizada nas próprias entrevistas, de tal modo que, quando a análise é feita, o corpus pode ser trazido para justificar as conclusões” (p. 86).

As entrevistas, além de considerarem as questões como foco de atuação da Psicologia no município, também visaram a conhecer de que forma a psicóloga tem conseguido inserção, atuação e manutenção no mundo do trabalho. Como resultado, tivemos uma diversidade de respostas.

As entrevistas abertas foram realizadas entre 11 de junho e 30 de setembro de 2021, por meio de uma plataforma de videoconferência, e tiveram duração média de 50 a 60 minutos. O processo de entrevista foi precedido pela leitura e, em caso de aceite, da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), também sendo solicitada a permissão para uso da gravação, que apenas ocorrerá com o consentimento do respondente.

Buscando correlacionar os aspectos teóricos e práticos da atuação das psicólogas, trouxemos elementos presentes nas falas das entrevistadas. E nesse sentido com intuito de preservar o sigilo quanto à identidade das entrevistadas em questão, cabe salientar que estas serão nomeadas com pseudônimos.

5.2 Apresentações das participantes

Ao longo da apresentação das participantes que apresentaremos, serão citadas pseudônimos, segmento de atuação profissional, anos de atuação, bem como formação acadêmica para uma melhor compreensão dos leitores sobre a população pesquisada, e no decorrer das discussões, as mesmas serão citadas do mesmo modo que aqui serão anunciadas.

5.2.1 Participante 1: psicóloga clínica e preceptora de estágios

A psicóloga com o pseudônimo de Ana, atua como autônoma em consultório particular, e como preceptora de estágios em uma faculdade na cidade de Poços de Caldas-Mg, é uma mulher de 24 anos, branca, casada, e não tem filhos. Segundo ela possui Pós-Graduação *Lato Sensu* completa, e iniciou no mestrado em 2021. Possui dois anos de atuação em Psicologia.

5.2.2 Participante 2: psicóloga clínica, supervisora de casos, ministrante de minicursos

A psicóloga com o pseudônimo de Alice, é uma mulher de 30 anos, casada e não tem filhos. Nascida e residente na cidade de Poços de Caldas, onde atualmente atua profissionalmente, há 5 anos. Iniciou sua atuação assim que concluiu a graduação em consultório particular, inicialmente tinha em mente emprego fixo, como não conseguiu, resolveu apostar na prática clínica e se dedicar totalmente ao consultório e aos estudos, iniciou especialização e grupo de estudos para se encontrar na atuação em Psicologia. Declara ter pós-graduação lato sensu completa, e tem a intenção de continuar se especializando.

5.2.3 Participante 3: psicólogo organizacional, psicólogo clínico, docente

O psicólogo com pseudônimo Antônio, é um homem de 33 anos, casado e não tem filhos. Residente em Poços de Caldas, atuando na Psicologia há 10 anos, tendo uma trajetória profissional que contempla áreas diversas: psicólogo de RH no serviço público da cidade, atuante em consultório particular, e também docente no curso de Psicologia. Possui mestrado em Psicologia da saúde, e está cursando o doutorado.

5.2.4 Participante 4: psicólogo clínico

O psicólogo com pseudônimo André, com 31 anos, solteiro e sem filhos, atuando na Psicologia há 5 anos, atualmente apenas em consultório particular, já atuou em outras áreas como docência e abrigos institucionais. Possui pós-graduação lato sensu completa.

5.2.5 Participante 5: psicólogo clínico, preceptor de estágio

O psicólogo com pseudônimo João, é um homem com 30 anos, solteiro e sem filhos atuando na Psicologia há 3 anos, atuando atualmente em consultório particular, e como preceptor supervisão de alunos em campo de estágio, como contrato pela faculdade. Declara que sempre se envolveu em tudo que a faculdade proporcionava, estágios extracurriculares, projetos sociais. Possui pós-graduação lato sensu completa.

5.2.6 Participante 6: psicologia social, docência e pesquisas

A psicóloga com pseudônimo Kátia, é uma mulher branca, casada, sem filhos, com 36 anos, já atuando na Psicologia há 14 anos em políticas públicas. No início da profissão tentou consultório chegou a ficar 5 anos conciliando o trabalho em clínica e instituições, mais não se

identificou tanto com o trabalho desenvolvido em consultório, porque sua paixão é trabalhar nas instituições e estar envolvida e debatendo as políticas públicas. Possui mestrado, e atualmente está cursando o doutorado.

5.2.7 Participante 7: psicologia organizacional

A psicóloga com pseudônimo de Roberta, é uma mulher branca, casada e sem filhos, com 27 anos e atuando na Psicologia há 4 anos. Desde seu trajeto acadêmico se despertou pela área organizacional, ao sair da graduação já tinha há 6 meses o projeto da sua própria empresa de RH, que colocou em prática assim que se formou, e presta serviço de consultoria organizacional, avaliação de perfil psicológico, contratação de funcionários e treinamentos de equipes, tendo expandido sua atuação nas empresas em Poços de Caldas e região. Possui especialização lato sensu completa em sua área de atuação e pretende iniciar o mestrado.

5.2.8 Participante 8: Psicologia clínica, Psicologia Social

O psicólogo com pseudônimo de Lucas, é um homem de 29 anos, solteiro e sem filhos. Atuando na psicologia há 4 anos. Trabalhou um período como docente no curso de Psicologia, atualmente se dedica a psicologia clínica, e trabalha no setor público, com a psicologia social e políticas públicas. Possui mestrado completo, e pretende iniciar o doutorado.

Diante do exposto, acima evidencia-se que foram entrevistadas psicólogas, que atuam em diferentes áreas, mais com a predominância da atuação clínica, em consultórios. Outro dado importante é que todas entrevistadas, investem ou buscam investir na sua formação continuada, uma vez que nenhum dos entrevistados possui apenas o curso de graduação.

Verifica-se que as idades das entrevistadas, trazendo uma faixa etária que vai de 24 a 36 anos, sendo todas nascidas no estado de Minas Gerais. Etnicamente falando, a cor branca predomina na pesquisa, considerando que de 7 entre 8 entrevistadas, se declararam brancas, e apenas 1 se identificou como pardo. Cabe destacar também que todas as pessoas entrevistadas foram formadas por instituições privadas.

O que confirma os dados encontrados na pesquisa de Bastos, Gondim e Peixoto (2010), onde aponta-se que a média nacional indica que 80% dos concluintes em psicologia nos últimos anos se formaram na rede de ensino privada.

Temos também a comprovação desses dados, na pesquisa de Beraldo e Ferreira Neto (2017), onde ressalta que através de levantamento realizado, que a maior parte dos estudantes de Psicologia está nas IES particulares, onde há pouca pesquisa desenvolvida nessas instituições.

Posteriormente, foram feitos os tratamentos dos dados obtidos nas entrevistas, as transcrições permitiram uma análise fidedigna das respostas dos entrevistados, e, assim, a análise de conteúdo será realizada baseada no método de Bardin (2011), que nos traz que as entrevistas de inquérito efetuadas sobre um dado tema devem: referir-se todas ao tema, terem sido obtidas por intermédio de técnicas idênticas, e serem realizadas por indivíduos, semelhantes. Tais regras são, sobretudo, utilizadas quando se deseja obter resultados globais ou se comparar entre si os resultados individuais.

Para a análise das entrevistas, foi utilizada a metodologia proposta por Bardin (2016), que, por meio de técnicas específicas, demonstrou a efetividade da análise de conteúdos na investigação psicossociológica e na comunicação das massas. Cabe destacar que a autora descreve a análise de conteúdo como: um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis e em constante aperfeiçoamento, que se aplicam aos “discursos”.

Posteriormente, durante a análise das respostas obtidas durante as entrevistas, foram definidos códigos para expressassem conteúdos relevantes no material coletado. Por meio da criação de tais códigos, os conteúdos foram classificados em grandes temas, e, posteriormente, foram revisados, gerando um mapa de temas do conteúdo analisado. A última etapa consistiu em redefinir e nomeá-los de forma clara, criando, por fim, uma tabela, descrevendo a amostragem alcançada com três entrevistados, aqui, apresentados para exemplificar os conteúdos obtidos nesta pesquisa durante a fase de entrevista, conforme apontado na Tabela 1 exposta a seguir.

Quadro 3 – Descrição da amostra entrevistada

Pesquisa Empírica					
Inicial	Sexo	Idade	Escolarização	Anos de Atuação Profissional	Area de Atuação
Katia	F	36	Mestrado	14	Psicologia Social Docência
Antônio	M	33	Mestrado	10	Psicologia Organizacional, Psicologia clínica, Docência
Ana	F	24	Especialização	3	Psicologia clínica Preceptoria de Estágio
Alice	F	30	Especialização	5	Psicologia clínica
João	M	30	Especialização	3	Psicologia clínica Preceptoria de Estágio
André	M	31	Especialização	5	Psicologia clínica Psicologia Social

					Psicologia Escolar Docência
Lucas	M	29	Mestrado	4	
Roberta	F	27	Especialização	4	Psicologia Organizacional

Fonte: dados da pesquisa.

Após a etapa de coleta de dados, iniciou-se o tratamento dos dados obtidos, para apresentar então os resultados empíricos da pesquisa, inicialmente será realizada a apresentação dos dados obtidos através de questionário online autoaplicável.

5.3 Análise dos questionários

Primeiramente, cabe lembrar que os dados desta pesquisa apresentam uma realidade regional, tendo em vista que os entrevistados são psicólogas atuantes no município de Poços de Caldas e região. Também cabe ressaltar que, de acordo com esse levantamento realizado pela pesquisadora em novembro de 2021, há, no município, 710 psicólogos com o CRP ativo. Sendo que a amostra principal da pesquisa foi composta por 51 psicóloga, atuantes na região citada.

Para melhor compreensão da amostragem analisada, inicialmente, avaliou-se as seguintes variáveis: gênero, idade, escolaridade. As análises de diferenças de gênero levaram a algumas evidências importantes. Por meio da concatenação das informações levantadas, por meio do questionário, observou-se uma predominância de atuação, na área de Psicologia, por mulheres: 85% das profissionais em atuação são do gênero feminino. Tal predominância, de acordo com Cury (2012), é tradição no campo, pois a Psicologia enquanto profissão, é preconceituosamente tomada como de gênero feminino, por que está ligada a conotações de sentidos, tais como sensibilidade e cuidado com o outro, atribuições culturalmente associadas às mulheres.

A entrevista contou com 14 questões: 13 questões de múltipla escolha e uma questão aberta e, nesse sentido, foram pesquisados alguns itens e foram evidenciados alguns que seguem nos gráficos. Através da análise realizada, serão descritos e explicitados, a seguir.

Em pesquisa realizada por Santos et al. (2014), sobre o perfil dos psicólogos, constatou-se que a maioria (88,2%) dos psicólogos inscritos no CRP-04, atuantes no município de

Governador Valadares, são do sexo feminino, havendo uma minoria (11,8%) do sexo masculino. Isso corrobora um dado nacional, exposto no estudo de Bastos, Gondim e Peixoto (2010), no qual, no Brasil, 83,8% são do sexo feminino e, em Minas Gerais, esse índice cai para 78,3%.

Atualmente de acordo com os dados do CFP temos no total de profissionais inscritos 46.224, sendo dentre eles 39.192 do sexo feminino; do sexo masculino 6.970; enquanto 98 não informaram.

Sobre a predominância feminina na Psicologia, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontam que mesmo em pequenas proporções, existem estudos que demonstram que a sociedade enxerga a Psicologia como método de “auxiliar mulheres a cuidar direito de seus filhos, o que faz refletir que, muito embora, as mulheres busquem a Psicologia de fato como ofício e a aspirem como profissão a sociedade enxerga que tal profissão para a mulher, nada mais é que um mero instrumento para aperfeiçoar seus cuidados com a casa e a educação dos filhos, o que se faz perpetuar uma falsa compreensão de que a tarefa principal das mulheres seja de cuidadora do lar e não de profissional, contribuindo, desta forma para a desvalorização do trabalho feminino e, também da Psicologia.

Conforme apontado na pesquisa “Perfil do Psicólogo Residente e atuante em João Monlevade (MG): Perfil do Psicólogo Monlevadense” (Muniz, Amorim & Alves, 2020), existir uma forte presença feminina na profissão pode sugerir desigualdades no mercado de trabalho, no regime de trabalho e no valor social. Profissões vinculadas ao gênero feminino tendem a ser menos valorizadas perante a sociedade quando comparadas a atividades laborais associadas aos homens, interferindo diretamente no número de mulheres ocupando altos cargos e remunerações.

O que também confirma a pesquisa, de âmbito nacional, apresentada por Bastos, Gondim e Peixoto (2010), a Psicologia é caracterizada como uma profissão feminina, na qual o número de mulheres supera, consideravelmente, o de homens, dado que ao gênero feminino são associados os papéis que remetem a cuidado, percepção, fragilidade e paciência, enquanto ao masculino são atribuídas características como destemor, poder, força, agressividade, liderança.

Tal predominância feminina, constada entre entrevistados desta pesquisa, é um marco da profissão, pois vem figurando nos resultados desde os primeiros estudos acerca da temática. Nesse sentido em pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2012, aponta-se uma predominância majoritariamente feminina, na composição do quadro de profissionais de Psicologia, de cerca de 89%, a partir de dados sobre a população levantados diretamente do cadastro do CFP e que orientaram o cálculo da amostra.

Observa-se que essa predominância feminina, não é algo novo e recente, uma vez conforme pesquisa realizada por Bastos e Gomide (1989) já destacava o caráter feminino da

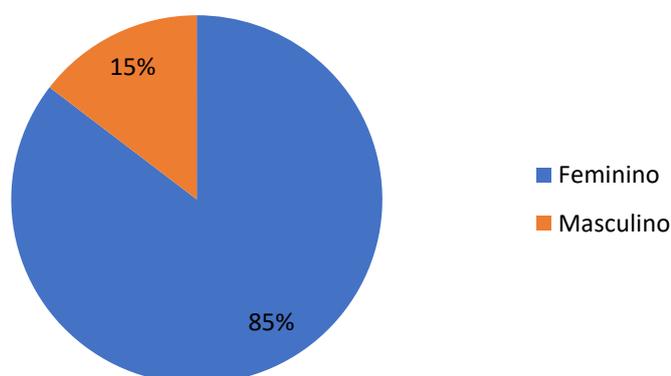
profissão, pois a visão da área como uma profissão do gênero feminino sempre existiu, uma vez que a Psicologia é compreendida como uma das profissões do cuidar, tarefa atribuída, de forma misógina, constantemente às mulheres.

Ressaltando a predominância de atuação feminina na área da Psicologia, temos o estudo realizado por Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontando que no contexto brasileiro, muito embora seja possível observar mudanças como a emancipação da mulher em diversos âmbitos sociais, como seu ingresso no mercado de trabalho e o direito ao voto, nota-se que as alterações nas funções desempenhadas entre homens e mulheres ainda é lenta e eu persiste a imagem da mulher ao papel do cuidado, enquanto os homens parecem predestinados às atividades mais pragmáticas e racionais, voltadas ao provimento financeiro do lar.

Dentro dessa reflexão as autoras ainda destacam que se verifica que não existem estudos que revelem os motivos da grande proporção de mulheres em relação aos homens, para a escolha da Psicologia como profissão. Sendo assim, refletir sobre a desigualdade das presenças masculinas e femininas na atividade da Psicologia é importante para compreendermos tanto a realidade desta profissão quanto o estabelecimento social de papéis entre o que é ser homem e ser mulher no Brasil, inclusive no meio profissional.

Além do gênero, nesta pesquisa, verificou-se a média de idade dos profissionais atuantes, quando se constatou a predominância da faixa etária dos 30 aos 40, com 39% dos respondentes, seguidos de 33% com idade entre 40 e 59, sendo que na idade entre 23 e 30 anos estão 28% dos respondentes, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Gênero



Fonte: dados da pesquisa.

Em pesquisa realizada por Santos et al. (2014), sobre o perfil dos psicólogos, constatou-se que a maioria (88,2%) dos psicólogos inscritos no CRP-04, atuantes no município de

Governador Valadares, são do sexo feminino, havendo uma minoria (11,8%) do sexo masculino. Isso corrobora um dado nacional, exposto no estudo de Bastos, Gondim e Peixoto (2010), no qual, no Brasil, 83,8% são do sexo feminino e, em Minas Gerais, esse índice cai para 78,3%.

Atualmente de acordo com os dados do CFP temos no total de profissionais inscritos 46.224, sendo dentre eles 39.192 do sexo feminino; do sexo masculino 6.970; enquanto 98 não informaram.

Sobre a predominância feminina na Psicologia, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontam que mesmo em pequenas proporções, existem estudos que demonstram que a sociedade enxerga a Psicologia como método de “auxiliar mulheres a cuidar direito de seus filhos, o que faz refletir que, muito embora, as mulheres busquem a Psicologia de fato como ofício e a aspirem como profissão a sociedade enxerga que tal profissão para a mulher, nada mais é que um mero instrumento para aperfeiçoar seus cuidados com a casa e a educação dos filhos, o que se faz perpetuar uma falsa compreensão de que a tarefa principal das mulheres seja de cuidadora do lar e não de profissional, contribuindo, desta forma para a desvalorização do trabalho feminino e, também da Psicologia.

Conforme apontado na pesquisa “Perfil do Psicólogo Residente e atuante em João Monlevade (MG): Perfil do Psicólogo Monlevadense” (Muniz, Amorim & Alves, 2020), existir uma forte presença feminina na profissão pode sugerir desigualdades no mercado de trabalho, no regime de trabalho e no valor social. Profissões vinculadas ao gênero feminino tendem a ser menos valorizadas perante a sociedade quando comparadas a atividades laborais associadas aos homens, interferindo diretamente no número de mulheres ocupando altos cargos e remunerações.

O que também confirma a pesquisa, de âmbito nacional, apresentada por Bastos, Gondim e Peixoto (2010), a Psicologia é caracterizada como uma profissão feminina, na qual o número de mulheres supera, consideravelmente, o de homens, dado que ao gênero feminino são associados os papéis que remetem a cuidado, percepção, fragilidade e paciência, enquanto ao masculino são atribuídas características como destemor, poder, força, agressividade, liderança.

Tal predominância feminina, constada entre entrevistados desta pesquisa, é um marco da profissão, pois vem figurando nos resultados desde os primeiros estudos acerca da temática. Nesse sentido em pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2012, aponta-se uma predominância majoritariamente feminina, na composição do quadro de profissionais de Psicologia, de cerca de 89%, a partir de dados sobre a população levantados diretamente do cadastro do CFP e que orientaram o cálculo da amostra.

Observa-se que essa predominância feminina, não é algo novo e recente, uma vez conforme pesquisa realizada por Bastos e Gomide (1989) já destacava o caráter feminino da

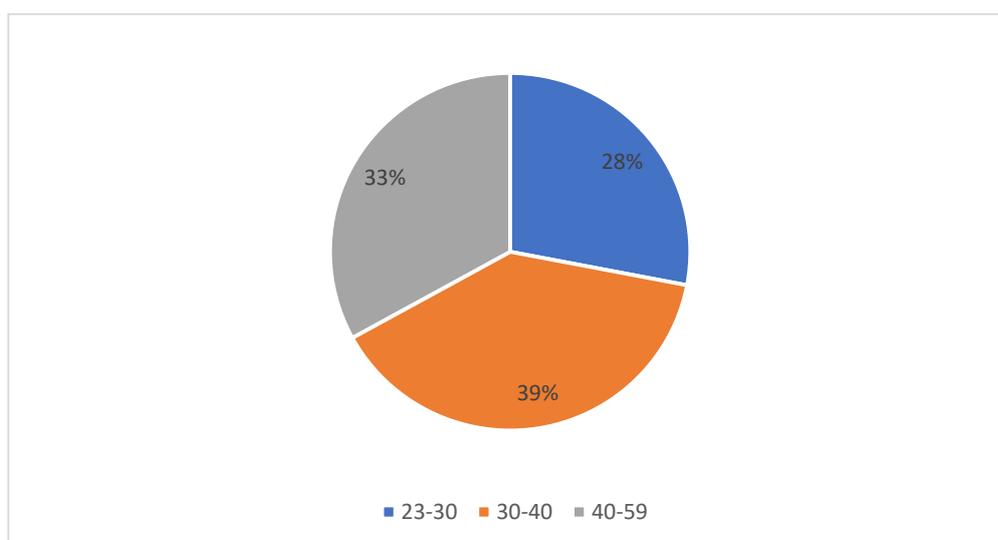
profissão, pois a visão da área como uma profissão do gênero feminino sempre existiu, uma vez que a Psicologia é compreendida como uma das profissões do cuidar, tarefa atribuída, de forma misógina, constantemente às mulheres.

Ressaltando a predominância de atuação feminina na área da Psicologia, temos o estudo realizado por Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontando que no contexto brasileiro, muito embora seja possível observar mudanças como a emancipação da mulher em diversos âmbitos sociais, como seu ingresso no mercado de trabalho e o direito ao voto, nota-se que as alterações nas funções desempenhadas entre homens e mulheres ainda é lenta e eu persiste a imagem da mulher ao papel do cuidado, enquanto os homens parecem predestinados às atividades mais pragmáticas e racionais, voltadas ao provimento financeiro do lar.

Dentro dessa reflexão as autoras ainda destacam que se verifica que não existem estudos que revelem os motivos da grande proporção de mulheres em relação aos homens, para a escolha da Psicologia como profissão. Sendo assim, refletir sobre a desigualdade das presenças masculinas e femininas na atividade da Psicologia é importante para compreendermos tanto a realidade desta profissão quanto o estabelecimento social de papéis entre o que é ser homem e ser mulher no Brasil, inclusive no meio profissional.

Além do gênero, nesta pesquisa, verificou-se a média de idade dos profissionais atuantes, quando se constatou a predominância da faixa etária dos 30 aos 40, com 39% dos respondentes, seguidos de 33% com idade entre 40 e 59, sendo que na idade entre 23 e 30 anos estão 28% dos respondentes, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Idade



Fonte: dados da pesquisa.

Conforme a pesquisa realizada observou-se no que tange a faixa etária das psicólogas, em atuação uma amostragem subdividida, onde predominou-se na escolha pelo

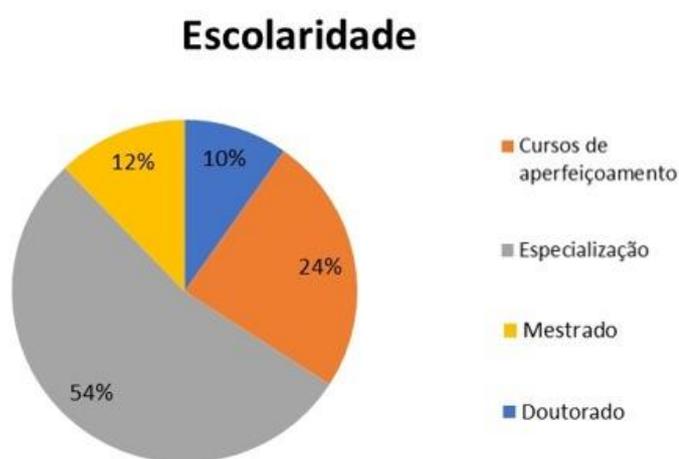
curso pessoas entre 30 e 59 anos, com o levantamento de uma amostragem de 72%, já na faixa etária entre 23 e 30, obteve-se o resultado de 28%.

Segundo, Santos et al. (2014), é o fato de que 30,6% dos entrevistados encontram-se entre 26 e 30 anos de idade. De acordo com Bastos, Gondim e Peixoto (2010), 34 anos é a média nacional de idade dos psicólogos e 35 anos a média em Minas Gerais. Tais dados indicam que ser psicólogo é um caminho profissional que interessa e motiva os jovens.

Partindo para a avaliação de outro aspecto sociodemográfico, o questionário desta pesquisa perguntou acerca das práticas de formação permanente, conforme o Gráfico 3 ilustra os resultados obtidos.

Temos também o panorama de respostas obtidos através da pesquisa de... onde verifica-se que a faixa etária de atuação de psicólogas era de 26 a 50 anos, sendo que a predominância maior se efetiva na faixa etária de 26 anos com o resultado de 30.6%, acompanhado da faixa etária de 41 a 45 anos, onde obteve-se um resultado de 18.8%, e com menos de 26 anos houve uma amostragem de 8.2%.

Gráfico 3 – Escolaridade



Fonte: dados da pesquisa.

Um dado muito importante para a pesquisa realizada é compreender através da amostragem o nível de formação das(os) pesquisadas(os), e nesse sentido nas opções fornecidas conforme pode ser observado no gráfico, não se incluiu a opção graduação, pois um critério para participação da entrevista seria ser psicóloga(o), com CRP ativo e em atuação, então subentende-se que todas(os) entrevistadas(os), possuem o curso de graduação.

Analisando a questão da formação continuada dos psicólogos, abordada na pesquisa de Muniz e Amorim (2020), as pesquisadoras ressaltam que a formação acadêmica e

profissional fundamenta a atuação dos profissionais, sendo assim, as instituições de ensino superior são responsáveis pela formação dos estudantes. Por sua vez, Bastos, Gondim e Peixoto (2010), quanto à pós-graduação, afirmam que os psicólogos buscam preferencialmente a especialização: 60% dos psicólogos pesquisados por elas disseram ter concluído ou estar cursando uma pós-graduação.

Estudos evidenciam que os alunos de Psicologia devem investir em seu desenvolvimento profissional, para acompanhar as demandas do mercado, ressaltando que a formação acadêmica e os esforços dos alunos devem caminhar lado a lado, de modo que adotem uma postura crítica e reflexiva quanto à atuação profissional da psicóloga (Amendola, 2014; Rezende, 2014).

Pensando na necessidade de uma formação permanente que forneça subsídios para a atuação profissional, Galvão e Marinho-Araújo (2017) abordam que se faz necessário planejamento de ações de capacitação e formação continuada em serviço que envolvam o nivelamento do saber científico da educação não-formal, da leitura crítica sobre o papel das instituições de terceiro setor e os processos de desenvolvimento individual e social.

Com o objetivo de obter amostras da indagação sobre as expectativas em relação a formação inicial, conforme pode observar no gráfico abaixo, foi realizada a seguinte pergunta: Sua formação inicial correspondeu as suas expectativas?

E o percentual de respostas nos trazem que a maioria das(os) psicólogas(os) em formação, seguem com sua formação continuada, tendo 54% deles já como especialistas.

Através dos dados da pesquisa observa-se uma porcentagem significativa de profissionais que investem na sua formação permanente, e segundo Gradvohl, Souza e Oliveira (2018), ressaltam que apesar de as mulheres possuírem o desejo de continuarem seus estudos por meio do mestrado e doutorado na área da Psicologia, as mesmas optam por não o fazer, para que possam se dedicar ao lar e à maternidade.



Fonte: Dados da pesquisa.

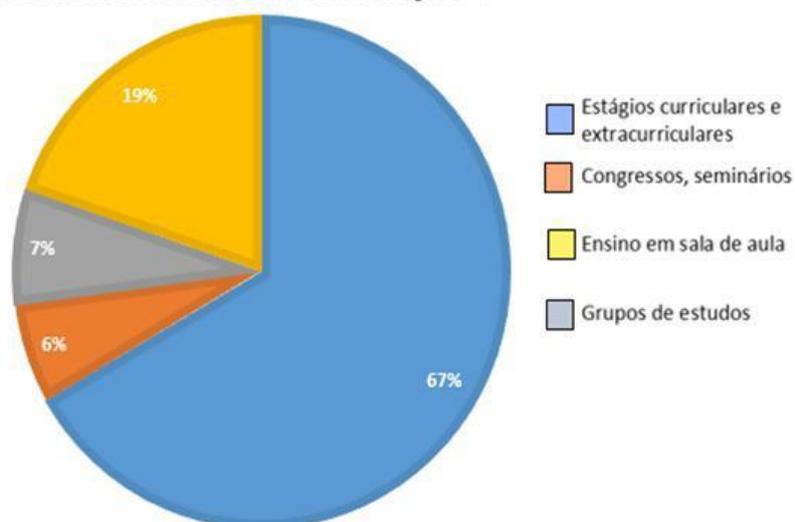
Considerando a importância do envolvimento efetivo das(os) graduandas(os), no seu processo de aprendizagem foi realizado um levantamento também acerca do processo de

formação na graduação, e tudo que é ofertado na formação inicial, como estágios curriculares e extracurriculares, monitorias, cursos livres e de extensão, seminários, congressos e workshop, todas as possibilidades existentes no âmbito universitário capaz de promover uma aprendizagem significativa aos alunos.

Dessa maneira obteve-se os seguintes resultados dos respondentes, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 5 - Experiência significativa

QUAL EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA SUA GRADUAÇÃO FOI MAIS SIGNIFICATIVA NA SUA FORMAÇÃO ?



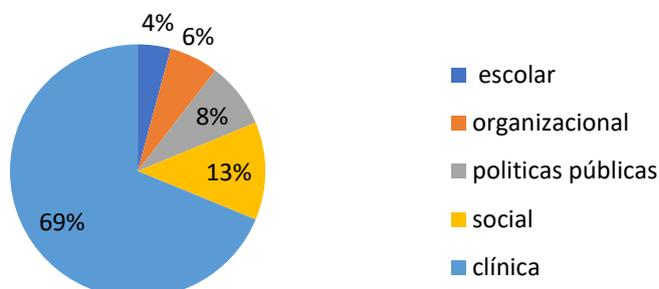
Fonte: Dados da pesquisa.

Sabendo da importância da Psicologia como ciência e profissão, e entendendo do compromisso com as pesquisas e estudos permanentes, buscou-se compreender se no contexto pesquisado de Poços de Caldas e região, existe por parte das instituições formadoras o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas por parte das(os) graduandas (os).

Pensando na importância da experiência formativa, temos o estudo de Seixas et al. (2013), ao analisar a proposta de formação em Psicologia faz-se necessário compreender qual o profissional em Psicologia que se pretende formar, que características ele deve conjugar e quais competências e habilidades são esperadas, desse psicólogo, ao término dos anos do curso. O processo formativo, por sua vez, trata das estratégias de ensino previstas para que o perfil do egresso seja alcançado, como contato com profissionais formados, experiências de extensão e pesquisas, bem como participação direta na comunidade, entre outras.

Gráfico 6 – Atuação profissional

Qual a sua área de atuação profissional?



Fonte: dados da pesquisa.

Em tese realizada por Bruno de Moraes Cury (2018), foram encontrados dados referentes à atuação da psicóloga: encontrou-se que, a Psicologia clínica, praticada em encontrado nesta pesquisa. Da referida maneira, analisando os dados obtidos por meio do questionário *online*, foi possível observar que, referente à área de atuação, há predominância da Psicologia clínica, sendo citada por 69% dos respondentes, enquanto que, na área social, temos 13%. Nota-se, então, nas duas pesquisas acima citadas, uma baixa inserção nas demais áreas, evidenciando, assim, que a atuação profissional tem ocorrido de maneira autônoma enquanto profissional liberal, conforme evidenciado no Gráfico 8.

Trazendo indagações sobre o fazer profissional em Psicologia, Holanda (2019), bem como a predominância de profissionais na área clínica, Holanda (2019), traz os seguintes questionamentos: qual o sentido dessa hiperinflação da clínica como representação da Psicologia como um todo? No que tange à sua prática, qual o objeto “psicológico” a ser manejado? A que se presta, por exemplo, um serviço psicoterapêutico?

Em contrapartida, de acordo com Muniz, Amorim e Alves (2020), é observada a mesma proporção independente da área: clínica, docente, escolar, organizacional e de saúde. Em relação às atividades desenvolvidas pelos psicólogos, aparecem o diagnóstico, a assistência psicológica, a realização de tarefas administrativas e à docência, bem como a atuação em equipes multidisciplinares.

Sobre a atuação da Psicologia, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), apontam que no Brasil a prática profissional da Psicologia esteve inicialmente associada à área da educação.

Assim, os resultados encontrados por Muniz, Amorim e Alves (2020) demonstram um conjunto de categorias sobre a atuação profissional dos psicólogos: as quatro áreas de inserção profissional da Psicologia, dificuldade de inserção no mundo do trabalho, desafios vivenciados no trabalho autônomo.

Confirmando os dados da predominância de atuação das(os) psicólogas(os), na área clínica, Siegmund e Lisboa (2015), apontam que os locais de trabalho mais utilizados são a clínica e os consultórios particulares e a principal atividade realizada pelos psicólogos clínicos é, ainda a psicoterapia individual.

Corroborando da mesma opinião Flor e Goto (2015), sobre as práticas psicológicas no contexto brasileiro, afirmam que a prática psicológica sempre foi calcada na psicoterapia e psicodiagnóstico tradicional, na qual a psicóloga se constitui como um profissional liberal que utiliza técnicas e teorias para um indivíduo abstrato, universal e não histórico.

Conforme apontado por Ferreira Neto (2004), existem práticas clínicas na saúde mental que se afastam do modelo clássico de consultório gestadas no campo da saúde pública, e que trazem importantes contribuições para a discussão sobre o campo da Psicologia clínica no Brasil. Isso permitiu aos psicólogos o desenvolvimento de novas competências e habilidades clínicas o tratamento de pacientes graves, prática que em geral, não tiveram acesso em sua formação nas clínicas-escola universitárias.

Ainda sobre a atuação em saúde mental o autor traz que se deve priorizar as “abordagens coletivas”. Temos, portanto uma sinalização clara do ensejo de fortalecer outras formas de intervenção além da prática clínica, convocando o conjunto dos profissionais da saúde, inclusive os psicólogos, Ferreira Neto (2010).

Segundo Bastos, Gondim e Peixoto (2010), há, também, sinais de precariedade na inserção profissional da(o) psicóloga(o). A principal porta de entrada é a atividade autônoma, visto que a psicóloga necessita apenas ter registro no Conselho Regional para estar apto a atuar em tal modalidade de inserção. É preciso considerá-la de modo crítico, visto que os dados relativos aos baixos rendimentos, somados ao fato de a psicóloga ser um profissional que investe muito em formação e qualificação, sinalizam para um descompasso entre o investimento feito na profissão e os ganhos recebidos.

Sobre as possibilidades de atuação da psicóloga, Muniz, Amorim e Alves (2020) destacam que há outras atividades possíveis: o diagnóstico, a assistência psicológica, a realização de tarefas administrativas e à docência. Os psicólogos atuam tanto individualmente quanto em equipes multidisciplinares, o que de certa maneira torna-se um movimento importante para aos poucos ir rompendo com o modelo clássico de clínica praticado.

Discutindo os campos de atuação das psicólogas, Yamamoto (2012) traz que os setores nos quais os psicólogos têm presença significativa são os da saúde pública e os da assistência social.

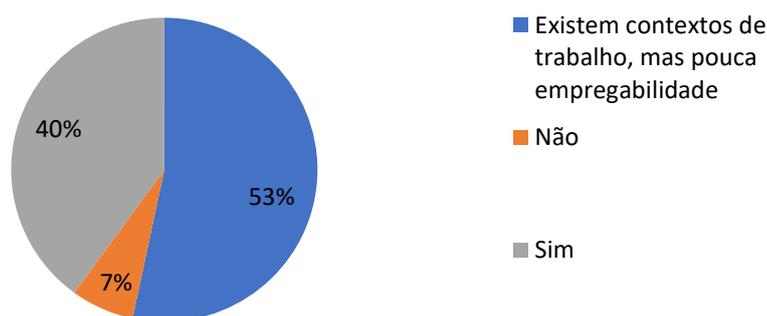
Em relação às questões de atuação profissional, perante o contexto de pandemia da covid-19, que exigiu dos Psicólogos, adaptações e reinvenções na forma de trabalhar, outro aspecto a ser abordado aqui refere-se aos desafios vivenciados pela imposição de necessária adesão ao atendimento *online*.

Diante do referido contexto, foi realizada a seguinte pergunta, a fim de verificar como os entrevistados adaptaram o atendimento ao cenário de obrigatório distanciamento social: estamos vivendo um momento de atuação na Psicologia, que coloca os profissionais em uma situação de reinventar o fazer profissional, como você está lidando com essa situação, em relação aos atendimentos *online*, na pandemia, quais as dificuldades encontradas?

Buscando compreender a realidade vivenciada no contexto de atuação profissional das(os) psicólogas(os), perguntamos sobre as possibilidades de inserção no mundo do trabalho através da formação em Psicologia, dessa maneira pode-se traçar um panorama de como está a inserção e a atuação dos respondentes.

Gráfico 7 - Possibilidades de atuação profissional em Psicologia

Você considera, que a Psicologia se estrutura como uma profissão que oferece múltiplas portas de ingresso no mundo do trabalho?



Fonte: dados da pesquisa.

Para compreender de maneira mais ampla a realidade vivenciada pelas(os) psicólogas(os), em atuação em Poços de Caldas e Região, foi levantada a questão sobre as oportunidades de atuação na área da Psicologia, onde obteve-se um percentil de 53% dos respondentes, acreditam que existem contextos de trabalho, mas pouca empregabilidade.

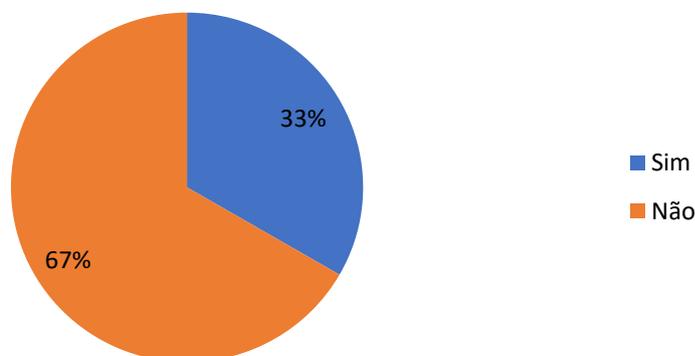
Em contraponto a realidade regional verificada, temos a pesquisa de Muniz e Amorim (2020), apontando que o exercício da Psicologia é diversificado, e o profissional se insere de várias formas no mercado de trabalho dos municípios ao buscar atender à sociedade e suas demandas.

As autoras ainda destacam que a expansão da área psicológica no Brasil está diretamente associada à ampliação de cursos de psicologia e do número de psicólogos inscritos nos Conselhos Regionais, contudo mais da metade dos concluintes se credencia para ser psicólogo, mas nem todos os formandos se inserem na profissão.

E nesse contexto trazendo um panorama de como ocorria inicialmente essa inserção da Psicologia nos campos de trabalho, Amendola (2014), traz que no decorrer da década de 1980, houve um processo de ampliação do campo de trabalho profissional nos serviços públicos decorrente, em parte, pelo investimento nas políticas pública, em educação e de movimentos sociais, que passaram a demandar profissionais para atividades em campos cada vez mais diversificados.

Gráfico 8 - Trabalho das(os) psicólogas(os)

Você exerce outra atividade remunerada paralelamente?



Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a atuação profissional, é sabido que se levantar a questão da remuneração, visto que alguns profissionais precisam desenvolver atividades remuneradas paralelas para sobreviver financeiramente, e nesse sentido, Gradwohl, Souza e Oliveira (2018), trazem um dado preocupante levantado pelo CFP, é que somente 14% das mulheres Psicólogas afirmaram ter remunerações suficientes para sustentarem a si próprias e mais um ou dois dependentes e, ainda, quase um quarto das mulheres entrevistadas declaram que a renda obtida como psicóloga não era suficiente para seu próprio sustento.

Ao analisar os dados obtidos na amostragem, encontramos relação de resultados em pesquisa realizada por Yamamoto (2012), onde aponta-se que, se a profissão se estruturou à luz do modelo médico/profissional liberal, ou seja, trabalhador autônomo, os dados de 2010 mostram que passa a haver um equilíbrio entre as modalidades de inserção sendo: 52% assalariados e 48% autônomos. A combinação de duas ou mais inserções, no entanto, é a marca da profissão e abrange 65% dos psicólogos.

Através dos estudos tornou-se possível identificar problemas inerentes a inserção, atuação e remuneração, e dentro desse contexto, Muniz, Amorim e Alves (2020), as autoras

relatam que sobre a remuneração da profissão é possível que haja disparidades de salários entre as áreas dentro da psicologia, entre os serviços público e privado, entre períodos de trabalho em tempo integral e parcial.

Gráfico 9 - Dificuldades de inserção

Quais os principais problemas enfrentados para a inserção profissional?

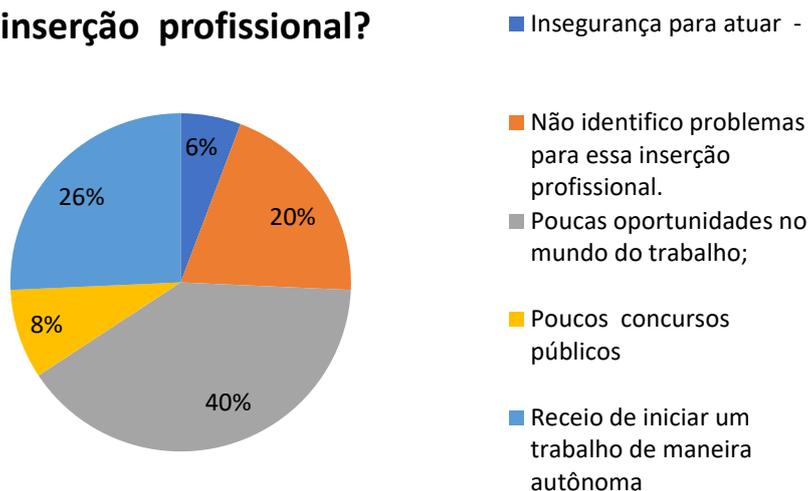
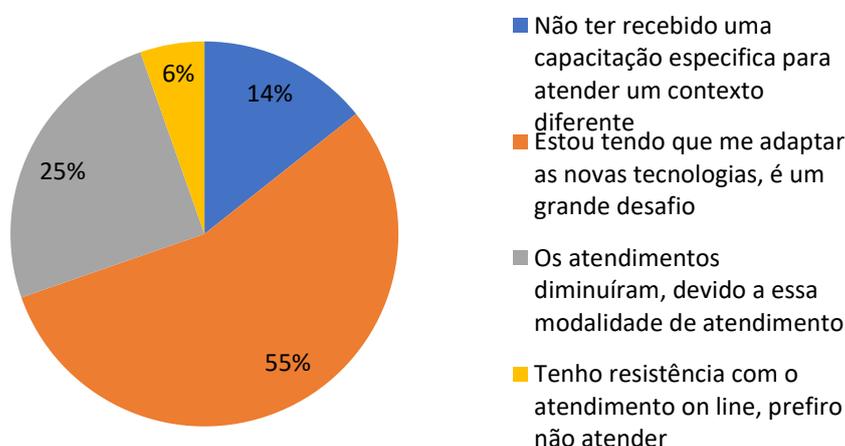


Gráfico 10 - atendimentos online



Fonte: dados da pesquisa.

Apesar da existência dos serviços psicológicos *online* ter sido regulamentada pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 11/2018, por meio do Art. 1º que regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação, e Art. 2 – são autorizadas a prestação dos seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos da informação e comunicação, desde que não

firmam as disposições do Código de Ética Profissional da psicóloga e da psicólogo –, ainda existe uma parcela significativa dos profissionais em atuação que não tinham entrado em contato com tal prática virtual.

Dentro dessa temática temos o apontamento realizado por Siegmund e Lisboa (2015), entretanto, não se tem tanta clareza sobre os serviços que a Psicologia tem a oferecer através da internet, e que papel a relação entre cliente e profissional ocupa nessa modalidade de atendimento psicológico.

Sobre isso, Araújo, Monteiro, Fonseca, Vieira, e Costa (2020) trazem um dado importante: no território mineiro, a título de exemplo, houve um aumento expressivo da demanda de solicitações de cadastros, o que provocou, inclusive, em virtude do grande volume de trabalho, a adoção, a partir de agosto de 2020, de um parecer-padrão, que aprova todas as solicitações de cadastro, considerando-se os critérios estabelecidos pelo Conselho: estar inscrito, ativo e não cumprindo pena de suspensão ou cassação do exercício profissional.

Diante de um cenário que colocava os profissionais em uma situação de restrição aos atendimentos presenciais, foram feitas adaptações as(os) profissionais da Psicologia se reinventaram e começaram então a ofertar, conforme citado por Siegmund e Lisboa (2015), as modalidades de atendimento, online disponibilizadas por esses profissionais são principalmente, e-mail e MSN, mas também chat e Skype.

De acordo com as orientações do CRP-MG, em 08/03/2020, sobre a atuação dos psicólogos em plataformas/aplicativos *online*, mesmo que a Resolução CFP nº 11/2018 não regulamente critérios especificamente para a oferta e prestação de serviços psicológicos por meio de plataformas coletivas ou aplicativos, tais ferramentas devem estar em consonância com o disposto na Resolução, além de respeitar o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP), aprovado pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 10/2005.

Sobre a prática dos atendimentos pela internet Siegmund e Lisboa (2015), é relativamente recente e mais recente ainda é a sua regulamentação pelo Conselho Federal de Psicologia, que ocorreu em 2005 (CFO, 2005), sendo desconhecido por leigos e até mesmo profissionais da área.

Assim, no âmbito da orientação e da fiscalização, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), como autarquia responsável por disciplinar o exercício da profissão (Lei nº 5.766, 1971; Decreto nº 79.822, 1977), pronunciou-se, ainda na primeira quinzena de março de 2020 (Conselho Federal de Psicologia, 2020), não somente reafirmando o compromisso da atuação da Psicologia em emergências e desastres, mas reforçando a obrigatoriedade do cadastro prévio para prestação de serviços psicológicos, por meio das tecnologias da informação e da comunicação (**TIC**) (Araújo *et al.*, 2020).

Cabe ressaltar que o atendimento psicológico *online*, assim como ocorre no presencial, deve ser pautado em conhecimento científico da Psicologia, em ética e em normativas da profissão, sendo vedado qualquer tipo de indução a convicções políticas, religiosas e morais, que caracterizem preconceito e discriminação.

Por fim, cabe destacar que não é possível construir amostras perfeitamente representativas da população apenas com dados oriundos de levantamentos realizados na internet, visto que nem toda a população tem acesso à internet. Sendo, assim, tal limitação pode ser considerada como um pronto dificultador na coleta dos dados obtidos nesta pesquisa.

5.4 Análise das entrevistas

Foram realizadas entrevistas individuais, e os respondentes foram escolhidos visando contemplar as diferentes áreas de atuação dos psicólogos atuantes em Poços de Caldas e região. Os entrevistados foram aqueles que manifestaram, na participação do questionário *online*, o desejo de contribuir com a pesquisa por meio da entrevista, viabilizando, assim, a compreensão da empiria, que está sendo pesquisada. Diante disso, trabalhou-se com oito pessoas, sendo (quatro do gênero feminino e quatro do gênero masculino), que foram, então, entrevistados via Teams.

A realização de entrevistas com perguntas abertas, possibilita aos indivíduos trazerem ao discurso o conhecimento científico que possuem na área de atuação, enriquecendo assim a pesquisa, bem como oportunizando e ampliando temáticas de futuras pesquisas.

Ressalta-se uma questão importante sobre a pesquisa ter se dado em um momento de profunda transformação na forma de se viver, exercer e praticar a Psicologia, uma vez que as(os) psicólogas(os) respondentes, em maioria, possuíam mais de três anos de atuação profissional, mas nunca imaginaram viver um cenário de teleatendimentos, dado que na formação deles jamais foi contemplado conteúdo específico sobre atendimento psicoterapêutico *online*.

A forma como foi realizado o processo, consistiu na realização da seguinte pergunta disparadora: em sua trajetória de formação acadêmica, o que você acredita que contribuiu, e o que fez falta para a sua inserção e atuação profissional? Priorizando a condução da entrevista e a livre manifestação dos entrevistados, não foram feitas interferências durante o relato principal do respondente.

Após fala e explanação e interação dos entrevistados, quando eles apresentaram, inclusive, vivências profissionais, foram feitas perguntas como: quais sugestões você daria sobre direções para estudos futuros, para o aprimoramento dos estudos e melhorias da Psicologia como ciência e profissão? Você acredita que exista uma relação entre teoria e

prática que compõem a sua experiência formativa? Em sua opinião, quais as possibilidades de atuação de um psicólogo?

E encerrando o momento de diálogo propiciado pela entrevista, foi levantada a seguinte questão: se você fosse convidada(o) para organizar um curso de Psicologia que disciplinas colocaria, sabendo da importância dos processos formativos, para a inserção profissional?

Como forma de complementar este estudo, a entrevista propiciou relatos pessoais e detalhados da experiência vivida no âmbito da atuação profissional, proporcionando, assim, uma maior compreensão dos relatos, fazendo, de certa maneira, falar o material coletado com os entrevistados.

Primeiramente faz-se necessário estabelecer e entender o sentido do todo, para então compreender o sentido geral do relato, e dessa maneira conforme orientam Flor e Goto (2015), o material coletado, deve ser lido diversas vezes, procurando sempre não perder o todo, ou seja, o norteador da questão central.

Através da seleção dos entrevistados onde foram contemplados 4 psicólogas e 4 psicólogos, e através da análise dos relatos das(os) entrevistadas e a sinalização de questões importantes, conforme será verificado nos relatos a seguir, e para melhor explanação dos resultados obtidos, foram divididas categorias de análise.

6 ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Antes mesmo de adentrar nos conteúdos produzidos na análise de dados das entrevistas, cabe ressaltar que os resultados serão apresentados em forma de categorias. E para fins didáticos é interessante salientar que as categorias escolhidas irão responder aos objetivos propostos na presente pesquisa.

6.1 Categorias de análise das entrevistas

- a) Formação Inicial: Busca compreender como ocorreu na visão dos entrevistados, o processo de formação inicial, bem como a vivência e a relação entre teoria e prática. Pretendendo analisar assim como foi compreendido por cada um dos profissionais, essa experiência formativa.
- b) Formação e atuação profissional: Visa compreender os desdobramentos entre teoria e prática, e as correlações que as(os) recém-formados conseguem realizar quando ocorre a inserção no mundo do trabalho.
- c) A atuação inicial das Psicólogas manifestações de como ocorre, o processo de inserção e atuação das psicólogas possibilidades e dificuldades encontrados no início da profissão, bem como os limites encontrados na atuação no contexto de empregabilidade?
- d) Atividade Profissional em Psicologia: *Dificuldades encontradas frente à inserção e atuação profissional*: Analisa os modos de inserção, a predominância de atuação clínica, que na maioria das vezes é a possibilidade que se abre a recém-formada, bem como a construção desse fazer profissional.
- e) Formação continuada: Pretende identificar os sentidos atribuídos a capacitação profissional continuada, visando assim o aporte profissional necessário para uma atuação responsável e comprometida para com aqueles que atende. Vislumbrando compreender qual a importância dada aos profissionais em atuação para a questão da capacitação profissional continua.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente cabe pontuar através da obtenção dos relatos das experiências das entrevistadas, e da transcrição da entrevista na íntegra, se estabeleceu o sentido do todo, com o objetivo de aprender o sentido geral do relato, para então se obter uma análise fidedigna de toda a contribuição obtida.

Vejamos a seguir a análise de dados obtidos então através das entrevistas.

7.1 O processo de formação inicial

A categoria processo de formação inicial, busca compreender como as entrevistadas, analisam e compreendem sua formação acadêmica, e todas as experiências advindas dessa formação. Deste modo, analisando as possíveis diferenças existentes entre teoria e prática.

Sobre o processo de formação, os oito analisados tiveram a mesma opinião, ressaltando a importância de uma formação que coloque em contato com a prática profissional, por meio dos estágios curriculares e extracurriculares, e do envolvimento em projetos sociais.

Antônio, acerca da formação, destaca que:

[...] uma das grandes construções que a vida pode me fazer ter como possibilidade foi aliar teoria e prática. Então assim desde o meu primeiro semestre de graduação eu sempre fui provocado a fazer pesquisa em algo que inclusive eu hoje tá na minha veia no primeiro semestre já tinha disciplina de metodologia e a gente já era provocado a construir projetos e aquilo me chamou muito a atenção [...]. Então no segundo semestre eu já estava escrevendo projeto para iniciação científica, eu já conseguia ter um contato com a prática ali naquele momento então desde a época da graduação sempre fui muito provocado a pensar o meu fazer [...].

Já de acordo com os relatos de Katia, temos uma situação que pode ser apreciada sobre outro viés

“[...] a formação acadêmica, direciona, prepara, formata os estudantes para a prática clínica, como se fosse a única possibilidade de atuação, existe uma romantização acerca da psicologia clínica, e acreditam que por esse motivo ao se formar essa é a primeira opção de busca dos profissionais[...]”.

Sobre o processo de formação, vale ressaltar que temos instituições formadoras, que precisam desenvolver nas graduandas a noção de sujeito histórico e protagonista de sua formação, contudo as graduandas precisam se implicar efetivamente no processo de aprendizagem.

Dessa maneira, Amendola (2014), aponta que igualmente, deve o aluno e futura psicóloga tornar-se participe do processo de construção e reconstrução do saber, medida que serve para potencializar a própria formação.

Sob esse enfoque temos a fala também do entrevistado Antônio, “[...] a gente precisa romper com essa Psicologia apenas clínica, essa clínica do consultório, a Psicologia precisa das ruas por isso que surge no estudo da coletividade e em estudos pautados nas demandas do aqui e agora [...].”

Foi possível perceber que essa experiência da formação é vivenciada de maneira única e singular por cada um dos entrevistados, e nesse sentido trazendo outra contribuição nesse contexto temos a fala de Ana,

[...] a minha formação inicial, veio de encontro com o que eu realmente esperava, e os estágios que a instituição me proporcionou, me possibilitou aprender na prática. Então eu acredito que a teoria que aprendi foi bem congruente com a prática profissional, que realizei nos estágios e que estou realizando hoje no meu consultório[...].

Acerca de tal problemática, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) ressaltam que não há como desconsiderar que, embora o mercado profissional para a área clínica se encontre saturado, as instituições de ensino superior mantêm uma formação basicamente clínica, em detrimento de outras áreas clássicas, como a educacional e a organizacional.

Para fins de compreensão acerca desse contexto, Pires e Braga (2009), nos trazem que, faz-se necessário compreender como se dá a formação da psicóloga, no atual processo de mudanças significativas da sociedade.

As autoras ressaltam que a psicóloga, desde a formação, não tem sido capacitado de modo sistemático a exercer o papel que lhe é solicitado pelo sistema de saúde, chamando a atenção para a atual realidade e, a partir dos padrões de morbidade e mortalidade, da tecnologia, da evolução do conhecimento e da administração do sistema de saúde, consideram que tais fatores favorecem novas possibilidades de atuação da psicóloga, mas que a universidade deve estar preparada para proporcionar uma formação que atenda às necessidades específicas da área, com vistas para a necessidade de desenvolvimento de habilidades e competências para a atuação no SUS, durante a formação profissional.

Alice, que corrobora da mesma opinião, ressaltando o que faltou em sua formação esse contato concreto com projetos e trabalhos em instituições.

[...] Me fez muita falta. mas não foi por falta da universidade, e sim minha pessoal mesmo , por falta de tempo, na época que eu fazia faculdade trabalhava o dia todo não tinha tempo disponível, para aproveitar tudo o que a faculdade me oferecia, e vejo o quanto estágio extracurricular e o envolvimento em projetos sociais desenvolvidos pela universidade, inclusive em escolar, nunca pude compreender como seria a

atuação nesses locais, e acredito que é importante para os estudantes vivenciar tudo isso em sua formação.[...].

Destacando o processo de formação inicial das psicólogas, André traz um relato significativo

[...] fui da primeira turma de estudantes de uma faculdade nova na cidade que já chegou sendo muito criticada, éramos em 60 alunos, e eu tenho muitos momentos que marcaram a minha graduação, e falo mesmo com muito orgulho e brilho nos olhos que o bom profissional não é a faculdade que faz mas é o que você se dispõe a fazer no seu processo de formação, eu me envolvi efetivamente em tudo que era do meu curso, e iniciei meus estágios extracurriculares já no primeiro ano de graduação, isso fez toda diferença [...].

E dentro desse contexto temos a contribuição de Ferreira Neto (2004), sobre os impasses na atuação das psicólogas apontando que o primeiro seria a tradição da formação em Psicologia no Brasil calcada em um modelo clássico de clínica liberal, privada, curativa e individual, inspirado na clínica médica; o segundo, a porta de entrada preferencial dos profissionais contratados na rede pública na saúde mental, na esteira do movimento da reforma psiquiátrica.

O que de certa maneira corrobora com alguns dados obtidos na pesquisa acerca de uma formação voltada para a atuação clínica, mais elitizada voltada para os consultórios, e não para a saúde pública e coletiva.

Temos, no entanto, um dado trazido por um dos entrevistados que contrapõem essa ideia, João sobre sua formação inicial, afirma que

[...] O que contribui muito para minha formação foi o trabalho com o SUAS e o SUS, os estágios curriculares e extracurriculares também. Através do trabalho com o SUAS e com o SUS, foi possível ter uma visão que não tinha na graduação, as aulas de políticas públicas foram muito importantes também, muitas disciplinas em si contribuíram para compreensão do que seria esse fazer profissional, e tudo fez sentido quando fui para a prática nos estágios.

Buscando ampliar os conhecimentos para além do fornecido pelas instituições de ensino, temos a contribuição de Lucas que trouxe um dado importante,

[...] junto com a graduação fiz um curso técnico em reabilitação no Instituto Federal do Paraná, sobre dependência química, como já era uma área que queria atuar, e percebi que na graduação não seria aprofundado nada sobre dependência química, substâncias, eu fui atrás para descobrir onde conseguiria esse aprendizado [...].

E sob esse prisma temos na literatura, dado que fortalecem essa argumentação, de que cabe as instituições de ensino fornecer os subsídios teóricos e práticos para a formação

inicial das, graduandas, porém conforme ressaltado por Amendola (2014), igualmente deve o aluno e o futura psicóloga tornar-se partícipe do processo de construção e reconstrução do saber, medida que serve para potencializar a própria formação.

Roberta que foi a única entrevista na sua área de atuação psicologia organizacional. Ela relatou que

[...] se sente solitária em seu fazer profissional, porque a nossa formação acadêmica, romantiza muito a prática clínica e dessa maneira não incentiva a busca pelas outras áreas de atuação, eu fui me interessando em buscar conhecimento para além da faculdade, porque lá dentro em formação além dos alunos não se interessarem os professores também pouco aprofundavam na teoria, e também nos faltou exemplos práticos de atuação nessa área [...].

Aprofundando na fala trazida pelas entrevistadas, conclui-se que todos eles concordam na importância dos estágios curriculares e extracurriculares, como importante oportunidade de vivenciar e atrelar teoria e prática, e nesse contexto gostaríamos de destacar a fala das seguintes participantes: Antônio, Ana, Alice, André e João, compartilham da mesma opinião em relação a importância dos estágios curriculares e extracurriculares, para a formação da(o) profissional em Psicologia, pois através desse contato o estudante consegue fazer associações entre teoria e prática.

Ressaltando a importância dos estágios curriculares para a formação em Psicologia, Cury (2012), salienta que o estágio curricular se sustenta a partir de um conjunto de ideias e procedimentos que garantem não só seu funcionamento, como também estabelecem condições para um determinado exercício na vida profissional. Esse conjunto de ideias e procedimentos se alinha em uma rede de fazeres que compõem e justificam significações de caráter operacional e tecnicista.

Sobre a atuação profissional em Psicologia, e pensando na aplicação prática de tudo o que foi aprendido na teoria, e dessa maneira André aponta:

[...] existe uma relação que foi muito importante pra mim , foi através dos estágios, foi ali que a formação fez sentido , por que a gente sabe que a teoria embasa , mas a prática na verdade é o que nos ensina a trabalhar , e hoje teoricamente realmente na prática eu consigo executar tudo o que eu aprendi, me lembro que na graduação os professores falaram assim: vocês vão sair com a sensação de não sabem nada, engraçado que eu não sai com essa sensação, porque desde 2011 eu já estava no estágio extracurricular no CRAS, e eu aprendi muito [...].

Ainda em tal contexto, Antônio afirma que: “[...] sempre fiz estágio extracurricular aí eu podia articular um pouco a teoria que eu estava aprendendo e hoje no meu cotidiano consigo fazer um montante de tudo isso[...].”

Sintetizando, pode-se dizer que, embora atuando em áreas diferentes, e trazendo diferentes contribuições acerca da formação inicial em Psicologia, tivemos nos resultados contribuições significativas com olhares diferenciados.

Tivemos também sobre a questão da formação voltada para a atuação clínica, corroborando da mesma opinião Antônio e Kátia enfatizaram bastante esse quesito de uma formação, que de certa forma, vêm formatando os estudantes para uma prática clínica.

Realizada uma análise através da afirmação das entrevistadas, percebe-se que nessa colocação existe uma crítica ao modo como foi conduzida a formação direcionando de certa forma as alunas há uma prática clínica, o que de certa forma acabou preterindo as outras áreas de atuação.

Para debater e refletir sobre a formação em psicologia, temos também a contribuição do trabalho de Beato (2015), trazendo que durante a formação em psicologia percebe-se a relevância de se questionar a prática posta para futuros profissionais, diante de cenários comumente visualizados no campo da saúde mental e da Psicologia. Nesse sentido cabe repensar de que forma tem sido direcionada essa formação inicial, para a atuação profissional dentro das práticas interventivas.

Outra questão acerca da formação, que foi evidenciada por dois dos entrevistados, foi a questão das abordagens que no decorrer da graduação são faladas, mas não aprofundadas. Segundo Roberta,

“[...] Dentro da trajetória acadêmica devia ficar mais claro sobre as abordagens, a gente aprende por cima mais não aprofunda, essas questões na minha visão não são tratadas com a potência que deveria dentro da graduação, os educadores querem ser tão neutros que fica vago[...]”.

Já Antônio ressalta que na sua percepção:

“[...] quando me formei faltou um pouco mais de aprofundamento nas abordagens; ou você era da psicanálise, ou você era visto como rebelde e metódico que queria a comportamental, então eu que segui a humanista é um grande desafio e que faz falta na prática cotidiana e eu tenho que estudar muito por conta disso, para poder dar conta de quem eu sou [...]”.

Essa reflexão nos permitiu trazer diferentes olhares das pessoas entrevistadas, por sua vez Ana aponta que:

“ [...] Precisamos estar inteirados da nossa profissão, parar sempre e refletir enquanto profissão, aonde estamos e para onde queremos ir, isso é muito importante, é preciso entender as abordagens teóricas, para entender esse humano que chega pra nós. Eu creio que é difícil aprofundar dentro das abordagens na graduação, e na verdade

acredito que a faculdade é um convite para que a gente se aprofunde através de leituras e estudos[...]”.

Dessa maneira temos na fala da entrevistada Ana uma reflexão importante sobre aprofundamento nas abordagens específicas que tem sido trabalhado na graduação no sentido de mostrar aos alunos a existência de cada uma delas, e sendo a graduação um convite conforme foi apontado, faz-se necessário o engajamento da estudante e posteriormente da profissional em atuação no sentido de buscar materiais e estudos para aprofundar.

Acreditando na importância do processo de formação inicial da vida das futuras profissionais, a análise dos relatos acima teve por objetivo, compreender como as entrevistadas vivenciaram seu processo de formação, bem como a sua compreensão a respeito de como o mesmo se deu, para fazer uma correlação com a próxima categoria de análise que versará sobre os impactos da formação inicial na atuação profissional.

Por se tratar de uma pesquisa empírica que analisou o conteúdo trazido na vivência de cada participante, tornou-se possível aproximar de maneira concreta do objeto de pesquisa avaliado e nesse sentido, essa categoria de análise trouxe dados que foram de encontro com as inquietações iniciais, onde pode-se destacar que dentre as possíveis lacunas ou fragilidades que podem ocorrer no processo de formação inicial, cabe mesmo então de certa maneira evidenciar as potencialidades desse processo de formação que puderam ser confirmadas, através da empiria.

Uma vez que através da revisão sistemática de literatura evidencia-se alguns apontamentos e até certo modo críticas que podem ser consideradas como construtivas, pensando no futuro das instituições de ensino e dos cursos de graduação em Psicologia, sobre a maneira como ocorre essa formação inicial.

7.2 Os impactos da formação inicial na atuação profissional

O presente estudo buscou compreender a atuação das psicólogas, compreendendo e ressaltando os desdobramentos entre teoria e prática profissional, bem como os desafios teórico-metodológicos encontrados.

Nessa temática Lucas traz que

[...] a relação entre teoria e prática precisa existir, ciência precisa ter algo anterior que nos de embasamento para nossa ação, a teoria deve surgir de uma análise da realidade, a prática precisa conversar com a teoria. A sociedade está a todo momento em movimento de existência, e exige de nós debruçar o olhar sobre si e o seu fazer aprendido e o que tem executado [...].

Dentro desse contexto cabe destacar que, vivemos em um mundo em constante transformação, e assim também na rotina de vida, nos hábitos, na rotina diária, e tudo precisa ser sempre avaliado dentro de um contexto, o modelo de formação praticado há anos atrás não é o mesmo praticado hoje.

Diante desse fato, conforme apontado por Pires e Braga (2009), tais mudanças vêm exigindo transformações de teorias e práticas, que não contemplem apenas a atuação no campo da saúde mental, mas que também favoreçam o processo de saúde, em seu contexto e em suas necessidades globais.

Ainda fazendo uma correlação sobre a formação inicial e a atuação profissional das psicólogas, as referidas autoras apontam que os cursos de graduação desempenham um papel essencial na determinação de modelos de atuação, que se apresentam extremamente limitados e inadequados à realidade sanitária valorizando demasiadamente as psicólogas, como profissionais liberais.

Houve também um relato importante fez falta na formação inicial em Psicologia, e impactou na inserção e atuação profissional, dessa maneira André afirma que:

[...] na minha formação nós não tivemos noção nenhuma dessa organização né dessa parte burocrática da papelada, o que eu tenho que fazer se tem que ser pessoa física ou se tem que ser pessoa jurídica, como é que eu vou fazer planilha de gastos e ganhos , a gente realmente não teve essa situação , e até as questões assim que talvez seriam essenciais como o conselho que nos desce uma primeira orientação por exemplo das questões burocráticas, como alvará de licença de locação, o sanitário , a gente não via nada disso e em cada município muda [...].

Diante desse contexto cabe também destacar a contribuição existente na fala da Ana

[...] existe uma relação entre teoria e prática, porque todo conteúdo que me foi apresentado na graduação era bem atual, quando vamos para a clínica e vamos para a supervisão a gente consegue entender qual o lugar da teoria e qual o lugar da prática na nossa atuação, e eu percebo que um completou o outro e me deu o suporte necessário para a atuação.

Corroborando com a afirmação do entrevistado conforme exposta acima, Bastos, Gondim e Peixoto (2010) apontam que, na Psicologia, a principal porta de entrada é a atividade autônoma, visto que as psicólogas, necessitam apenas ter registro no Conselho Regional para estar apto a atuar sob tal modalidade de inserção. Reforçando realmente a ideia de que esses conhecimentos específicos sobre a atividade clínica autônoma, devido as questões burocráticas precisam ser trabalhadas de maneira efetiva pelas instituições de ensino.

Nesse cenário Ana afirma que “[...] que a gente sai da faculdade muito engessado, mas atender online não conseguir analisar os comportamentos não verbais do paciente, é um

grande desafio e o que realmente me deu sustentação foi o tripé que falamos na psicanálise: análise, estudo e supervisão”.

Pensando nos desdobramentos de tudo que um estudante aprende na formação acadêmica, temos o relato de André:

[...] na minha formação realmente nós não tivemos noção nenhuma da organização da parte burocrática, a papelada, o que eu tenho que fazer, se é pessoa física ou tem que ser jurídica, como é que vou fazer uma planilha de gastos e de ganhos, a gente sai com a intenção de trabalhar em consultório mais não sabe nem por onde começar [...].

Nesse sentido consideramos de extrema importância o relato acima citado, uma vez que a recém formada ao sair da graduação e se direcionar sua atuação em consultório próprio necessita de direcionamentos, conforme pode-se observar no relato de André, é preciso saber de onde partir e por qual caminho iniciar essa trajetória, tendo em vista que o primeiro passo é a regularização através do CRP, porém a partir do momento em que a profissional está com o registro para atuação profissional em mãos, essa caminhada se torna solitária, e necessita de orientações específicas, percebe-se então uma lacuna nessa formação profissional que pode ser suprimida no sentido de trazer informações consistentes sobre a parte burocrática da atuação em Psicologia.

Um ponto comum entre três entrevistados foi no que tange a aprendizagem das abordagens teóricas nesse sentido Antônio, Lucas e Roberta compartilham da opinião que na formação acadêmica ficou uma lacuna, não se aprofundou no ensino das abordagens fica tudo muito superficial, falta aos docentes instigarem e despertarem nos alunos a curiosidade de buscar aprender cada uma das abordagens como é o seu aporte teórico, e como seria trabalhar a luz de tal epistemologia.

O curso de formação inicial ele vem alterar nossa visão de mundo, desenvolver nosso pensamento crítico, político e social, e no decorrer dessa jornada a Psicologia nos convida a nos construir e reconstruir continuamente, e nesse contexto acredito ser de extrema importância que as alunas tenham essa consciência de que a instituição formadora é o lugar onde nós abrimos para nossa inserção como sujeitos que precisam entender que sempre iremos partir do individual para o coletivo, e dessa maneira faz-se necessário efetivamente conhecer todas as “Psicologias” como bem nos ensinou Ana Bock para posteriormente aprofundar em abordagens específicas.

Sobre esse contexto Lucas afirma que “[...] é preciso focar mais nas áreas base, nas epistemes, ver as possibilidades de inserção que não são muito apresentadas no contexto acadêmico, os professores não seguem muito a ementa, dificultando assim olhar para a área de atuação [...]”.

Pensando na importância de no ambiente acadêmico conseguir associar teoria e prática profissional, Alice ressalta que

[...] o que contribui muito em minha formação foi me envolver em projeto de pesquisa, considero que isso me ajudou bastante, essa experiência, a experiência de coletar dados em uma empresa que tinha parceria com a universidade, eu entendi que no projeto existia uma grande oportunidade de associar teoria e prática. [...]

A formação inicial prepara para a atuação profissional, e segundo a afirmação de João

[...] “Eu vejo teoria e prática como se fosse um casamento, onde cada um assume uma função e você sabe onde deve recorrer em determinados assuntos, nem sempre você vai chegar na prática dominado de toda teoria e sabendo o que você terá que fazer, mas é na prática que você vai saber aonde precisa correr, e você tendo a teoria, você vai lá na sua biblioteca e procura o que está precisando naquele momento”[...].

É sabido que nenhuma formação atingirá o aprendizado das alunas em todos os segmentos de atuação, torna-se impossível trabalhar tudo o que irá ser vivenciado no âmbito do trabalho, e nesse sentido como forma de contar sobre sua trajetória, Kátia nos traz que:

[...] “quando eu me formei imaginei que eu atuaria dentro da clínica, trabalhando com a escuta do indivíduo mas a minha primeira oportunidade de trabalho foi dentro de uma instituição , então eu acho que faltou uma leitura maior sobre o trabalho do psicólogo nos campos das políticas públicas, no campo do trabalho em grupo, até que eu posso dizer que consegui dentro da minha formação um pouco dessa leitura em grupo de trabalhos, mas não foi algo específico, assim não foi algo muito falado, eu hoje vejo que sai com uma formação voltada muito para o indivíduo por uma escuta entre quatro paredes”[...].

Pensando em uma atuação profissional, embasada teoricamente e sustentada pela prática aprendida, Yamamoto (2012), aponta que se retomarmos o tema da qualidade da atuação e da competência técnica, afirmamos (e reafirmamos aqui) que não é possível qualquer ação profissional que não seja qualificada tecnicamente.

Além das variantes mencionadas acima, cabe ressaltar a consciência que os entrevistados têm da importância do envolvimento efetivo dos alunos em seu processo de aprendizagem, uma vez que não basta esperar a transmissão de conteúdos o estudante também precisa buscar através das vivências adquirir seu aprendizado. Nesse contexto, Antônio afirma que:

[...] “uma das grandes construções da minha vida acadêmica, foi ter a possibilidade de aliar teoria e prática, desde o meu primeiro semestre de graduação eu sempre fui provocado a fazer pesquisa, desde o primeiro semestre já tinha a disciplina de metodologia, a gente era incentivado a construir um projeto, então ali eu já conseguia ter um contato com a prática” [...]

Dentro do contexto de atuação da Psicologia organizacional, Roberta traz em sua fala sempre questionamentos, e assim ela afirma: [...] “A distância entre teoria e prática faz com que as pessoas não escolham a organizacional” [...]

Trazendo contribuições da literatura acerca da temática merece destaque, a colocação de Ferreira Neto (2011, p. 37-38), “a contribuição da universidade na formação da psicóloga é um elemento crucial nesse processo de favorecer ou dificultar um exercício profissional que de fato produza ações ético-políticas diferenciadas”.

Faz-se necessário ao analisar e pontuar questões sobre a formação inicial, bem com debater sobre o futuro do processo de formação, visando o bom desenvolvimento das futuras psicólogas para a atuação e inserção no mundo do trabalho, compreendendo as demandas sociais presentes que atualmente são os grandes desafios da atuação profissional.

Através da análise dos resultados obtidos, que versa sobre a formação inicial, foi possível perceber que a mesma, apresenta algumas fragilidades que foram apontadas, contudo também se observou que de certa forma as entrevistadas consideraram que existem potencialidades, nas quais podemos destacar a importância dos estágios na vida acadêmica das entrevistadas, uma vez que conseguiu proporcionar a vivência entre teoria e prática. Melhorar a síntese dos resultados

A compreensão singular de eventos, sejam eles quais forem, é o princípio de uma pesquisa empírica que visou através da análise dos discursos das participantes, trazer dados da realidade vivenciada, dessa maneira os fenômenos estudados através da fala de cada um deles foram tratados como único, como representação particular da realidade, assim, cada entrevista foi analisada de maneira singular e compreendendo que é muito particular da vivência de cada um deles.

7.3 A atuação Inicial das Psicólogas

Tendo sido anteriormente refletidas questões acerca da formação inicial das entrevistadas, iremos agora trazer dados sobre a atuação inicial das psicólogas. Kátia fala sobre ter um direcionamento, predominante, na área clínica: “[...] eu vejo assim, que é opção muitas vezes para esses que se formam é ir para a clínica né por que eles têm pessoas que podem sublocar as salas e podem tentar essa primeira entrada né no seu trabalho na saúde [...]”.

Corroborando com essa afirmação Holanda (2019), ressalta que: a maioria imensa das representações ainda traz a ideia de uma psicologia associada à clínica ou a um fazer psicoterapêutico, identificado com aspectos mágicos (tais como a capacidade de

compreender a totalidade do vivido humano, de trazê-lo à felicidade ou à “saúde”, por exemplo).

Sobre a atuação profissional na cidade de Poços de Caldas, Kátia ainda destaca que:

[...] se a gente for ver pela quantidade de pessoas que se formam todos os anos realmente a possibilidade de inserção e atuação, não tá muito grande dentro da área né por essa questão toda de concurso, que quase nunca tem, e quando esbarra na questão de contratação, os servidores então têm poucas contratações dentro do município, por que a cada dois anos trabalhado o psicólogo tem que sair e ficar dois anos sem trabalhar para depois ser contratado novamente [...].

Atualmente vive-se uma realidade municipal um pouco complicada no que tange a questão dos concursos públicos para atuação em Psicologia, uma vez que os mesmos dificilmente ocorrem, e quando ocorrem são poucas vagas, e a remuneração não é compatível com o esperado pela categoria profissional, porém também é sabido que não existem os concursos mais existem vagas, por que são muitas as psicólogas trabalhando via contrato temporário, e nesse sentido cabe aqui algumas reflexões o por que desse cenário e dessa atuação profissional ocorrer dessa maneira? E as demandas dos usuários estão sendo efetivamente atendidas? Como as políticas públicas estão atendendo a população de Poços de Caldas no âmbito dos atendimentos em Psicologia, se não tem um número significativo de psicólogas atuando na rede?

Por outro lado, consideramos importante analisar a realidade regional de Poços de Caldas e as cidades vizinhas, temos um relato sobre Andradas, que também tem profissionais da Psicologia, que fizeram faculdade em Poços de Caldas e depois retornaram para tentar essa atuação profissional, e nesse sentido, André ressalta

[...] nem todos que conseguiram concluir a graduação estão atuando na área né e a gente sabe que tem também uma questão da defasagem de vagas no mercado de trabalho em relação ao curso de Psicologia, por esse motivo a gente acaba indo para o caminho da clínica privada, na maioria das vezes aguardando uma outra colação em outro trabalho com CLT. [...].

Sobre a atuação profissional temos também a opinião de João sobre essa questão.

[...]Os recém formado precisam entender que a inserção e a atuação profissional são uma construção, é preciso romper com essa barreira do imediatismo, não se preparam, não pensam no aluguel, nas despesas, querem abrir consultório não dão conta de pagar o aluguel, pagar supervisão, e ai vem com aquela fala ai a clínica não deu certo, mais esquece que é esse processo é continuo é construção, a gente está sempre em construção, e precisa respeitar esse processo e ter paciência e investimento, e muito estudo, eu quanto mais eu leio , mais eu percebo que não sei, é preciso investir em material de estudo, é esse movimento,

ler , comprar livro eu sei que no Brasil livro não é barato, mais não tem como você ser não se implicar efetivamente nessa construção de ser psicólogo[...].

Dentro dessa perspectiva Alice aponta que:

“[...] ao sair da faculdade eu não pensei que eu fosse ficar só na clínica, minha primeira procura foi um emprego fixo em qualquer área que surgisse, por questões financeiras, mais o meu desejo mesmo sempre foi trabalhar em escola, e conciliar com a clínica, mas como a clínica não é suficiente financeiramente falando, fui atuando na clínica e vendo outras possibilidades, mais como não consegui outro emprego, fui ficando na clínica e consegui me estabelecer[...]”.

Trazendo de maneira reflexiva suas colocações sobre a inserção e atuação das(os), psicólogas(os), Ana afirma que:

“[...] Aqui em Poços de Caldas eu percebo que é um pouco limitado os campos de atuação, principalmente na área organizacional, por exemplo eu vejo no LinkedIn direto vaga pra psicólogas nas empresas em outras cidades, e aqui em Poços de Caldas eu vejo a dificuldade na questão da inserção e atuação, vejo pelos meus colegas é que eles acham que vão iniciar na clínica e já vão sair ganhando dinheiro , um valor econômico alto e na verdade não é assim que acontece né, a gente primeiro em veste muito em estudo , tem que plantar agora para colher lá na frente [...]”.

Como o contexto analisado foi Poços de Caldas e região, vale destacar que existe uma busca na atuação profissional em cidades maiores, porém, conforme apontado por André em seu relato:

“[...] eu sou de uma cidade de quarenta mil habitantes, e minha realização foi quando vim fazer faculdade em Poços, e queria muito ficar atuando por aqui, por que na minha cidade são poucas as possibilidades de emprego, mais percebi que mesmo Poços sendo uma cidade maior não havia possibilidades, então pensei tem que ter demanda em Andradas não temos tantos psicólogas(os) formadas(os), então se eu for pra lá e tiver vinte pacientes tá bom [...]”.

Este participante em si aborda que a partir do momento que entendeu que poderia atuar em seu município, e parar de buscar as oportunidades na cidade onde se formou, conseguiu ressignificar o seu fazer profissional e mergulhar de vez na Psicologia. Dessa maneira percebe aí um rompimento daquilo que muitas vezes é projetado pelas alunas, em concluir uma graduação e buscar seu lugar de inserção e atuação, em locais onde efetivamente não existem vagas ou oportunidades para tal atuação.

Ainda sobre a atuação, André destaca: “[...] existe uma cultura que é ou você vai para o terceiro setor, né, para as organizações não governamentais ou você vai para o concurso

do setor público, a clínica nunca é a primeira opção ninguém quer de cara ir para essa atuação[...].”

Contudo, entende-se que é existe um modo singular de cada um experienciar essa atuação profissional, e dessa maneira, no quesito inserção no mundo do trabalho e atuação profissional, Lucas afirma que:

[...] “Nem sempre se tem oportunidade de trabalho, por exemplo os abrigos, instituições, projetos sociais, a remuneração não é muito agradável, fora que existem as atribuições que muitas vezes não é compatível com a profissão, os dilemas institucionais também existem está complicado conseguir trabalhar nessa área, na cidade até tem hospital mais sempre com poucas vagas para psicólogos, concurso público nunca nem tem pra fazer [...]”.

Abordando essa questão da inserção e atuação profissional da psicóloga, e relacionada a realidade local conforme mencionada acima, Pires e Braga (2009), trazem que na saúde pública, no Brasil, de acordo com a Psicologia na saúde não pode limitar-se apenas à saúde mental, mas deve desenvolver práticas que atendam às necessidades da população, em contexto integral.

Aprofundando a leitura na temática proposta, Ferreira Neto (2008), aborda alguns aspectos relevantes, como a importância de uma formação que aglutine as contribuições tanto do campo da psicologia clínica quanto da psicologia social, favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades plurais, para atuação em novas áreas.

Trazendo um contraponto da ideia exposta por Lucas, temos a opinião de João sobre a inserção e atuação profissional em Poços de Caldas:

[...] “Vejo uma possibilidade de atuação clinica muito grande, é uma cidade turística tem 3 faculdades , muita escola pública tem muita demanda , escolas, hospitais, temos muitos colegas que pecam no estudo e trazem a fala “se nada der certo eu vou pro consultório”, eu acredito que o consultório é o carro chefe de tudo vejo muita possibilidade de atuação na área escolar temos muitas escolas, acredito no potencial da psicologia do esporte também , por que temos um time local, recentemente abriu o Capes I, a prefeitura não contrata por problema de concurso público, mais que precisa, precisa , vaga tem porém não tem concurso” [..].”

Nesse sentido a opinião exposta por Lucas vem em contraponto aos demais entrevistados, uma vez que nos relatos anteriores, as opiniões expostas sobre esse quesito trazem que existe uma certa dificuldade de inserção e atuação de psicólogas em Poços de Caldas.

Ainda abordando sobre as oportunidades de inserção e atuação profissional, João pede para fazer um adendo a sua fala:

[...] “Os recém formado tem que entender que a inserção e a atuação profissional são uma construção, é preciso romper com essa barreira do imediatismo, não se preparam, não pensam no aluguel, nas despesas, querem abrir consultório não dão conta de pagar o aluguel, pagar supervisão, e ai vem com aquela fala ai a clínica não deu certo, mais esquece que é esse processo é continuo é construção, a gente está sempre em construção, e precisa respeitar esse processo e ter paciência e investimento, e muito estudo.”[...]

Sobre a afirmação de João acerca de oportunidades de atuação profissional, cabe ressaltar que o processo de construção de qualquer carreira não acontece de maneira rápida, dessa maneira é imprescindível que as recém-formadas entendam os enlaçamentos que envolvem esse fazer profissional, uma vez que são desafiadores e paulatinos, e de certa maneira exigem, investimento, tempo, dedicação e persistência.

Mediante ao até aqui discutido, cabe ressaltar que através da análise dessa categoria especifica fica claro a expectativa criada pelas estudantes da graduação em relação ao emprego através da Psicologia, e nesse sentido acredito que seja necessário um movimento de conscientização acerca do fazer profissional em Psicologia, tanto por parte das instituições formadoras, como por parte das próprias alunas, para que se possa romper as barreiras de enxergar dificuldades na prática clínica em consultório, bem como uma desconstrução da ideia de que ao terminar o curso a inserção no mundo do trabalho será imediata ou até mesmo satisfatória.

7.4 Atividade profissional em Psicologia

Analisando a categoria que diz respeito à atividade profissional das psicólogas, é interessante observar que os entrevistados além de não ser da maioria a predominância na atuação clínica, conforme foi verificado através da análise dos questionários. Cabe ressaltar que a atuação em mais de uma área está em consonância com a realidade do Profissional no Brasil, que acaba atuando paralelamente em outros segmentos de atuação.

Compreendendo que toda formação profissional irá subsidiar e prover financeiramente os recursos para sobrevivência do profissional das, psicólogas recém-formadas, Bastos, Gondim e Peixoto (2010), afirmam que a atividade autônoma, contudo, ainda ocorre concomitantemente com outros tipos de atividades assalariadas nos três setores, público, privado e terceiro setor, assumindo, ao que parece, um papel de vínculo complementar.

Pensando que a instrumentalização das psicólogas, para atuação no mundo do trabalho, temos as possibilidades criadas já na graduação, e nesse sentido André relata que teve oportunidade de emprego através do seu desempenho nos estágios extracurriculares.

[...] quando eu terminei a faculdade, eu já tinha uma proposta de emprego, então fui trabalhar e ter mais contato com outras pessoas e assim eu falo pra todo mundo que começa a fazer Psicologia e quer trocar ideia comigo, eu oriento procura estágio desde o começo, aproveita suga tudo, pega todas as oportunidades que tiver, por que isso faz toda a diferença. [...].

Ressaltando a importância de uma formação em Psicologia que consiga abranger as demandas sociais, temos a contribuição de Amendola (2014), acerca dessa temática, onde a autora aponta que somente transcendendo a dimensão técnica que a psicóloga se torna capaz de questionar sobre o que faz, com que finalidade e para quem dirige a sua prática, incluindo as relações de saber-poder que ele próprio estabelece no lugar que ocupa.

Em estudos apontando a direção do trabalho em Psicologia no Brasil, temos Bastos, Gondim e Peixoto (2010), ressaltando que a profissão possui majoritariamente assalariados, principalmente no setor público das políticas sociais.

Acredito ser de extrema importância destacar uma fala que apareceu na entrevista de Ana que apontou que:

[...] “Eu penso que não é todo mundo que consegue ser psicóloga, eu sou uma pessoa quando entrei na faculdade, e sou outra pessoa hoje, eu acredito que a Psicologia é uma visão de mundo que a gente tem, e a gente consegue separar bem as questões pessoais e profissionais, e atribuir significado ao nosso fazer profissional no dia a dia” [...].

Sobre esse discurso de Ana, penso ser uma reflexão necessária e pertinente as estudantes do curso de Psicologia, uma vez que a capacitação teórica e técnica nos permite atuar nessa área estudada, porém faz-se necessário pertinência em relação a trajetória profissional escolhida e o que realmente se pretende com ela.

E especificamente sobre a área de atuação e as possibilidades existentes na cidade, Roberta afirma que:

[...] “Considero que a área de atuação em Psicologia Organizacional só vai crescer está muito em alta, tenho uma visão muito positiva sobre a psicologia organizacional, o mercado que tá em alta e a Psicologia no meio empresarial expandido, porém precisa de mais profissionais, por que somente o psicólogo tem o feeling para atuar em certas situações do RH[...]”

Observamos então que a participante parece compreender e destacar que o trabalho na área organizacional possui potencial de expansão, que é uma área da qual a Psicologia precisa se apropriar.

A escolha das participantes da entrevista por segmentos de atuação variadas, se deu no intuito de trazer diferentes perspectivas acerca da compreensão sobre o exercer da

profissão em Psicologia, e nesse sentido tivemos visões diferenciadas baseadas na prática profissional atual,

Buscou-se então realizar uma síntese categórica, priorizando os aspectos mais importantes das mensagens, retirando os dados repetitivos e ressaltando o que se pretendia através da categoria de análise, para dessa maneira compreender a realidade vivenciada. Portanto nessa categoria específica de análise, foram poucas e sucintas as contribuições dos entrevistados.

8 FORMAÇÃO CONTINUADA

Foi evidenciado também que as entrevistadas em atuação se preocupam e investem em sua formação continuada ressaltando sempre em suas falas a importância de estar constantemente buscando aprimorar seus conhecimentos, nesse sentido Antônio relata:

[...]Primeiramente como fui trabalhar em uma área que não tinha conhecimentos específicos (psicologia social), eu senti a necessidade buscar profissionais que já estavam atuando na área e propor grupos de estudos, e a experiência foi ótima me ajudou muito, aí depois eu fiz a formação em psicanálise, e uma pós-graduação de psicanálise também para tentar assim engrenar mais na clínica[...]

Através da afirmação de Antônio percebe-se uma movimentação desse profissional em sua formação continuada através da busca por grupo de estudos, e especialização, fortalecendo e subsidiando seu fazer profissional.

Na sequência Antônio traz outro relato importante “[...] tive várias oportunidades de trabalho dentro da Assistência Social, foi onde eu abandonei a clínica e finquei os pés na Psicologia social, mas sempre acreditando que a formação tem que ser permanente iniciei o mestrado, e hoje estou no doutorado”.

Enquanto Kátia também destaca importância do “Tripé da atuação profissional”: “[...] a gente sempre escuta né nossa atuação tem que estar amparada teoricamente, temos que estar em supervisão, e tem que estar em terapia pessoal, é realmente é o que nos dá condição para a prática clínica [...]”.

As entrevistadas compartilham da perspectiva de que as mudanças nas demandas exigem que as profissionais se debrucem sobre os estudos, ampliando sempre seus conhecimentos, buscando maior compreensão sobre as demandas da contemporaneidade. Nesse sentido uma das entrevistadas, em específico Kátia, insistiu, que a capacitação é o suporte para a atuação profissional.

Analisando a fala enfática de Kátia percebemos uma clara preocupação em desenvolver uma Psicologia comprometida e eficiente para com a população, evidencio aqui que em sua maneira de se posicionar a entrevista demonstra claramente uma preocupação com esse fazer profissional.

Aprofundando neste aspecto e visando uma melhor compreensão do material coletado, a seguir encontra-se a reflexão de outra pesquisadora participante Roberta:

[...] eu sinto que sai sem uma compreensão ampla sobre a área organizacional, por isso vejo a importância da formação continuada, por que foi por meio de buscar por cursos e aperfeiçoamentos que consegui realmente entender como fazer a minha prática na área organizacional [...]

André traz uma outra perspectiva sobre a formação continuada das psicólogas.

“ [...] eu não tenho acesso a muita literatura com temáticas de pesquisas atuais para minha formação continuada, eu acredito que é preciso pensar nisso tem de ter pesquisas publicadas e divulgadas para todos nós que estamos em atuação, e não pensar em formação continuada apenas, fazer uma pós graduação, e pensando no momento que estamos vivendo eu acho indispensável pesquisas que falem sobre atendimento online, é onde conseguimos informações e subsídios para seguir atuando, eu acredito muito nessa formação continuada e permanente e que teríamos que ter sim um aperfeiçoamento para entender mais esse mecanismo do online, mesmo por que vai continuar , não é provisório , a gente vai continuar atuando dessa maneira , então precisamos aprimorar[...]”.

De acordo com Pires e Braga (2009), a formação permanente deve se dar porque as mudanças vêm exigindo transformações de teorias e práticas, que não contemplem apenas a atuação no campo da saúde mental, mas que também favoreçam o processo de saúde, em contexto e em necessidades globais. Assim, as autoras avaliam que a educação permanente em serviço é indicada como uma possibilidade, para suprir a defasagem na atuação, por tratar-se de alternativa prevista nas Diretrizes.

Ressalta-se que a educação permanente em saúde tem sido proposta pelo Ministério da Saúde, para a consolidação da reforma sanitária, que pressupõe várias faces: a ordenação na formação de recursos humanos, a formulação e execução de políticas orientadoras da formação de trabalhadores para o setor, vista como um conceito pedagógico que favoreça a reflexão crítica sobre o trabalho e a resolutividade da clínica e da promoção da saúde coletiva.

Segundo Galvão e Araújo (2017), o planejamento de ações de capacitação e formação continuada em serviço, devem envolver o nivelamento do saber científico da educação não-formal, da leitura crítica sobre o papel das instituições de terceiro setor e os processos de desenvolvimento individual e social.

Quando se remete a questão de formação continuada ou permanente, faz-se necessário ressaltar também formações específicas, advindas de oportunidade em contextos de trabalhos diferenciados, e assim sendo quanto à formação específica. Pires e Braga (2009), propõem conteúdos que contemplem as necessidades dentro do setor primário em saúde, tais como: sistema de cuidados de saúde primários, Psicologia nos cuidados de saúde primários, intervenção psicológica nos cuidados de saúde primários, desenvolvimento de aptidões e formação de atitudes, desenvolvimento de competências e prática profissional supervisionada.

Sobre a cultura profissional da psicóloga, temos a contribuição de Cury (2018) que aborda a necessidade da psicóloga se atualizar constantemente, tornando-se um grande transformador e crítico em relação ao caráter histórico e social da profissão, sendo assim

capaz de representar satisfatoriamente os profissionais da psicologia e a sociedade como um todo.

A entrevista Ana trouxe a seguinte reflexão acerca da formação continuada:

[...] Essa formação não tem a ver com sair fazendo cursos, é também pegar material pra leitura, existem tantos livros bons, e se não tem condição de comprar hoje tem tanto recurso de PDF disponível na internet, na verdade tudo passa pelo querer, pela dedicação, porque se não gostar de ler e estudar não tem como ser psicólogo [...].

Nesse sentido pensando em uma atuação consistente e responsável, Amendola (2014), aponta que como a responsabilidade pelas práticas psicológicas não recai sobre as instituições formadoras, mas sobre os próprios psicólogos individualmente, muitos têm investido em formação continuada para fins de atender às demandas do mercado, seduzidos pelas vantagens, promessas, interesse ou esperança por qualificarem sua prática.

Sobre a formação continuada Ana ainda nos traz que:

[...] Na Psicologia, temos um leque de opções para atuar e na graduação não conseguimos aprofundar em todos os segmentos, por isso que acho muito importante ao concluir o curso, investir na formação continuada, leitura de artigos que atendam as demandas que recebemos no consultório, buscar alternativas para atender de maneira efetiva os pacientes.

Aprofundando na análise, sobre a formação continuada das psicólogas, temos uma fala que se opõe as outras no sentido de trazer um dado diferente sobre a formação continuada das profissionais em atuação, nesse contexto, João ressalta que:

[...] “Na minha opinião as pessoas procuram uma pós-graduação mais pra ter uma titulação, e constar como especialista em algo, do que realmente para obter um aprendizado para se colocar na prática profissional, a formação continuada é para além da titulação é se aperfeiçoar todos os dias para atuar.” [...]

Nesse sentido cabe ressaltar que na contemporaneidade as demandas de saúde mental estão crescentes, vivemos uma sociedade adoecida e que tem buscado ajuda profissional cada vez mais. Por isso a importância de aprimoramento profissional, formação continuada, supervisões clínicas, cursos específicos para a área de atuação e realização de psicoterapia, lembrando que o profissional também precisa constantemente trabalhar seu processo de desenvolvimento pessoal, que é de extrema importância para o exercício da Psicologia.

Através de todo o exposto nessa categoria de análise, percebemos que as entrevistas possuem plena convicção de que ser psicóloga vai além de fazer uma graduação e se inserir

no mundo do trabalho, faz-se necessário as recém graduada compreender o compromisso social da profissão, e que na formação inicial temos nossa base para inserção e atuação, porém fica a cargo de profissional dar sequência em seu processo de formação que precisa ser contínuo para suprir as demandas existentes na sociedade contemporânea.

8.1 Estratégias ou sugestões das entrevistadas sobre a formação e atuação das Psicólogas para o crescimento profissional

Dentre as perguntas realizadas nas entrevistas, um tópico específico foi abordado buscando compreender como cada um entende a busca através da prática diária, bem como pesquisas e estudos para melhorias na Psicologia, e nesse sentido foi perguntado: quais sugestões você daria sobre direções para estudos futuros, para o aprimoramento dos estudos e melhorias da Psicologia como profissão?

Kátia nos traz uma resposta reflexiva, em um momento muito importante da entrevista, pois ela relata ter sempre se dedicado aos estudos, mas na graduação não se despertou para as pesquisas. Assim, a entrevistada trouxe emoção e suspiros na fala:

[...] teve um momento que comecei a pensar que a gente precisa determinar mesmo esse lugar da Psicologia não só profissão, mas também a ciência, pelo menos a minha formação foi assim, os professores nos incentivaram a pesquisar mais isso não me despertou, talvez né seria uma possibilidade de se despertar isso né nesses lugares formativos na graduação que possa de repente iniciar os alunos quanto mais cedo, nesses campos de pesquisa não sei uma ideia né [...].

Por sua vez, Antônio abordou uma outra perspectiva:

[...] quando o psicólogo é solicitado para atuar em tragédias que tiveram grande impacto na sociedade, na vida de muitas pessoas, então quer dizer isso já existe, já está posto que o psicólogo tem que enfrentar essa situação, mas aí a gente percebe que ficou uma lacuna no meio do caminho que a gente realmente não foi preparado para tal situação na faculdade [...].

Fazendo uma análise dos discursos de Kátia e Antônio, uma vez que temos contrapontos diferentes, um onde observa-se a entrevistada colocando a aluna como responsável por seu processo de formação, onde existe apontamento de que as graduandas precisam se envolver em pesquisas, em se apropriar de todas as possibilidades que o ambiente acadêmico favorece. Já sob outra perspectiva, Antônio aborda a questão das tragédias que faltou olhar um pouco mais para esse conteúdo e trabalhá-los de maneira que se evidencie para as graduandas esse contexto de atuação existente.

De acordo com a temática abordada nessa questão, temos a afirmativa de Cruz (2016) ressaltando que adjetivar a Psicologia como ciência e profissão, portanto, resulta da compreensão histórica da necessidade de associar um *corpus* científico a um projeto de intervenção profissional em diferentes contextos sociais.

Para Araújo et al. (2010), apesar de não podermos prever os rumos da Psicologia como profissão, temos de nos interrogar sobre o futuro, caso se retraiam as práticas sociais. A análise crítica do momento contemporâneo da sociedade parece necessária, ainda que sujeita aos desafios desacetos de uma reflexão contingente e relativamente precoce.

A ciência, bem como a pesquisa nos trazem informações norteadoras e nesse sentido, faz-se necessário cada vez mais mostrar a toda a sociedade, o real fazer da Psicologia, depende muito das profissionais em atuação esse envolvimento efetivo com a profissão e com tudo que advém dela. Ficando claro que o nosso fazer profissional não se resume ao individual, mas sim ao coletivo e social.

Pensando nos desafios inerentes a profissão me chamou atenção a seguinte colocação de Roberta, [...] “O maior desafio do psicólogo não é inserção e atuação e sim a permanência no mundo do trabalho, o profissional precisa se desafiar e acreditar no seu potencial, senão ele não fica.” [...]

Existe uma preocupação por parte da categoria profissional mesmo, no que tange as oportunidades de inserção no mundo do trabalho, bem como remuneração, e nesse sentido o entrevistado Lucas traz de maneira incisiva e reflexiva que:

“[...]A psicologia tem quebrado barreiras, a questão da prática do atendimento online e o trabalho através do intermédio das tecnologias é uma delas, porém ainda vivemos um cenário complicado quanto a desvalorização e o sucateamento da profissão, recebemos aquém do que deveríamos receber, a remuneração é baixa, e sempre temos que arrumar mais de um emprego para sobreviver[...]”.

Passando pela compreensão de como a Psicologia foi sendo organizada na sociedade brasileira, a partir do diálogo entre os campos de atuação profissional já existentes e sua expansão em termos de abrangência e criação, pode-se fazer uma associação com o cenário relatado acima, temos uma profissão em expansão e reformulação nos campos de atuação, e nesse sentido realmente a inserção profissional tem ocorrido de maneira gradativa de acordo as necessidades e possibilidades.

Compreendemos dessa maneira as colocações realizadas por Lucas no que tange a desvalorização da profissão e a remuneração baixa, e a necessidade das psicólogas em desenvolver atividade paralelamente para garantir a sobrevivência até mesmo profissional.

Sob o viés da atuação profissional, temos um importante estudou que foi norteador dessa pesquisa, que traz a representação social da profissão, e nesse sentido Cury (2018), nos traz que: as representações podem ser organizadas de acordo com a cultura, classe e

grupos sociais e constituem o que chamamos de senso comum. Geralmente as respostas mais encontradas sobre os psicólogos são: médico de louco, profissional que trabalha para a elite e usado por pessoas frescas.

Enfim sabemos que não é possível esgotar os estudos e pesquisas para reflexão e discussão da atuação profissional das psicólogas, uma que a Psicologia como ciência e profissão necessita de constante aprendizado e reformulação, e nesse sentido cabe a todos os envolvidos, estudantes, profissionais e sociedade de um modo geral, compreender e atuar nessa busca incessante do aprender para realizar um fazer profissional diferenciado.

Corroborando com essa perspectiva da Psicologia com uma ciência em constante movimento, temos um discurso que vem de encontro com esse olhar sobre o modo de entender e praticar essa atuação na contemporaneidade.

Nesse contexto Antonio afirma que:

[...] “O mercado de trabalho eu acho que hoje não pode continuar fazendo aquela Psicologia lá que que falava Aaron Beck, a Psicologia hoje tem que ser lá Ana Maria Bock, Christian Dunker a gente tem que trazer os novos autores para o nosso dia, e apostar cada vez mais na coletividade nos estudos da Psicologia, e seguir sempre estudando, aprofundando” [...]

Corroborando da mesma opinião temos Ana, que acredita no aprimoramento profissional através dos estudos, e na construção da carreira em Psicologia, e afirma que:

[...] “Eu acredito nessa construção que é a carreira de Psicologia tanto que terminei a minha pós e estou iniciando o meu mestrado, eu pretendo permanecer nessa área, investir na minha atuação clínica e seguir em frente fazendo o que acredito e que pra mim faz todo sentido” [...]

Ponto importante a ser destacado uma vez que a pesquisa buscou a todo momento correlacionar a formação inicial, com a atuação profissional, é que o ambiente universitário como ponto de partida para a capacitação inicial, precisa ser o lugar onde se estimula e desenvolve nas alunas, a habilidade e o prazer por estudar e buscar conhecimento das mais variadas formas e fontes.

E dessa maneira podem ser utilizados diversos mecanismos que auxiliem para essa conscientização teórica e prática da atuação do profissional, seja com palestras, debates em sala de aula, projetos de intervenção na comunidade, vivências em instituições que promovem o serviço em saúde mental e no plantão psicológico, no intuito de disseminar a conscientização de um olhar e intervenções mais humanizadas para as pessoas que são atendidas por tais serviços

Cabe lembrar que a profissão deve empenhar todos os esforços para ser reconhecida como fundamental pelo Estado e pela sociedade, e esse reconhecimento acontecerá de certa

forma quando a categoria profissional a Psicologia, se fortalecer, e lutar pelos seus espaços de inserção e atuação.

E dentro desse contexto, João traz os seguintes apontamentos:

[...] A Psicologia não pode ficar subordinada às outras áreas, principalmente a medicina, por que senão ficaremos expostos a patologização, a medicalização, na nossa classe profissional não existe um movimento incisivo em se posicionar que o ser humano precisa ser avaliado como um todo dentro de um contexto, eu ouvi muito de um professor “Quando a equipe não escuta, o médico medica”, nós precisamos fazer o barulho suficiente, para não deixar que isso aconteça, e para que olhem para o ser humano para além do diagnóstico[...].

Se pensarmos na força que tem a área médica atualmente sobre os pensamentos e comportamentos da sociedade como um todo, o apontamento de João torna-se de extrema importância visto que, a Psicologia não busca e nem contribui com a sua prática para uma sociedade totalmente medicalizada, trabalhamos na contramão desse movimento, analisamos os indivíduos como um todo, e para além de rótulos e diagnósticos, e dessa forma precisamos instigar movimentos de luta e conscientização, conforme abordado por João.

Desse modo, o debate sobre formação para a prática profissional reflexiva é, neste estudo, o analisador, de uma graduação em Psicologia que se esforça para aclarar suas aproximações com temáticas existentes, porém contudo enquanto curso de formação inicial, torna-se impossível idealizar que ele consiga contemplar com profundidade todas as áreas e segmentos de atuação que existem atualmente.

Nesse contexto, assim como foi possível observar no decorrer das análises, temos a opinião enfática de Roberta que nos aponta que:

[...] Não existe material para leitura que fale da Psicologia organizacional, gostaria de escrever e produzir material direcionado a psicologia organizacional, e publicar o método que eu mesmo criei para atuar nas empresas e com os funcionários, a vivência e as falas dos funcionários poderiam virar conteúdo riquíssimo, isso não existe em lugar nenhum a gente não tem acesso, devia existir um livro escrito por profissionais que atuam na área[...].

A temática discutida na entrevista possibilitou uma ampla compreensão sobre as experiências profissionais em Psicologia em Poços de Caldas e região, sendo apontamentos relevantes em todos os ambientes de atuação em que a psicóloga se insere, seja como profissional liberal ou contratado no setor público, no setor privado e no terceiro setor.

Uma vez que através dos discursos percebe-se claramente que cada segmento de atuação apresenta suas especificidades conforme apontado pelas entrevistadas. Assim sendo nossa última categoria de análise versou sobre as singularidades de cada entrevistada, bem como a coletividade do fazer profissional da Psicologia. Trazendo assim panoramas

diferenciados que muito contribuíram para que possamos entender como ocorre atualmente não apenas a inserção e atuação profissional, mas também a manutenção desses profissionais nos campos de atuação e as possíveis estratégias ou alternativas que conseguem vislumbrar nesse momento.

8.2 A atuação das psicólogas, frente a pandemia de Covid- 19

É sabido que houve uma modificação no que tange a atuação das psicólogas na pandemia, uma vez que mesmo considerado por alguns profissionais como um grande desafio o atendimento online, e que se nota é uma grande adesão por parte dos profissionais em atuação, com essa modalidade de atendimento.

Uma pergunta que não foi realizada, mas veio em pauta pelos entrevistados que levantaram uma questão de extrema importância para o cenário de atuação profissional que estamos vivenciando: sinalizaram a questão dos atendimentos *online* e como foram pegos de surpresa, tendo que, assim reestruturar, os modos de atendimento aos pacientes. Os três entrevistados fizeram questão de enfatizar a importância da modalidade de atendimento *online* e como ela viabilizou e aumentou a prestação de serviços dos psicólogos em Poços de Caldas e região.

Sobre tal cenário, Antônio diz: “[...] eu atendo uma pessoa que mora no Acre ela descobriu a internet e o atendimento *online* e acabou fazendo contato, iniciamos os atendimentos criamos vínculo, então a gente passou a entender que o laço social e o vínculo não são apenas no setting terapêutico [...]”.

Através do relato de Antônio, percebemos que as psicólogas deixaram de ser profissionais regionais, podendo ampliar assim sua atuação profissional, e nesse contexto Schimidt, et al. (2020), trazem que, dadas a crescente demanda relacionada à saúde mental nesse período, a escassez de profissionais capacitados para acolhê-la, e a necessidade de respostas rápidas e eficientes, algumas localidades têm proposto uma classificação de pessoas e grupos afetados pelo novo coronavírus, a ser considerada na priorização para a oferta das intervenções.

Sobre as mudanças advindas do contexto da pandemia e a implementação dos atendimentos online, Roberta afirma:

“[...] O atendimento *online* gerou muita dúvida todo mundo correndo atrás para conseguir entender como teria que fazer, mais essa ferramenta e possibilidade de atendimento pra mim foi excelente, inicialmente teve uma adaptação e aceitação do público, mais agora a primeira opção que ofereço é o *online* se não tiver outra alternativa aí sim vou pro atendimento presencial[...]”.

E sob essa perspectiva, Schmidt, Crepaldi, Bolze e Neiva-Silva (2020), ressaltam ainda que dentre os possíveis desafios para o trabalho de psicólogos na vigência da pandemia de Covid-19 no Brasil, destacam-se a restrição a deslocamentos e a necessidade de realização de serviços psicológicos predominantemente por meios de tecnologia da informação e de comunicação.

Já na percepção de Ana: [...] “A pandemia acelerou um processo que já estava por vir, daqui pra frente a psicologia tem que trazer pra graduação essa questão das tecnologias, e um aprofundamento sobre atendimento online, por que não vamos voltar ao que era 2 anos antes” [...]

Corroborando a mesma opinião Kátia, acreditando numa mudança do cenário de atuação profissional:

[...] Acredito que a pandemia veio mostrar uma reformulação do fazer profissional, nós fomos pegos de surpresa até então no nosso processo de formação nunca foi falado ou explicado sobre fazer atendimento *online*, então por isso acredito que venha mais novidade a questão do currículo de formação daqui pra frente, tem que ter uma formação que sustente essa nossa prática profissional[...].

Cabe destacar aqui que o advento dos atendimentos online não se deve ao contexto pandêmico ele já era uma alternativa autorizada pelos conselhos desde 2005, onde inicialmente através da resolução 012/2005 o Conselho Federal de Psicologia regulamenta os serviços psicológicos mediados por computador, com o passar dos anos através de estudos e pesquisas, a resolução foi alterada através da 011/2018, e foi nessa fase que se consolidou o uso das tecnologias para atuação em Psicologia. Observa-se então que houve maior proliferação e procura pelos atendimentos online com a chegada da pandemia, porém os mesmos já eram autorizados anteriormente.

Para Araújo et al. (2020), não há dúvida de que o atendimento clínico realizado por profissionais da saúde mental, em particular da Psicologia, por meio de plataformas virtuais, é importante, sobretudo em um cenário de isolamento social, no qual as perturbações psiquiátricas e comorbidades tendem a crescer (Brooks et al. 2020; World Health Organization, 2020).

Nesse contexto conforme relato de André

[...] eu já estava há um ano na docência, no ensino superior quando percebi que a minha atuação clínica estava se expandindo aí, deixei as aulas para ficar somente na clínica, e na sequência veio o boom da pandemia, e os atendimentos online, agora eu falo pra todo mundo que a gente não tem mais aquele problema de buraco na agenda né, agora tá até difícil de arrumar horário para as pessoas que nos procuram para atendimento [...].

Sobre os desafios da atuação das(os) psicólogas(os), frente à pandemia de Covid-19,
Ana,

[...], no início fiquei com muito receio de atender meu primeiro paciente foi de forma online, e ainda em outro país, me assustei e corri atrás de estudos e da supervisão e foi a supervisão que me deu suporte pra seguir atendendo aquele paciente, diante de uma situação tão nova pra mim.

Analisando o cenário de atuação profissional frente a pandemia de Covid-19, as entrevistas trouxeram informações e pontos de vistas sobre esse modo de atuar, e nesse sentido, Roberta traz que [...] “a ferramenta do atendimento online pra foi excelente pra minha atuação, a adesão, adaptação e aceitação do meu público foi ótima, tanto que a primeira opção que ofereço é o online se não tiver outra alternativa aí sim vou pro presencial.”[...]

Uma consideração importante a fazer, é que a graduação prepara para a atuação profissional, contudo conforme destacado por Silva e Corgozinho (2011) as (os) psicólogas(os), devem sempre se reinventar e criar formas de intervenção para a transformação social dos usuários.

De acordo com o exposto na pesquisa, percebe-se que se faz necessário o reinventar continuo na profissão, não deixando de lado nunca nosso código de ética profissional, e os princípios da profissão.

No caso específico das alterações no contexto de atuação e inserção profissional das psicólogas devido a pandemia faz-se necessário refletir acerca dessa categoria de análise que vem de certa forma fazer o fechamento dos dados obtidos na entrevista. Ressaltando que as entrevistadas trouxeram em seu discurso percepções sobre a atuação profissional atual, de um fenômeno psicológico que ainda encontra-se em andamento, haja vista que ainda estamos atravessando o contexto pandêmico, dessa maneira expressaram de forma implícita toda a singularidade, bem como as dificuldades e desafios postos a todas as entrevistadas de maneira geral que vieram experienciar o atendimento online apenas nesse período, e que anteriormente ainda não haviam vivenciado essa realidade profissional.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos aqui as inúmeras possibilidades existentes na continuação dos estudos para ampliar a compreensão acerca da inserção e atuação profissional, uma vez que através da pesquisa de campo realizada, bem como revisão sistemática de literatura, observou-se que não se esgota a necessidade de aprimorar os estudos, visto que ainda há escassez de estudos que debruçam sobre essa temática.

A presente pesquisa foi realizada , buscando compreender bem como analisar a realidade vivenciada em Poços de Caldas e região acerca da inserção e atuação profissional das psicólogas, e a relação com os processos formativos iniciais e continuado, para tanto fundamentou-se através da revisão sistemática de literatura que versava sobre a temática proposta, e foi realizada uma pesquisa de campo descritiva, que se deu através de questionário online autopreenchido e entrevista com alguns participantes que manifestaram o desejo de contribuir com o presente estudo.

As indagações levantadas não se encerram na presente pesquisa, uma vez que abrem possibilidades para novos estudos, até mesmo porque a Psicologia como ciência em constante construção, necessita de estudos que tragam debates e reflexões acerca da atuação profissional das psicólogas.

Os relatos apresentados nessa pesquisa, foram coletados no ano de 2021, cabe ressaltar que ainda estamos vivendo no contexto da pandemia de Covid-19, o que dê certa forma foi um dado relevante e que influenciou nos resultados obtidos na pesquisa, uma vez que exigiu das psicólogas em atuação adaptações em sua forma de atuar, e dentro dessa perspectiva e ressaltando o aumento dos atendimentos online, temos 55% dos respondentes que relatam que estão se adaptando os desafios impostos por esse tipo de atendimento.

Na pesquisa realizada observou-se questões específicas inerentes a inserção e atuação profissional das psicólogas, ampliando assim a compreensão sobre todos os segmentos de atuação em que elas se inserem, seja como profissional liberal, contratada no setor público ou no privado e também no terceiro setor.

Através dos resultados obtidos, observou-se a predominância de atuação profissional do sexo feminino, tivemos também dados de uma população pesquisada relativamente jovem que a idade varia de 23 a 59 anos. Aponta-se também a forte presença de psicólogas formadas pela rede privada de ensino, e cabe ressaltar que a amostragem pesquisada, aposta em sua formação continuada e nela investem, compreendendo a importância desse suporte para a atuação profissional.

Também foram obtidos dados relevantes sobre a formação inicial da população pesquisada, onde constatou-se que a predominância de uma resposta satisfatória em relação

a formação acadêmica oferecida pelas instituições de ensino, onde 60% dos respondentes trazem que correspondeu às expectativas.

Outro dado significativo foi a importância atribuída aos estágios curriculares e extracurriculares na formação dos futuros profissionais, onde tivemos 64% dos respondentes afirmando que foi a experiência mais significativa da graduação.

Como o objetivo de toda pesquisa é trazer temáticas para reflexão, tanto dos estudantes, como das instituições formadoras, e profissionais em atuação, tivemos um resultado expressivo dos participantes que têm como área de atuação a Psicologia clínica, 69% então dentro desse contexto faz-se necessário movimentos que conscientizem as graduandas, a abrangência do trabalho realizado pela Psicologia que atualmente ultrapassa as fronteiras dos consultórios particulares.

Uma vez que tivemos como foco compreender como ocorre o processo de inserção das psicólogas em Poços de Caldas e região, foi evidenciada uma realidade local onde 53% dos respondentes trazem que existem contextos de trabalho, porém pouca empregabilidade, isso se considerarmos o fato de emprego com salário fixo e carteira assinada.

É sabido que existe a característica da Psicologia como uma profissão autônoma, porém inicialmente na construção da carreira profissional, temos relatos de pessoas que precisam desenvolver alguma outra atividade remunerada, para subsidiar os custos pessoais e profissionais, e nesse contexto temos 67% dos respondentes que trabalham em outra atividade remunerada.

A inserção e a atuação das psicólogas no mundo do trabalho, em Poços de Caldas e região, foi avaliada com aprofundamento através da análise das entrevistas com 8 profissionais em atuação, e dessa maneira, obteve-se informações que precisam ser consideradas, mesmo tendo sido apontado nos questionários uma limitação no que tange a inserção dos profissionais, nota-se pelos entrevistados, que existe engajamento e procura e que cada um a seu modo e em segmentos de atuação distintos estão conseguindo se estabelecer e crescer na construção da carreira em Psicologia.

Apesar de ser perceptível através dos relatos o reconhecimento das entrevistadas sobre o panorama regional de atuação na área da Psicologia, existe uma predominância nos relatos em relação a acreditar no potencial de expansão da profissão em Poços de Caldas e região.

Temos apontamentos importantes dos entrevistados sobre a importância de se associar teoria e prática profissional através dos estágios curriculares e extracurriculares, bem como projetos que envolvam a comunidade de maneira geral.

Outro contraponto importante é a predominância do pensamento reflexivo onde as profissionais entrevistadas ressaltam que como sempre necessário repensar a práxis

profissional, e nesse sentido temos sempre que investir na formação continuada, para obter uma boa sustentação profissional do dia a dia.

Toda pesquisa empírica nos permite analisar pelo viés dos entrevistados, e nesse sentido tivemos grandes contribuições dos participantes da pesquisa no que tange as vivências profissionais, bem como dificuldades e desafios enfrentados e superados nessa trajetória, e dessa maneira tornou-se possível através das análises dos relatos, o percurso percorrido para inserção, atuação e manutenção desses profissionais em Poços de Caldas e região.

Desse modo, acreditamos que o debate sobre formação para a prática profissional reflexiva, torna-se necessária, e esse estudo, vem a ser um instrumento analisador, das maneiras de inserção e atuação das profissionais de Poços de Caldas e região, bem como ressaltar a importância da formação inicial e continuada para sustentar essa prática profissional.

A intencionalidade dessa pesquisa residiu em discutir potencialidades da formação, bem como, de que maneira as recém graduadas conseguem atuar a partir dessa formação inicial, e assim construir seu futuro profissional.

Nesse sentido através do estudo levantado sobre a formação inicial das psicólogas, faz-se necessário, compreender o processo de formação baseado em habilidades e competências, a o significado de aprendizagem significativa, que subsidia o fazer profissional diário, buscando desenvolver nas graduandas, a noção de sujeito histórico e protagonista dessa construção do conhecimento na área da Psicologia, ressaltando sempre a importância da mesma como ciência e profissão. Dessa maneira propicia-se uma aprendizagem significativa que favorece a leitura crítica da realidade vivenciada, e uma junção entre teoria e prática.

Ademais, faz-se necessário destacar que a Psicologia como ciência e profissão precisa debruçar-se sobre o campo da prática profissional, bem como da formação inicial e permanente dos profissionais, demonstrando uma preocupação do incentivo constante para uma formação contínua que perpassa os caminhos acadêmicos, seja das profissionais em atuação ou das graduandas, uma vez que, aqueles que buscam na Psicologia uma profissão precisam estar conscientes da visão ampla do mundo em constante transformação e do sujeito contemporâneo.

Cabe ressaltar que toda profissão está continuamente em processo de construção, e os profissionais, precisam ter os direcionamentos necessários para uma atuação responsável e efetiva, visando seu entregar o melhor aquela população que acessa os serviços da Psicologia, lembrando temos várias demandas sociais presentes que atualmente são os grandes desafios da atuação profissional.

Dessa forma cabe analisar que toda atuação em Psicologia independente da área de atuação, deve ter como eixo orientador, os princípios éticos e legais da profissão, bem como o compromisso social que a profissão nos coloca de sermos engajados e atuantes, buscando sempre articular os saberes específicos da área com os conhecimentos, didáticos e metodológicos, para atuar na construção, bem como no cumprimento de políticas públicas de educação e saúde, assim como em contextos de educação informal tais como abrigos, centros socioeducativos, instituições comunitárias, ONGs entre outros.

Diante de circunstâncias pesquisadas, da trajetória proposta por esta pesquisa, através de inquietações pessoais e profissionais, buscou-se analisar e refletir nos modos de pensar, estudar e fazer psicologia. Sobre construtos que necessitam ser reflexionados, e se necessários, repensados, sabendo da importância social da Psicologia como ciência e profissão, restam lacunas a serem estudadas, com uma abrangência grande da atuação dos profissionais em Psicologia, por que ainda existem tão poucos profissionais ocupando os lugares que lhes são devidos no mundo do trabalho??

Contudo, para uma averiguação mais exata da discussão aqui proposta, recomenda-se que seja feita uma nova pesquisa, preferencialmente incluindo, outra indagação por que temos basicamente uma formação voltada para a área clínica, se existem demandas sociais, e a falta de profissionais para acolhê-las?

É sabido que um dos grandes desafios, para a recém graduada é inicialmente realizar a junção entre teoria aprendida e prática vivenciada, e nesse sentido o que viabiliza a sustentação na atuação profissional em Psicologia é o tripé necessário aos profissionais: embasamento teórico consistente, supervisão, e análise pessoal.

Existe uma expectativa é que os atores mais diretamente envolvidos com a formação encontrem aqui uma boa fonte de reflexão, inspiração e de crítica para dessa maneira construir cotidianamente estratégias metodológicas que contemplem teoria e prática para as graduandas. Espera-se, ainda, que outros pesquisadores possam tirar proveito deste estudo, questionando e contrapondo as ideias aqui presentes, discutindo-as à luz dê-se buscar melhorias para a Psicologia como ciência e profissão, adotando outros delineamentos metodológicos ou por meio de produções teóricas embasar-se, para entender o mecanismo de inserção e atuação profissional de psicólogas.

O desenvolvimento da pesquisa ajudou a clarear a compreensão acerca dos objetivos inicialmente propostos, conseguindo responder os mesmos, porém restando ainda uma indagação que não foi totalmente sanada, que seria, quais as possíveis estratégias para a busca de inserção e crescimento profissional das psicólogas de Poços de Caldas e região.

Por fim pensando na superação das dificuldades e desafios, faz-se necessário esse movimento crítico e reflexivo, a fim de rever as práticas profissionais das psicólogas, bem

como estimular a formação continuada, investindo sempre no aprofundamento e nas discussões das questões levantadas por esta pesquisa.

Recomenda-se então a continuidade dos estudos, que contemplem não apenas os aspectos teóricos, mas também a concretização de pesquisas empíricas tanto qualitativas quanto quantitativas, de modo a investigar com maior profundidade e amplitude as transformações, e a maneira como ocorre a inserção e atuação das psicólogas no mundo do trabalho, visando assim contribuir com a comunidade acadêmica, bem como com a categoria profissional.

E pensando na continuidade de estudos e pesquisas, tivemos a contribuição de um entrevistado que ressaltou de maneira enfática que a Psicologia não se preocupa em fazer um movimento de expansão e conscientização, bem como produções científicas para se trabalhar na Psicologia organizacional, e que considera carente produções e materiais norteadores referentes a e essa temática.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque JR., D. M. (2010). Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In A. P. Pinheiro, & S. C. A. Pelegrini (Orgs.), *Tempo, Memória e Patrimônio Cultural*. EDUFPI.
- Amendola, M. F. (2014). Formação em Psicologia, demandas sociais contemporâneas e ética: uma perspectiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 971-983.
- Antunes, M. A. M. (2011). Psicologia e educação no Brasil: uma análise histórica. In R. G. Azzi & M. H. T. Gianfaldoni (Orgs.). *Psicologia e Educação* (pp 9-32). Casa do Psicólogo.
- Antunes, M. A. M. (2012). Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia & Ciência*, 32, 44-65.
- Araújo, J. N. G., Monteiro, R. P., Fonseca, J. C. F., Vieira, C. E. C., & Costa, R. S. M. (2020). A tecnologia e a atividade dos psicólogos e psicólogas em tempos de pandemia de covid-19: desafios e apontamentos. *Psicologia em Revista*, 26(3), 1101-1120.
- Barbosa, C. O., Cardoso, G. S., Silva, P. A., & Cury, B. M. (2018). Cultura profissional do psicólogo no Brasil. *Revista UniScientiae/Univiçosa*, 1(2), 117-128.
- Bardagi, M. P., Bizarro, L., Andrade, A. M. J., Audibert, A., & Lassance, M. C. P. (2008). Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 304-315.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. edições 70.
- Bastos, A. V. B., & Gomide, P. I. C. (1989). O Psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. *Formação do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1).
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Peixoto, L. S. A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In A. V. V. Bastos, & S. M. G. Fondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Artmed.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2008). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In M. W. Bauer, W. Martin & G. Gaskell (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 17-36). Vozes.
- Beato, M. S. F. (2015). *Formação sobre políticas públicas para a prática profissional reflexiva: um estudo sobre a graduação em Psicologia* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais].
- Bendassolli, P. F. (2011). Crítica às apropriações psicológicas do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 75-84. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100009>.
- Beraldo, G. S., & Neto, J. L. F. (2017). Iniciação científica na formação em Psicologia: uma revisão de literatura. *Psicologia em Revista*, 23(3), 1034-1050.
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na

- pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2411-2421.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en.
- Bock, A. M. B. (2001). História da organização dos psicólogos e a concepção do fenômeno psicológico. In A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo, H. B. C. Rodrigues (Orgs.). *Clio-psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp. 25-33). Relume Dumará, Faperj.
- Bock, A. M. B. (2010). A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(núm. esp.), 246-271.
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121-136.
- Brasil. (1962). *Pareceu nº 403, de 19 de dezembro de 1962. Fixa o currículo mínimo e a duração do curso de psicologia*. Conselho Federal de Educação.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920.
- Conselho Federal de Psicologia (2022, fevereiro 14). A Psicologia brasileira apresentada em números. *CFP*. Recuperado em fevereiro 16, 2022, em <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>.
- Crepop. (2018). Conheça o Crepop. *Crepop*. <http://crepop.pol.org.br/conheca-o-crepop>.
- Cruz, R. R. (2016). Competências científicas e profissionais e exercício profissional do Psicólogo [Editorial]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 251-254.
- Cury, B. M. (2012). *Reflexões sobre a formação do Psicólogo no Brasil: A importância dos estágios curriculares* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais].
- Felippe, W. C. (2009). Alguns registros em torno da história do curso de Psicologia da PUC Minas no Coração Eucarístico. *Revista comemorativa dos 50 anos do Instituto de Psicologia*, (27), 27-40.
- Ferreira Neto, J. L. (2004). *A formação do psicólogo: clínica, social e mercado*. Escuta.
- Figueiredo Jr., A. M., Calandrine, E. F., Sousa, Y. M., Galvão, M. M., Cunha, F. F., Veras, A. S. F., Gonçalves, W. O. F., Mesquita, D. S., Costa, J. V. T., & Silv, C. K. A. (2020). Covid-19 em profissionais da saúde, vivências e perspectivas um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(12), 1-5.
<https://doi.org/10.25248/reas.e525.2020> .
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Flor, T. C. & GOTO, T. A. (2015). Atuação do psicólogo no CRAS: uma análise fenomenológico-empírica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1), 22-34.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100004&lng=pt&tlng=pt.

- Galvão, P. & Marinho-Araújo, C. M. (2017). Psicologia escolar em ONGs: desafios profissionais e perspectivas contemporâneas de atuação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 467-476.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). Atlas.
- Gradwohl, S. M. O., Souza, G. O., & Oliveira, G. L. (2018). Um ensaio sobre a profissão de psicólogo no Brasil sob o viés de gênero. *Saúde & Transformação Sociedade*, 9(1-3), 7-14.
- Guareschi, N. M. F., Galeano, G. B., & Bicalho, P. P. G. (2020). Dossiê 40 anos: o que a Psicologia tem produzido enquanto ciência e profissão?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-12.
- Gunther, H. (2003). *Como elaborar um questionário*. UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.
- Rechtman, R., & Bock, A. M. B. (2019). Formação do Psicólogo para a realidade brasileira: identificando recursos para atuação profissional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35.
- Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O exercício da profissão: as explicações construídas pelos psicólogos brasileiros. In A. V. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 107-130). Artmed.
- Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In A. V. B. Bastos, & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 107-130). Artmed.
- Holanda, A. F. (2019) O que é Psicologia?: dilemas epistemológicos e repercussões contemporâneas. *Revista de Psicologia*, 10(1), 8-24.
- Laville, C., & Dionne, J. A. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.
- Lisboa, F. F., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737.
- Malvezzi, S. (2010). A profissionalização dos psicólogos: Uma história de promoção humana. In A. V. B. Bastos, & S. M. G. Gondim (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Artmed.
- Mancebo, D. (1997). Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(1), 20-27.
- Mitre, S. M., Siqueira-Batista, R., Girardi-de-Mendonça, J. M., Morais-Pinto, N. M., Meirelles, C. A. B., Pinto-Porto, C., Moreira, T., & Hoffmann, L. M. A. (2008). Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(sup. 2), 2133-2144.
- Minayo, M. C. S. (Org.) (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (18a ed.). Vozes.

- Muniz, A. B., Amorim, L. M., & Alves, S. C. A. (2020). Perfil do Psicólogo residente e atuante em João Monlevade (MG): perfil do Psicólogo monlevadense. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-18.
- Oliveira, L. S. (2020). Psicologia e pandemia: atendimentos *online* como possibilidade de cuidado. *Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 9(2), 9-14. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/225/206>.
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry [online]*, 42(3), 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.
- Oyce, R. W. D. (2008). Falácias na interpretação de dados históricos e sociais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes.
- Parecer CNE/CES nº: 1071/2019. (2019, 4 dezembro). Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação.
- Passos, A. G. A., Neto, S. G., Araújo, M. I., Cardoso, A. R. M., Alves, C. S. M., Silva, A. C. R., Pereira, S. T., & Gomes, S. B. (2021). O aumento das doenças psicossomáticas durante a pandemia e dificuldades no atendimento psicológico. *Research, Society and Development*, 10(8) e10710817004. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17004>.
- Pereira, F. M., & Neto, A. P. (2003) O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 19-27.
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da psicologia brasileira. In Conselho Federal de Psicologia (Org.). *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 17-31). Edicon.
- Pires, A. C. T., & Braga, S. M. T. (2009). O psicólogo na saúde pública: formação e inserção profissional. *Temas em Psicologia*, 17(1), 151-162.
- Portugal, F. T., & Souza, M. P. R. (2018). Algumas reflexões sobre a Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 617-621.
- Pulido-Martínez, H. C., & Burbano-Valente, J. (2020). La crítica de la psicología, trabajo y la pandemia de Covid-19. *Fractal: Revista de Psicología*, 32(3). <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/45576>.
- Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Presidência da República.
- Rezende, L. B. (2014). *Da formação à prática do profissional psicólogo: um estudo a partir da visão dos profissionais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora].
- Rosa, M. V. F. P. C. & Arnoldi, M. A. G. C. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados*. Autêntica.

- Santos, K. R., Monteiro, L. G., Torres, M. L. C., Sousa, L. G., & Coelho, A. R. (2014). Perfil dos psicólogos inscritos na sub-sede leste do CRP-04. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 864-878.
- Seixas, P. S., Coelho-Lima, F., Silva, S. G., & Yamamoto, O. H. (2013). Projeto Pedagógico de Curso e formação do psicólogo: uma proposta de análise. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 113-122.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, A. D. S., & Neiva-Silva, L. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). *Estudos de Psicologia*, 37. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.
- Siegmund, G., & Lisboa, C. (2015). Orientação psicológica on-line: percepção dos profissionais sobre a relação com os clientes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1).
- Silva, J. V., & Corgozinho, J. P. (2011). Atuação do Psicólogo, Suas/Cras e Psicologia social comunitária: possíveis articulações. *Psicologia e Sociedade*, 23, 12-21.
- Souza, M. P. R., Bastos, A. V. B., & Barbosa, D. R. (2011). Formação básica e profissional do psicólogo: análise do desempenho dos estudantes do ENADE-2006. *Avaliação Psicológica*, 10(3), 295-312.
- Soares, A. R. (2010). A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 8-41.
- Viana, D. M. (2020). Atendimento Psicológico online no contexto da pandemia de COVID-19. *Cadernos ESP*, 14(1), 68-73. <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399/215>.
- Witter, G. P., Bastos, A. V. B., Bomfim, E. M., & Guedes, M. C. (1992). Atuação do psicólogo: espaços e movimentos. In Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços* (pp. 161-180). Átomo.
- Yamamoto, O. H. (2012). 50 de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? *Psicologia Ciência e Profissão*, 32, 6-17.
- Zilli, A., & Mingrone, M. V. (2020). *Covid-19 e os contratos de trabalho*. Mizuno.

APÊNDICE A – TCLE

Esta pesquisa busca compreender os desdobramentos da formação profissional do psicólogo em sua inserção e atuação profissional, pensando na relação entre teoria e prática. Você é livre para trazer ou não sua colaboração. Suas respostas servirão para elaboração de estratégias que visem compreender e propor alternativas para favorecer essa inserção e atuação profissional dos psicólogos. Por se tratar de um instrumento de coleta de dados em página WEB, e sem a possibilidade de assinatura física. Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Você deve levar menos de 20 minutos para respondê-la. Este questionário é vinculado ao Programa de Pós-graduação da PUC Minas. Agradecemos a sua colaboração!

Sobre a sua participação na pesquisa:

() Concordo () não concordo

*Obrigatório

Leia atentamente os pontos abaixo antes de prosseguir:

- 1) Participe somente se você for psicólogo atuante em qualquer que seja o segmento de atuação.
- 2) Suas respostas são confidenciais e servirão para uma pesquisa científica, sem que você seja identificado.
- 3) Sua participação é voluntária e você pode interrompê-la a qualquer momento.
- 4) É aconselhável que o participante guarde uma cópia do TCLE.
- 5) Em caso de dúvidas, estou à disposição pelo e-mail: andrielepsico@gmail.com

APÊNDICE B – Perguntas do questionário**Inserção profissional de psicólogas(os) e sua relação com seus processos formativos**

Informações iniciais: Marque apenas uma alternativa

1. Qual a sua idade : *

a- () 22-30

b- () 30-40

c- () 40-59

d- () Mais de 60

2. Gênero *

a- () Feminino

b- () Masculino

c- () Outro

3. Escolaridade *

a- () Graduação

b- () Graduação, Cursos de aperfeiçoamento e especialização

c- () Graduação, mestrado e/ou doutorado

d- () Supervisões e grupos de estudo

e- () Outros. Especifique: _____

As perguntas a seguir buscam entender um pouco mais sobre a sua formação acadêmica.

4. Ano de formação da Graduação, em qual Instituição de Ensino, se formou?

5. Sua formação inicial correspondeu as suas expectativas em relação a proposta do curso?

a-() Sim

b- () Não

c- () Parcialmente

d- () Completamente

6- Qual experiência formativa na sua graduação foi mais significativa na sua formação? *

a- () Ensino em sala de aula

b- () Estágios curriculares e extracurriculares

c- () Iniciação científica e pesquisa

d- () Congressos, seminários

e- () Grupos de estudos

7- Na sua universidade existia um incentivo para desenvolvimento de projetos e pesquisas?

a- () Sim

b- () Não

c- () Às vezes

d- () Raramente

As perguntas a seguir buscam entender sobre a sua inserção e atuação profissional.

8- Qual a sua área de atuação profissional? *

a- () social

b- () clínica

c- () escolar

d- () empresarial

e- () Políticas públicas

9- Quais os principais problemas enfrentados para a inserção profissional?

a- () Falta de oportunidades, no mundo do trabalho;

- b- () Falta de concursos públicos;
- c- () Insegurança para atuar, dificuldade fazer uma correlação da teoria com a prática;
- d- () Receio de iniciar um trabalho de maneira autônoma;
- e- () Não identifico problemas para essa inserção profissional.

10- Sobre a formação continuada deve-se compreender a importância, de ser uma busca profissional e pessoal dos psicólogos, o que você considera ser importante, pensando em aprimorar sua atuação profissional?

- a- () Extremamente importante e necessária
- b- () Desnecessária para atuar na profissão
- c- () Indiferente, não é algo que busco ou me preocupo
- d- () Necessária, porém difícil de dar continuidade.

11- Você exerce outra atividade remunerada paralelamente?

- a- () Sim
- b- () Não
- c- () Pretendo mas ainda não consegui conciliar
- d- () Não, prefiro me dedicar totalmente em apenas uma atividade

12- Você conhece alguém que desistiu de atuar na psicologia, devido as dificuldades de inserção profissional?

- a- () Sim
- b- () Não
- c- () Nunca ouvi relatos

A pergunta a seguir são sobre suas percepções, a respeito da atuação profissional das psicólogas(os), nesse momento, sobre si mesmo, perante o contexto atual, e os anseios de futuro.

- 13- Estamos vivendo um momento de atuação na psicologia, que coloca os profissionais em uma situação de reinventar o fazer profissional, como você está lidando com essa situação, em relação ao trabalho remoto, na pandemia?

Você estaria disposto a conceder-nos uma entrevista individual sobre esse tema?

Caso positivo, deixe seu contato.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Na sua trajetória de formação acadêmica o que você acredita que contribuiu, e o que fez falta para a sua inserção e atuação profissional?
2. Qual a sua perspectiva profissional do futuro da Psicologia de acordo com a sua atuação hoje?
3. Quais as suas sugestões você daria sobre direções para estudos futuros, para o aprimoramento dos estudos e melhorias da Psicologia como ciência e profissão?
4. Você acredita que existe uma relação entre teoria e prática que compõem a sua experiência formativa?
5. Na sua opinião quais as possibilidades de atuação de um psicólogo?
6. Na sua opinião qual o maior desafio enfrentado pelos psicólogos para sua inserção e atuação profissional, tendo em vista tudo que esse fazer profissional envolve, as demandas da contemporaneidade, e pensando na singularidade do profissional, em como produzir sentido para essa prática?
7. Se você fosse convidada(o), para organizar um curso de psicologia que disciplinas colocaria, sabendo da importância dos processos formativos, para a inserção profissional.